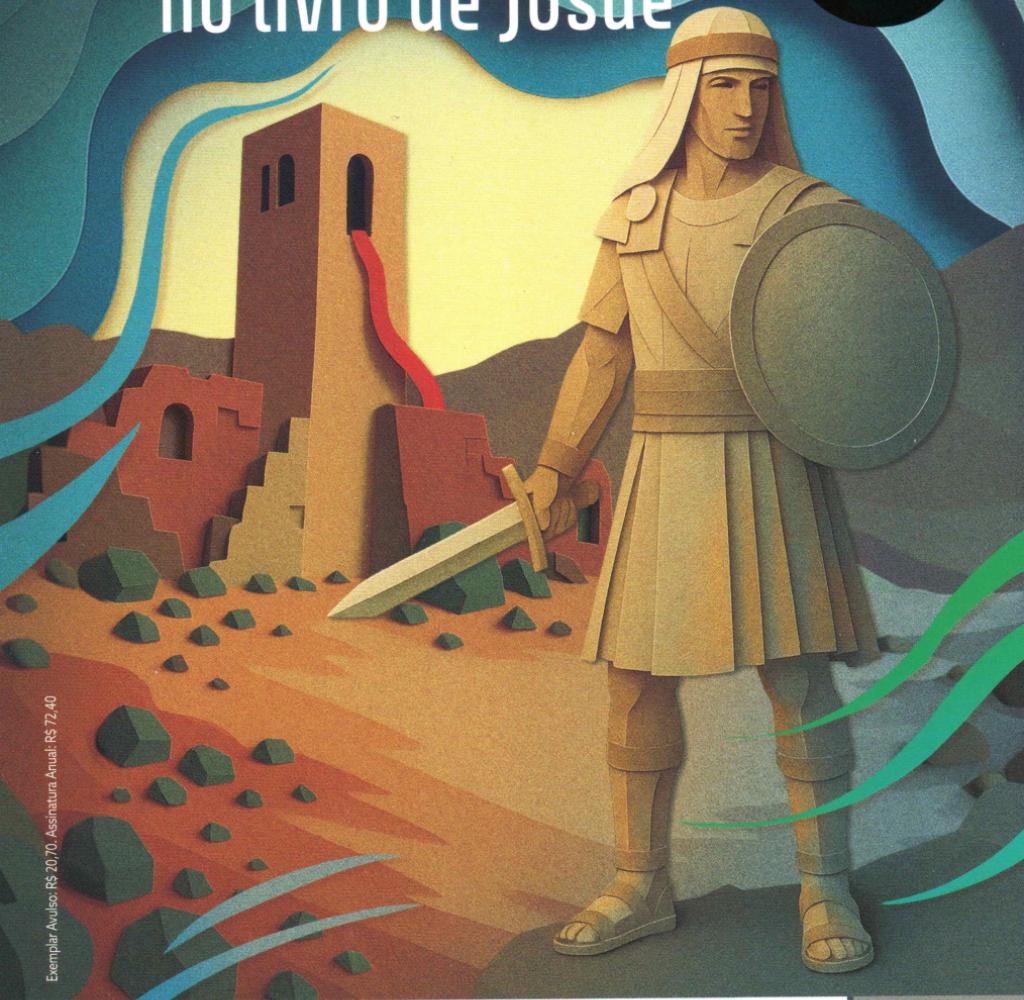


Lições de Fé no livro de Josué

PROFESSOR
OUT | NOV | DEZ
2025



Exemplar Avulso: R\$ 20,70. Assinatura Anual: R\$ 72,40

**LIÇÃO DA ESCOLA SABATINA ADULTOS
GUIA DE ESTUDO DA BÍBLIA**



SÁBADO, 27
SETEMBRO

RPSP: DT 11



VERSO PARA MEMORIZAR

“Tão somente seja forte e muito corajoso para que você tenha o cuidado de fazer segundo toda a Lei que o Meu servo Moisés lhe ordenou. Não se desvie dela, nem para a direita nem para a esquerda, para que seja bem-sucedido por onde quer que você andar” (Js 1:7).

Benjamin Zander, diretor musical da Orquestra Filarmônica de Boston, ministrou uma aula de interpretação musical. Percebendo a ansiedade dos alunos diante da avaliação de seu desempenho, para deixá-los à vontade e incentivar seu máximo potencial, ele anunciou no primeiro dia que todos receberiam nota 10. Segundo ele, essa nota não era uma expectativa a ser cumprida, “mas uma possibilidade a ser vivida”. O único requisito era que escrevessem uma carta nas duas primeiras semanas do semestre que tivesse a data do fim das aulas, explicando por que eles mereciam aquela nota.

O livro de Josué trata de novas possibilidades. Moisés, que liderou Israel por 40 anos, estava agora no passado. A saída do Egito e as peregrinações, marcadas por rebelião e temosia, haviam terminado. Uma nova geração, disposta a obedecer a Deus, estava pronta para entrar na Terra Prometida, não como uma expectativa a ser cumprida, mas como uma possibilidade a ser vivida.

Durante esta semana vamos estudar a maneira como Deus abriu um novo capítulo na vida de Israel e como Ele pode fazer o mesmo em nossa própria vida.

Leituras da semana

Dt 18:15-22; Js 1; Hb 6:17, 18; Ef 6:10-18; Sl 1:1-3; Rm 3:31

Um novo Moisés

1. **Leia Deuteronômio 18:15-22; Josué 1:1-9. Por que é relevante que o livro de Josué comece lembrando uma promessa relacionada ao que aconteceria após a morte de Moisés?**
-
-

O quinto capitulo de Josué serve como uma introdução ao novo líder. Embora Moisés tivesse morrido e Josué fosse o novo líder nomeado por Deus, existem paralelos entre eles. Ambos receberam a missão divina de conduzir Seu povo à terra que havia sido prometida aos seus antepassados. Como o Senhor disse a Josué: “Todo lugar em que puserem a planta do pé Eu darei a vocês, como prometi a Moisés” (Js 1:3). Josué terminaria o trabalho que havia sido originalmente dado a Moisés. Ele era, de fato, um novo Moisés.

2. **Leia Êxodo 33:11; Números 14:6, 30, 38; 27:18; 32:12; Deuteronômio 1:38; 31:23; 34:9. O que esses textos nos dizem sobre Josué?**

Nesse momento da história, a promessa de que Deus levantaria um profeta semelhante a Moisés (Dt 18:15) ainda era uma possibilidade, não uma realidade consumada. As palavras de abertura do livro de Josué lembram o leitor dessa promessa e, ao mesmo tempo, criam uma expectativa de seu cumprimento.

Embora tivesse morrido, Moisés ainda ocupa grande parte do primeiro capítulo. Seu nome é citado dez vezes, enquanto o de Josué apenas quatro. Moisés é chamado de “servo do SENHOR”, enquanto Josué é referido como o “auxiliar de Moisés” (Js 1:1) Levaria uma vida inteira de obediência e serviço fiel para que Josué recebesse o título de “servo do SENHOR” (Js 24:29).

Mesmo que o primeiro capítulo de Josué apresente a transição entre dois grandes líderes de Israel, o personagem mais importante é o próprio Senhor, cujas palavras abrem o livro e cuja direção é o seu tema principal. Não há dúvidas sobre quem é o verdadeiro Líder de Israel.

 Ao longo da História, Deus tem chamado homens e mulheres para liderar Seu povo. Por que é essencial lembrar quem é o verdadeiro e invisível Líder da igreja?

1 Atravesse! Tome! Dívida! Sirva!

3.1 Leia Josué 1. O que esse primeiro capítulo nos mostra sobre como o livro de Josué está dividido?

O primeiro capítulo de Josué serve como uma introdução a todo o livro. Ele está dividido em quatro partes, que correspondem às quatro seções principais do livro: travessia (Js 1:2-9), conquista (Js 1:10, 11), divisão da terra (Js 1:12-15) e serviço por meio da obediência à lei (Js 1:16-18). Podemos ver o livro de Josué como uma série de iniciativas divinas. Em cada uma, Deus confia a Josué uma tarefa específica relacionada à conquista de Canaã, e cada tarefa, ao ser concluída com sucesso, é reconhecida mais tarde no livro.

No fim, as promessas de Deus a respeito da ocupação da Terra Prometida seriam cumpridas. A partir daí, a responsabilidade de manter a terra estava nas mãos dos israelitas e só poderia ser realizada pela fé verdadeira e pela obediência que dela resulta.

As iniciativas de Deus são expressas por três verbos: cruzar, tomar e dividir. Cada uma dessas iniciativas recebe a resposta adequada na obediência do povo, que deriva da iniciativa final: o serviço.

O livro de Josué possui quatro seções principais, e em cada uma delas um conceito específico é destacado pela presença de uma palavra hebraica:

- (1) Atravessar (Js 1:1-5:12).
- (2) Tomar (Js 5:13-12:24).
- (3) Dividir (Js 13:1-21:45).
- (4) Servir (Js 22:1-24:33).

A estrutura do livro transmite sua mensagem principal: as iniciativas de Deus não se realizam de forma imediata e automática e exigem a resposta fiel de Seu povo. Diante de tudo o que Deus fez por nós – incluindo tudo o que não podemos fazer por nós mesmos –, somos chamados a responder com obediência. Foi assim que sempre aconteceu em toda a história sagrada, e continua assim hoje. A descrição do povo de Deus no tempo do fim, em Apocalipse 14:12, transmite a mesma ideia: a fé no que Deus fez por nós deve nos levar à obediência.

Quais promessas da Palavra de Deus são mais preciosas para você? Que resposta elas exigem para se cumprirem em sua vida?

Herdeiros das promessas

Em Josué 1:2, o Senhor disse ao líder de Israel que daria a terra a eles. Por outro lado, no verso seguinte, o texto hebraico indica que Deus já a havia concedido. Como entender isso?

A Terra Prometida era uma dádiva do Senhor, o seu verdadeiro dono. Em Josué 1:2 e 3, encontramos duas formas diferentes do verbo “dar”, que revelam dois aspectos importantes da herança da terra. A primeira forma expressa o processo de dar a terra. Apenas os territórios da Transjordânia haviam sido ocupados por Israel. A maior parte da Terra Prometida ainda não havia sido tomada.

Em Josué 1:3, o verbo é usado em sua forma verbal perfeita, dando a impressão de que a terra já havia sido dada a eles. Quando Deus é o sujeito de tais ações, a forma gramatical é chamada de “perfeito profético”: o que Deus promete em Sua Palavra é tão seguro que podemos confiar nisso como se essa realidade já tivesse se cumprido.

O verso 3 utiliza palavras no plural: “puserem”; “vocês”. Portanto, a promessa não era dada apenas a Josué, mas a cada um do povo de Israel. E o fato de que Deus havia feito essa promessa a Moisés mostra que Deus estava dando continuidade às Suas ações.

Além disso, o termo hebraico *kol* (traduzido como “todo”, “toda”, “todos”) é repetido várias vezes no primeiro capítulo, expressando a totalidade e integridade essenciais para atingir o propósito dado a Josué. O sucesso na conquista futura da Terra Prometida dependia de um alinhamento perfeito entre Deus, Josué e o povo de Israel.

Leia Josué 1:4-6 e Hebreus 6:17, 18. Naquele momento, a Terra Prometida era apenas uma promessa, mas Deus a chamava de herança. O que significa ser herdeiro das promessas de Deus?

As promessas de Deus não são algo mágico ou místico. Elas não têm, em si mesmas, o poder de garantir seu próprio cumprimento. A garantia de que elas se tornarão realidade está na presença de Deus, que diz: “Estarei com você” (Js 1:5). De fato, a presença do Senhor foi essencial para a sobrevivência de Israel. Sem ela, os israelitas seriam apenas mais uma nação dentre muitas – sem chamado, identidade ou missão especial (Êx 33:12-16). A presença do Senhor era tudo de que Josué precisava para ser bem-sucedido.

Hoje a realidade continua sendo a mesma, e é por isso que Jesus nos faz a promessa de Mateus 28:20.

1 Seja forte!

5. ♀ Leia Josué 1:7-9. Por que o Senhor repetiu duas vezes a Josué a necessidade de ser forte e corajoso?

A tarefa diante de Josué envolvia desafios que pareciam insuperáveis. As muralhas das cidades de Canaã pareciam impenetráveis, e a população dessa terra estava preparada para a guerra. Por outro lado, os israelitas, simples nômades, não possuíam nem mesmo as máquinas de guerra mais primitivas para enfrentar as muralhas fortificadas. Os registros históricos nos mostram que nem mesmo o Egito, a maior potência da época, era capaz de dominar Canaã permanentemente.

No entanto, o chamado para que Josué fosse forte e corajoso não estava relacionado apenas às estratégias de guerra. Força e coragem eram necessárias para permanecer fiel à Torá e seus requisitos específicos, que definiam a aliança de Israel com Yahweh, o Senhor.

6. Leia Efésios 6:10-18. Mesmo sem participar de combates militares, como podemos aplicar as palavras de encorajamento dadas a Josué em nossas lutas espirituais diárias?

Hoje, ao cumprir a missão que Cristo nos confiou, enfrentamos desafios semelhantes aos de Josué: precisamos travar uma guerra contra nossas próprias tendências pecaminosas e contra os poderes e as autoridades espirituais deste mundo de trevas. Assim como Josué, temos a garantia da presença de Cristo: “Eis que estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos” (Mt 28:20). Assim como a presença do Senhor foi suficiente para afastar todos os medos de Josué, também deve ser suficiente para banir nossas dúvidas e ansiedades hoje.

Nosso desafio é conhecer o Senhor o suficiente para confiar Nele e nas promessas que Ele nos faz. E é por isso que, mais do que qualquer outra coisa, precisamos de um profundo relacionamento pessoal com Ele.

 A questão crucial para nós hoje é a mesma enfrentada por Josué: Como podemos permanecer fiéis ao que a Palavra de Deus diz mesmo quando isso é impopular ou inconveniente?

Próspero e bem-sucedido

7.b Leia Josué 1:7-9; Gênesis 24:40; Isaías 53:10 e Salmo 1:1-3. Com base nesses textos, o que significa prosperar e ser bem-sucedido?

O termo hebraico *tsalakh*, “próspero” (ver Js 1:8), significa realizar de maneira satisfatória aquilo que foi planejado ou viver um estado de circunstâncias favoráveis.

O termo *sakal*, “bem-sucedido” (Js 1:8), também pode significar “ser prudente” ou “agir sabiamente”. Ocorre frequentemente em Jó, Provérbios e Salmos, onde a noção de sucesso está intimamente ligada a agir com sabedoria, temendo a Deus e obedecendo à Sua Palavra.

Nessa percepção, o sucesso não é necessariamente definido como ter prosperidade material, embora não a exclua. O verdadeiro sucesso é viver em harmonia com os valores e princípios espirituais que estão na base do mundo criado por Deus e que são expressos em Sua lei.

De fato, confiar nas promessas de Deus, especialmente na salvação pela fé somente, e obedecer à Sua lei não se opõem um ao outro. Representam dois aspectos da vida cristã.

8. Leia Romanos 3:31. O que esse texto diz sobre a relação entre lei e fé?

Pensar que a fé na morte expiatória e sacrificial de Jesus em nosso favor se opõe à obediência à lei de Deus é uma ideia falsa e perigosa. Lei e graça sempre andam juntas. Apenas uma compreensão superficial do papel da lei pode levar à conclusão de que lei e graça são opostas.

Os escritores do AT tinham grande respeito pela lei e a consideravam uma fonte de prazer (Sl 1:2; 119:70, 77, 174). Quando entendemos e utilizamos a lei corretamente, temos uma compreensão mais profunda de nossa própria pecaminosidade (Rm 7:7) e necessidade da justiça de Cristo (Gl 3:24).

... Mesmo observando a lei de Deus pela graça, como sua experiência mostra a necessidade da justiça de Cristo que nos cobre?

1 Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 420, 421 (“A travessia do Jordão”); *História da Redenção*, p. 125 (“Entrando na Terra Prometida”).

“Em Suas promessas e advertências, Jesus Se dirige a mim. Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho unigênito, para que eu, crendo, não pereça, mas tenha a vida eterna (ver Jo 3:16). As experiências relatadas na Palavra de Deus devem ser *minhas* experiências. Orações e promessas, mandamentos e advertências pertencem a mim. [...] À medida que a fé assim recebe e assimila os princípios da verdade, eles se tornam parte do próprio ser e a força motriz da vida. A Palavra de Deus, recebida no coração, molda os pensamentos e entra no desenvolvimento do caráter” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* [CPB, 2021], p. 307, grifo no original).

“Não há um ponto que necessite ser enfatizado com mais diligência, repetido com mais frequência ou estabelecido com mais firmeza na mente de todos do que a impossibilidade de o ser humano caído merecer alguma coisa pelas próprias e melhores boas obras. A salvação é unicamente pela fé em Jesus Cristo” (Ellen G. White, *Fé e Obras* [CPB, 2024], p. 12).

Perguntas para consideração

1. Mesmo que as circunstâncias da vida e das experiências de Josué sejam diferentes das nossas, que princípios espirituais podemos aprender com sua vida? Por que, apesar disso, sempre devemos nos lembrar do contexto original ao tirar lições para nós?
2. Qual é a relação entre as promessas de Deus e nossa obediência a Ele? Por que é perigoso enfatizar demais uma e deixar de lado a outra? O que ocorre quando destacamos tanto a lei que ignoramos a graça? E o que acontece quando enfatizamos tanto a graça que nos esquecemos da lei?
3. Com base nesta lição, como você definiria sucesso da perspectiva bíblica? Qual é o lugar da prosperidade na definição cristã de sucesso?
4. Imagine como Josué deve ter se sentido como sucessor de Moisés. Que promessa Deus lhe deu que certamente o sustentou em suas grandes responsabilidades? (Ver Js 1:5.)

Respostas às perguntas da semana: 1. Porque mostra que Deus já preparava a liderança e cumpre o que promete. 2. Josué foi escolhido por Deus, cheio do Espírito e fiel para continuar a missão de Moisés. 3. O livro se divide em preparação, conquista e posse da terra. 4. Confiar que o que Deus promete já é certo, mesmo antes de se cumprir. 5. A tarefa era desafiadora, e Josué precisava de coragem e confiança na presença e nas promessas de Deus. 6. Confiando na força de Deus e em Suas armaduras espirituais. 7. Significa ser guiado por Deus, obedecendo à Sua Palavra, produzindo frutos que refletem Sua vontade. 8. A fé não anula a lei, mas a confirma e dá sentido ao obedecer-lá.

Surpreendidos pela graça

2

SÁBADO, 4
OUTUBRO

RPSP: DT 18



VERSO PARA MEMORIZAR

“Pela fé, Raabe, a prostituta, não foi destruída com os desobedientes, porque acolheu os espias com paz” (Hb 11:31).

“Por que eu fiz isso de novo?” Provavelmente todos nós já dissemos essas palavras. Afinal, não só a história se repete e a humanidade continua a fazer as mesmas coisas, mas nós mesmos individualmente tropeçamos nas mesmas falhas. Quantas vezes repetimos os mesmos erros!

Israel recebeu uma segunda chance de entrar na Terra Prometida, e Josué levou essa missão a sério. O primeiro passo era compreender bem o desafio à sua frente. Por isso, Josué enviou dois espias para trazer informações valiosas sobre a terra: seu sistema de defesa, preparo militar, suprimentos de água e a atitude da população diante de uma força invasora.

Alguém poderia pensar que a promessa de Deus de dar a terra aos israelitas não exigiu nenhum esforço deles. No entanto, a garantia do apoio divino não anula a responsabilidade humana. Israel estava pela segunda vez nas fronteiras de Canaã. As expectativas eram altas, mas na última vez que Israel esteve na fronteira e teve a mesma tarefa, experimentou um fracasso gigantesco.

Nesta semana, vamos explorar duas das histórias mais fascinantes do livro de Josué e descobrir sua relevância para nossa fé hoje. A graça de Deus tem infinitas possibilidades de nos surpreender.

Leituras da semana

Js 2:1-21; Nm 14:1-12; Hb 11:31; Éx 12:13; Js 9; Ne 7:25

Segunda chance

- 1. Leia Josué 2:1; Números 13:1, 2, 25-28, 33; 14:1-12. Por que Josué começou a missão de conquistar a Terra Prometida enviando espías?**

2

Sitim, o lugar de onde os dois espías foram enviados, nos lembra de dois episódios negativos da história de Israel.

O primeiro é outra história de espionagem (ver Nm 13) que possui os mesmos elementos essenciais: o envio dos espías; a incursão secreta dos espías em território inimigo; o retorno deles; o relatório sobre o que descobriram e a decisão de agir com base nesse relatório.

O outro incidente, ocorrido em Sitim, representa uma das mais desafiadoras e idólatras violações da aliança: influenciados por Balaão, os israelitas se envolveram em orgias com mulheres moabitas e adoraram seus deuses (Nm 25:1-3; 31:16). Diante disso, surge uma questão crucial: o povo repetiria o fracasso na fronteira da Terra Prometida ou finalmente veriam a antiga promessa se cumprir?

- 2. Leia João 18:16-18, 25-27; 21:15-19. Quais semelhanças existem entre a segunda chance dada a Israel como nação e a Pedro como indivíduo?**

O Senhor é um Deus de segundas chances (e de muitas outras!). A Bíblia chama essa segunda chance de “graça”, que é simplesmente Deus oferecendo aquilo que não merecemos. O ensino da Bíblia está repleto do conceito de graça (ver Rm 5:2; Ef 2:8; Rm 11:6). Deus, em Sua graça, oferece a todos a possibilidade de um novo começo (Tt 2:11-14). O próprio Pedro experimentou essa graça e exortou a igreja a crescer em graça (2Pe 3:18). E as notícias ficam ainda melhores: recebemos muito mais do que uma segunda chance, não é mesmo? (O que seria de nós se não recebêssemos?)

 Os israelitas receberam uma oportunidade de entrar em Canaã, e Pedro experienciou a graça depois de negar o Senhor. O que esses exemplos nos ensinam sobre como devemos estender graça àqueles que precisam dela?

Valor em lugares inesperados

3. Leia Josué 2:2-11; Hebreus 11:31; Tiago 2:25. O que esses textos nos dizem sobre Raabe?

2

Um elemento bastante importante da história de Raabe é a mentira que ela contou para proteger os espias. Quando consideramos esse fato, precisamos lembrar que ela estava inserida em uma sociedade extremamente pecaminosa, o que levou à decisão de Deus de trazer juízo sobre essa sociedade (Gn 15:16; Dt 9:5; Lv 18:25-28). É verdade que o NT exalta a fé de Raabe, mas uma análise atenta do que ele diz sobre essa personagem revela que em momento algum a Bíblia aprova tudo o que ela fez e jamais aprova sua mentira.

Hebreus 11:31 confirma a fé de Raabe em proteger os espias em vez de escolher se apegar a uma cultura pecaminosa. Tiago 2:25 elogia Raabe por oferecer hospedagem aos dois espias israelitas e por dar-lhes instruções sobre como retornar por uma rota segura. Em meio a uma cultura decadente e corrupta e ao próprio estilo de vida pecaminoso de Raabe, Deus, em Sua graça, viu uma centelha de fé por meio da qual Ele poderia salvá-la. O Senhor usou o que era bom em Raabe – que era a fé Nele e a escolha de pertencer ao Seu povo –, mas nunca aprovou tudo o que ela fez. Deus valorizou Raabe por sua coragem excepcional, por sua fé corajosa, por ser uma agente de salvação e por escolher o Deus de Israel. Depois de ver o que estava acontecendo, ela declarou: “O SENHOR, o Deus de vocês, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra” (Js 2:11). É notável ver uma mulher cananeia reconhecendo que Yahweh é o único Deus, especialmente em um terraço onde, segundo o costume daquela religião pagã, geralmente eram feitas orações às supostas divindades celestiais.

Encontramos palavras semelhantes às de Raabe em textos que ensinam que apenas Deus merece adoração (Êx 20:3-6; Dt 4:39; 5:8), demonstrando uma escolha consciente de reconhecer o Deus dos israelitas como a única divindade. Sua confissão demonstra que ela compreendia que a soberania de Deus estava ligada ao juízo que Ele traria a Jericó.

A decisão de Raabe revela que, à luz do juízo de Yahweh, havia apenas duas possibilidades: continuar em rebelião contra Ele e ser eliminado ou escolher se render pela fé. Ao escolher o Deus dos israelitas, Raabe se tornou um exemplo do que poderia ter sido o destino de todos os habitantes de Jericó caso tivessem se voltado para o Deus de Israel em busca de misericórdia.

 O que essa história nos ensina sobre oferecer a Deus nossa lealdade suprema?

Novo compromisso

- 4.** *Leia Josué 2:12-21; Éxodo 12:13, 22, 23. Como esses textos nos ajudam a entender o acordo entre os espias e Raabe?*

2

O acordo de Raabe era muito claro: vida por vida e bondade por bondade. O termo hebraico *hesed* (Js 2:12), geralmente traduzido como “misericórdia” ou “amor leal”, possui uma riqueza de significado que é difícil de expressar em uma só palavra em outras línguas. Refere-se especialmente à lealdade que existe dentro de um relacionamento de aliança, mas também transmite as ideias de fidelidade, misericórdia, benevolência e bondade.

As palavras de Raabe também lembram Deuteronômio 7:12, em que o próprio Yahweh jurou manter Seu *hesed* para com Israel: “Se vocês derem ouvidos a estes juízos, e os guardarem e cumprirem, o SENHOR, seu Deus, guardará a aliança e a misericórdia [*hesed*] prometida sob juramento aos seus pais.”

É interessante observar que o mesmo capítulo (Dt 7) prescreve a condenação ou anátema (em hebraico, *hérém*) sobre os cananeus. O livro de Josué apresenta Raabe, uma cananeia que seria entregue à destruição, e ainda assim reivindicou, por meio de uma fé inicial, as promessas que haviam sido dadas aos israelitas. Como resultado, ela foi salva.

Quando examinamos a conversa dos espias com Raabe, a primeira imagem que vem à mente é a da Páscoa. Para que os israelitas fossem protegidos, eles tinham que ficar dentro de suas casas e marcar os umbrais e as vergas das portas de suas casas com o sangue do cordeiro sacrificial (Êx 12:13, 22, 23).

“Pela obediência, o povo devia dar prova de fé. Assim, todos os que esperam ser salvos pelos méritos do sangue de Cristo devem conscientizar-se de que eles próprios têm algo a fazer para conseguir a salvação. Embora apenas Cristo possa nos remir da pena da transgressão, devemos desviar-nos do pecado para a obediência. O ser humano é salvo pela fé, e não pelas obras; contudo, a fé deve ser mostrada pelas obras” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* [CPB, 2022], p. 232).

Nesse caso, o sangue foi um sinal que salvou os israelitas do anjo destruidor. Assim como Deus pouparia a vida dos israelitas durante a última praga no Egito, eles deveriam salvar Raabe e sua família quando a destruição chegassem a Jericó.

Que poderosa mensagem sobre o evangelho encontramos nessas duas histórias? Que lições elas nos ensinam?

Valores conflitantes

- 5. Leia Josué 9:1-20. Quais são as semelhanças e diferenças entre a história de Raabe e a dos gibeonitas? Por que elas são relevantes?**

2

O capítulo 9 de Josué começa nos informando que os reis cananeus que governavam pequenas cidades-estados decidiram criar uma coalizão contra os israelitas. Por outro lado, os habitantes de Gibeão decidiram fazer uma aliança com Israel.

Para enganar os israelitas e conseguir uma aliança com eles, os gibeonitas fingiram ser embaixadores de um país estrangeiro. De acordo com Deuteronômio 20:10-18, Deus fez uma distinção entre os cananeus e os povos que viviam fora da Terra Prometida.

A palavra traduzida como “astúcia” (Js 9:4) pode ter um sentido positivo, indicando prudência e sabedoria (Pv 1:4; 8:5, 12), ou negativo, envolvendo intenção criminosa (Êx 21:14; 1Sm 23:22; Sl 83:3). No caso dos gibeonitas, por trás de sua ação traíçoeira havia a intenção menos destrutiva de autopreservação.

O discurso dos gibeonitas é surpreendentemente semelhante ao de Raabe. Ambos reconheceram o poder do Deus de Israel, admitindo que o sucesso de Israel não era simplesmente um feito humano. Em contraste com outros cananeus, eles não se rebelaram contra o plano de Yahweh de conceder a terra aos israelitas, afirmando que o próprio Senhor estava expulsando aquelas nações diante de Israel. As notícias da libertação do Egito, bem como a vitória sobre Ogue e Seom, levaram Raabe e os gibeonitas a buscar uma aliança com os israelitas. No entanto, em vez de reconhecer totalmente sua disposição de se render ao Deus de Israel, como Raabe havia feito, os gibeonitas recorreram a um subterfúgio.

A Lei de Moisés apresenta orientações sobre como conhecer a vontade de Deus em casos como esse (Nm 27:16-21). Josué deveria ter perguntado sobre a vontade do Senhor e evitado o engano dos gibeonitas.

O dever fundamental de um líder de Israel, bem como de qualquer líder cristão, é buscar a vontade de Deus (1Cr 28:9; 2Cr 15:2; 18:4; 20:4). Ao negligenciá-la, os israelitas foram levados a violar as condições fundamentais da conquista da terra ou a quebrar um juramento feito em nome do Senhor, o qual eram obrigados a cumprir.

💡 Você já se encontrou em um dilema, tentando conciliar dois valores bíblicos que parecem estar em conflito?

Graça surpreendente

6.º Leia Josué 9:21-27. Como a solução de Josué combinou justiça com graça?

2

Mesmo que o povo de Israel quisesse atacar os gibeonitas, eles não podiam fazê-lo por causa do juramento feito pelos chefes da congregação. Os líderes israelitas agiram de acordo com o princípio de que um juramento, desde que não envolvesse transgressão ou intenção criminosa (Jz 11:29-40), devia ser cumprido, mesmo que levasse a prejuízo pessoal.

Segundo o AT, ser prudente antes de fazer um juramento e manter o juramento são virtudes do povo de Deus (Sl 15:4; 24:4; Ec 5:2, 6). Como o juramento foi feito em nome do Senhor, o Deus de Israel, os líderes não podiam voltar atrás.

Com o juramento feito pelos líderes, o destino de Israel estava inseparavelmente ligado ao dos gibeonitas. Ao serem designados como “rachadore de lenha e tiradores de água para a casa” de Deus (Js 9:23), os gibeonitas se tornaram parte da comunidade de Israel. Os chefes de Israel decretaram que os gibeonitas serviriam a “toda a congregação” (Js 9:21). A resposta de Josué, destacando o serviço para a casa de Deus, em contraste com esse veredito, transformou a maldição em uma bênção potencial para eles (2Sm 6:11).

A história posterior de Gibeão revela os altos privilégios religiosos de que a cidade desfrutava, bem como sua lealdade ao povo de Deus. O voto feito por Israel permaneceu em vigor por muitas gerações, de modo que quando os israelitas retornaram do cativeiro babilônico, os gibeonitas estavam entre aqueles que ajudaram a reconstruir Jerusalém (Ne 7:25). Suas ações teriam consequências eternamente positivas, mas somente por causa da graça de Deus.

O que poderia ter acontecido se os gibeonitas tivessem revelado sua identidade e pedido misericórdia como Raabe fez? Não sabemos, mas não podemos descartar a possibilidade de que até mesmo consultar a vontade de Deus poderia ter livrado os gibeonitas da destruição. O propósito final de Deus não é punir os pecadores, masvê-los se arrependerem e conceder-lhes Sua misericórdia (ver Ez 18:23; Ez 33:11). Devemos entender o subterfúgio dos gibeonitas como um apelo à misericórdia de Deus, ao Seu caráter de bondade e justiça. Foi a recusa dos cananeus em se arrepender e seu desafio aos propósitos de Deus que levaram à decisão divina de eliminá-los (Gn 15:16). O Senhor honrou o fato de que os gibeonitas reconheceram Sua supremacia, desejaram paz em vez de rebelião e estavam dispostos a abandonar a idolatria e adorar o único Deus verdadeiro.

Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 420–422 (“A travessia do Jordão”).

Após o relato de Raabe e os espias, a Bíblia não a menciona até que seu nome surge novamente na genealogia de Jesus. Ela se casou com Salmom, da tribo de Judá, tornando-se mãe de Boaz e sogra de Rute, outra mulher notável (Mt 1:5; Rt 4:13, 21). Por meio de sua fé em Deus, a prostituta de Jericó, condenada à destruição, tornou-se um elo significativo na linhagem real de Davi e antepassada do Messias. Isso é o que Deus é capaz de realizar por meio da fé, mesmo que seja apenas do tamanho de um grão de mostarda (Mt 17:20; Lc 17:6).

“Sua conversão [de Raabe] não foi um caso isolado da misericórdia de Deus para com os idólatras que reconheceram Sua divina autoridade. No meio daquele território, um povo numeroso – os gibeonitas – renunciou ao paganismo, unindo-se a Israel e partilhando das bênçãos da aliança.

“Deus não reconhece nenhuma distinção em matéria de nacionalidade ou classe social. Ele é o Criador de toda a humanidade. Pela criação, os seres humanos são membros de uma mesma família, e todos são um pela redenção. Cristo veio para demolir todo muro de separação, para abrir cada compartimento das cortes do templo, a fim de que cada pessoa pudesse ter livre acesso a Deus. Seu amor [...] chega a todos os lugares. Esse amor tira da influência de Satanás os que foram iludidos por seus enganos” (Gl 3:28, NTLH; Ellen G. White, *Profetas e Reis* [CPB, 2021], p. 217).

Perguntas para consideração

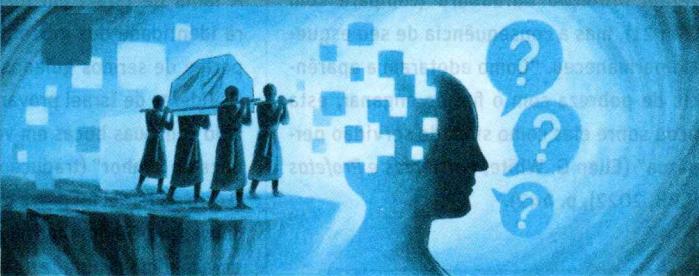
1. Como podemos estender “segundas chances” aos outros sem distorcer e utilizar mal esse conceito? Pense em uma mulher que vive um relacionamento abusivo. Ela deve expressar uma suposta “graça” e permitir que o abuso continue? Nesse caso, como podemos encontrar o equilíbrio?
2. Pense em Raabe como exemplo de fé. Quando reconhecer que alguém está se abrindo para Deus, mesmo que sua vida ainda esteja longe do ideal bíblico? Podemos reconhecer a fé dessas pessoas sem aprovar todas as suas práticas?
3. Josué combinou justiça e graça para resolver a situação causada pelo engano dos gibeonitas e por sua própria negligência em consultar o Senhor. Alguma situação em sua vida requer justiça e graça? Como você deve agir?

Respostas às perguntas da semana: 1. Porque aprendeu com o passado que a fé deve andar com sabedoria e preparo. 2. Ambos falharam, mas receberam graça para recomeçar e cumprir seu propósito com Deus. 3. Mesmo com um passado reprovável, ela foi salva pela fé e demonstrou essa fé com ações. 4. Mostram a importância do sinal do sangue, refletido no pacto de proteção feito por Raabe com os espias. 5. Raabe buscou aliança com Deus, enquanto os gibeonitas usaram engano; ambas mostram a graça divina que os incluiu no povo de Deus. 6. Josué impôs justiça ao castigar os gibeonitas, mas ofereceu graça ao poupar-lhos da destruição total.

SÁBADO, 11
OUTUBRO

RPSP: DT 25

**VERSO PARA
MEMORIZAR**



“O SENHOR, o seu Deus, fez secar as águas do Jordão diante de vocês, até que vocês tivessem passado, como o SENHOR, o seu Deus, fez com o Mar Vermelho, que Ele secou diante de nós, até que tivéssemos passado. Para que todos os povos da terra saibam que a mão do SENHOR é forte, a fim de que vocês temam o SENHOR, seu Deus, todos os dias” (Js 4:23, 24).

O policial sinalizou, e João teve que encostar. O policial pediu sua carteira de motorista. Naquele momento, ele percebeu que a havia deixado no escritório. João explicou a situação, e o policial perguntou em que ele trabalhava. Ele disse que era professor. Quando o policial aplicou uma multa a João, disse que ele não deveria encarar isso como uma multa.

“É uma mensalidade”, ele disse. “Quando as pessoas querem aprender alguma coisa, elas pagam uma mensalidade. E esta é sua mensalidade para aprender a não esquecer sua carteira ao dirigir. Tenha um bom dia, professor!”

Como seres humanos, temos a tendência de esquecer aquilo que não está à nossa vista. Esquecemos de retornar ligações, responder e-mails, regar plantas, enviar mensagens de aniversário e assim por diante. A lista poderia continuar. No entanto, esquecer de nossas necessidades espirituais pode ter consequências bem mais graves do que simplesmente receber uma multa, especialmente porque estamos lidando com o nosso destino eterno.

Nesta semana, vamos estudar sobre a travessia do Jordão e descobrir o que podemos aprender com as experiências do povo de Israel.

Leituras da semana

Js 3; Nm 14:44; Lc 18:18-27; Js 4; Jo 14:26; Hb 4:8-11

Cruzando o Jordão

1. **Leia Josué 3:1-5; Números 14:41-44. Por que Deus pediu aos israelitas que se preparamsem de forma especial para o que estava prestes a acontecer?**
-
-

3

Esta é a primeira vez que a arca da aliança é mencionada no livro de Josué (Js 3:3). Até então, a arca havia aparecido no contexto do santuário (Êx 40:21), na jornada de Israel do monte Sinai (Nm 10:33-36) e na tentativa malsucedida de conquistar Canaã (Nm 14:44). A arca era o objeto mais sagrado do santuário israelita e continha três objetos, cada um expressando o relacionamento especial de Israel com Deus: (1) as tábuas dos Dez Mandamentos; (2) a vara do sumo sacerdote Arão; e (3) uma urna contendo o maná (Êx 16:33; Hb 9:4).

A arca e os preparativos para atravessar o Jordão lembraram aos israelitas de que eles não estavam entrando em Canaã da maneira e no tempo que desejavam. A conquista seria bem-sucedida apenas caso seguissem a vontade e o cronograma de Deus. O Senhor entraria em Canaã à frente dos israelitas como aquele que iria liderar a conquista. Por isso, Ele é descrito como entronizado acima dos querubins que cobriam a arca da aliança (Êx 25:22; Nm 7:89), e Ele Se moveria à medida que a arca avançasse.

O termo traduzido como “santifiquem-se” (Js 3:5) se refere a um processo de purificação semelhante ao que os sacerdotes seguiam antes de começar seu serviço no santuário (Êx 28:41; 29:1) e ao que o povo de Israel realizou antes da revelação de Deus no Sinai (Êx 19:10, 14). Essa consagração envolvia abandonar o pecado e remover todas as impurezas rituais. A mesma ordem ocorre em Números 11:18, relacionado a um iminente milagre de Deus. Essa preparação era necessária também antes de batalhas travadas em uma guerra (Dt 23:14). Antes que Deus pudesse lutar por Israel em batalha, eles deveriam mostrar sua lealdade a Ele e confiar Nele como seu Comandante. O milagre da travessia do Jordão iria provar aos israelitas que a promessa do Senhor de expulsar os povos da Terra Prometida era digna de confiança. Se Deus era capaz de garantir a passagem seca pelo Jordão, também poderia conceder-lhes aquele território.

 Deus nem sempre abre o rio Jordão. Suas intervenções nem sempre são tão visíveis. Como podemos nos preparar espiritualmente para perceber e reconhecer as formas de Deus agir em nosso favor?

O Deus das maravilhas

2. Leia Josué 3:6-17. O que a travessia milagrosa do Jordão nos diz sobre o Deus a quem servimos?

3

A travessia do rio Jordão é descrita em Josué 3:5 pela palavra hebraica *niphla'ot* (“maravilhas, milagres”), que geralmente se refere aos atos poderosos e sobrenaturais de Deus e que mostram que Ele está acima de todas as criaturas (Sl 72:18; 86:10). Mais tarde, os israelitas meditavam sobre esses atos e, como resultado, louvavam o Senhor (Sl 9:1) e O proclamavam entre as nações (Sl 96:3). Algumas dessas maravilhas foram as pragas do Egito (Êx 3:20; Mq 7:15), a travessia do Mar Vermelho e a direção de Deus no deserto (Sl 78:12-16).

Os autores bíblicos sabiam e testemunharam o fato de que o Deus que criou o mundo não é limitado por Sua criação. Para Ele, “nada é demasiadamente difícil” (Jr 32:17; literalmente, “nada é maravilhoso demais”). Seu nome e Sua natureza são maravilhosos (Jz 13:18), pois Ele está além de nossa compreensão.

Em contraste com os deuses das outras nações, que não podem salvar (Sl 96:5; Is 44:8), o Deus da Bíblia é um “Deus vivo” e ativo, e aqueles que O seguem podem confiar que Ele intervirá em seu favor.

O profeta Zacarias usou um termo semelhante (que vem da mesma raiz de *niphla'ot*) ao prever um futuro para Israel após o exílio babilônico. Ele viu que Jerusalém seria totalmente reconstruída, idosos se sentariam nas praças da cidade, e meninos e meninas brincariam lá. Zacarias declarou aos habitantes da capital, aparentemente incrédulos, já que a cidade ainda exibia os sinais de sua destruição: “Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Isso pode parecer impossível aos olhos do remanescente deste povo naqueles dias, mas não será impossível para Mim, diz o SENHOR dos Exércitos. Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Eis que salvarei o Meu povo, tirando-o da terra do Oriente e da terra do Ocidente. Eu os trarei, e habitarão em Jerusalém” (Zc 8:6-8).

Leia Lucas 18:18-27. Como a resposta de Jesus aos Seus discípulos o encoraja a confiar em Deus diante do que parece impossível?

Lembre-se

3. Leia Josué 4. Por que Deus pediu aos israelitas que construissem um memorial?

3

O propósito daquelas pedras era se tornarem um “sinal” (Js 4:6). O termo hebraico ‘ot é frequentemente associado à palavra “maravilha”, e pode se referir a atos miraculosos feitos por Deus (veja o estudo de ontem), como as pragas do Egito (Êx 7:3; Dt 4:34). Também pode se referir a um “símbolo”, como um sinal externo de uma realidade mais profunda ou transcendente. Por exemplo, o arco-íris é um “sinal” da aliança (Gn 9:12, 13); o sangue nos batentes e nas vergas das casas israelitas também é chamado de “sinal” (Êx 12:13); e mais significativamente o sábado é um “sinal” da criação e da presença santificadora de Deus (Êx 31:13, 17; Ez 20:12).

Em Josué 4, o sinal é um memorial, lembrando cada geração posterior do milagre da travessia. O termo traduzido como “memorial” (zikkaron) vem da palavra zakar, “lembra”, que indica mais do que um ato passivo de recordar algo. Significa lembrar-se e praticar a ação correspondente (Dt 5:15; 8:2). Na época do AT, era comum criar memoriais de pedra (Gn 28:18-22) e realizar rituais que despertavam perguntas (Êx 12:26, 27; Dt 6:20-25). Em vez de repetir os milagres, Deus estabeleceu monumentos que trariam à memória Seus grandes atos e desencadeariam respostas significativas. O sinal estaria lá por muito tempo, levando o povo a manter esse milagre do Senhor em sua memória coletiva para sempre.

A pergunta que seria feita pelas gerações futuras é bastante significativa, porque é formulada de forma pessoal: “O que significam estas pedras para vocês?” (Js 4:6). Cada nova geração deveria internalizar e entender o significado dessas pedras para si mesma pessoalmente. A fé em um Deus que faz milagres pode ser mantida viva somente se cada geração redescobrir o significado dos atos poderosos de Yahweh para si mesma. Esse tipo de fé fará uma grande diferença entre (1) viver fielmente as tradições fundamentadas na Bíblia e (2) o *tradicionalismo*, que é a religião morta da geração viva, sem o seu valor e fervor originais. No fim, precisamos desenvolver pessoalmente uma fé alicerçada na Bíblia. Ninguém, especialmente nossos antepassados, pode crer por nós.

Quais são alguns dos seus memoriais pessoais que marcam sua caminhada com o Senhor e o ajudam a lembrar-se do que Ele fez por você?

Esquecimento

4. Leia Josué 4:20-24 à luz dos seguintes textos: Juízes 3:7; 8:34; Salmo 78:11; Deuterônômio 8:2, 18; Salmo 45:17. Por que é tão importante lembrar os feitos poderosos do Senhor?

3

Observe a mudança em Josué 4:23. Segundo Josué, as águas do Jordão secaram diante de “vocês”, isto é, diante de todos os israelitas que haviam acabado de cruzar o rio. Por outro lado, ele diz que o Mar Vermelho secou diante de “nós”, aqueles que ainda estavam presentes desde a primeira geração e que tinham vivenciado o êxodo. Os dois eventos vividos por duas gerações diferentes tinham um significado semelhante, o que permitiu à segunda geração, por meio do testemunho de seus pais, redescobrir o mesmo significado da travessia do Jordão.

5. Geralmente, consideramos o esquecimento uma característica normal de todos os seres humanos. No entanto, esquecer-se no sentido espiritual pode levar a consequências sérias.

Mesmo hoje, se quisermos manter nossa identidade, como um povo que possui um chamado e missão peculiares, teremos que criar ocasiões para renovar nossa memória espiritual individual e coletiva, a fim de manter em foco de onde viemos, quem somos e qual é nosso propósito neste mundo.

5. Leia 1 Coríntios 11:24, 25; João 14:26. Por que sempre devemos lembrar o que Cristo fez por nós? Sem isso, as demais coisas ainda têm algum sentido?

Ellen G. White entendeu claramente que, sem nos guiarmos constantemente pela luz dos atos e das revelações passadas de Deus, certamente perderemos a motivação para cumprir nossa missão no futuro: “Nada temos a temer com relação ao futuro, a menos que nos esqueçamos da maneira pela qual o Senhor tem nos conduzido e de Seus ensinos em nosso passado” (Vida e Ensinos [CPB, 2024], p. 143).

💡 Embora seja importante nos lembrarmos do passado e de como o Senhor agiu em nossa vida, por que devemos ter uma experiência diária com Ele e com a realidade de Seu amor e Sua presença?

Além do Jordão

“Transformou o mar em terra seca; Eles atravessaram o rio a pé; ali, nos alegramos Nele” (Sl 66:6).

Tanto a travessia do Mar Vermelho quanto a do Jordão marcam uma nova era na história bíblica, e ambas possuem um significado muito importante (ver Sl 66:6; 114:1-7; 2Rs 2:6-15). O próprio AT liga esses dois eventos e destaca que o significado deles vai além de seus cenários originais. No Salmo 66, o salmista celebrou o ato redentor de Deus em sua vida (Sl 66:16-19), referindo-se aos exemplos históricos da travessia do Mar Vermelho e do Jordão.

O Salmo 114 também une esses dois eventos, não porque o autor não tenha visto uma diferença cronológica entre eles, mas por causa do significado teológico que as duas travessias compartilham. Ambos os eventos contribuíram para uma mudança na condição de Israel, o primeiro, da escravidão para a liberdade, e o segundo, da ausência de uma terra fixa para a formação de uma nação estabelecida. Nesses salmos, os exemplos das duas travessias ilustram que o autor estava saindo de um estado de opressão, pobreza, desamparo e humilhação e recebendo segurança, bem-estar, salvação e dignidade.

Ao ser trasladado perto do Jordão, Elias também viveu um milagre semelhante ao registrado em Josué. Para Elias, a travessia trouxe a mudança de condição mais significativa de sua vida: ele foi levado para o Céu. Para Eliseu, a mudança também era importante: o assistente do profeta (1Rs 19:21) se tornaria o profeta da nação (2Rs 2:22).

6. Leia Mateus 3:16, 17 e Marcos 1:9. Como esses escritores do Novo Testamento descrevem o significado simbólico e espiritual do rio Jordão?

O ministério terrestre de Jesus, como o Representante de Israel, segue o padrão da história do antigo Israel. Jesus passou pelas experiências do “Mar Vermelho” e do “Jordão”. Ele foi chamado para fora do Egito após um decreto de morte (Mt 2:14-16), passou 40 dias no deserto (Mt 4:2), semelhantes aos 40 anos do antigo Israel, e, como uma transição de Sua vida privada para Seu ministério público, Ele foi batizado no Jordão (Mt 3:16, 17; Mc 1:9).

Mais tarde, Hebreus 3 e 4 reconhecem o significado simbólico da travessia do Jordão e apresentam a entrada em Canaã como prenúncio do “descanso da graça” em que os cristãos entram pela fé.

Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 421-425 (“A travessia do Jordão”).

“Estudem cuidadosamente as experiências de Israel em sua viagem para Canaã. Estudem o terceiro e quarto capítulos de Josué, que registram o preparo deles para cruzar o Jordão e sua passagem pelo rio para entrar na terra prometida. Precisamos manter a mente e o coração preparados mediante a renovação da memória com as lições que o Senhor ensinou ao Seu antigo povo. Assim fazendo, os ensinos de Sua Palavra serão para nós sempre interessantes e impressivos, como Ele desejava que fossem para eles” (Comentários de Ellen G. White, *Comentário Bíblico Adventista*, v. 2, p. 1096).

“O Israel moderno está em maior perigo de esquecer-se de Deus e ser levado à idolatria do que o antigo povo de Deus. Muitos ídolos são adorados, mesmo entre os professos observadores do sábado. Deus advertiu Seu antigo povo a guardar-se da idolatria, pois, caso se desvisasse do Deus vivo, Sua maldição recairia sobre ele, ao passo que, se O amasse ‘de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força’ (Mc 12:33), Ele abençoaria abundantemente seu cesto e sua amassadeira e removeria do meio dele toda enfermidade” (Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* [CPB, 2021], v. 1, p. 530).

3

Perguntas para consideração

1. Analise a travessia miraculosa do Jordão, o significado do milagre e por que milagres assim parecem não ocorrer hoje.
2. Como evitar o esquecimento espiritual? Por mais importante que seja desenvolver um relacionamento contínuo com Deus, e não basear toda a nossa jornada cristã em poderosas experiências passadas, como usar nossas experiências como lembretes de como Deus trabalhou em nossa vida?
3. O sábado pode nos ajudar a lembrar das intervenções de Deus em nossa vida e nos dar uma amostra do descanso prometido em Seu reino eterno? De que maneiras o sábado aponta não apenas para o que devemos lembrar, mas também para o que podemos esperar do futuro?

Respostas às perguntas da semana: 1. Deus pediu que os israelitas se preparamsem porque Ele iria realizar um milagre, e eles precisavam santificar-se. Em Números 14, a tentativa de lutar sem a direção divina resultou em derrota. 2. A travessia milagrosa revela que o Senhor é poderoso, soberano e fiel às Suas promessas. Ele controla a natureza e age em favor do Seu povo. 3. O memorial (12 pedras) servia para lembrar às futuras gerações o poder de Deus, fortalecendo a fé e a identidade de Israel como povo escolhido. 4. Lembrar os feitos do Senhor fortalece a fé, ensina a dependência Dele e preserva Seu legado. 5. Lembrar a morte de Cristo, por meio da Santa Ceia, renova a gratidão e conexão com a salvação. Sem isso, perdemos o sentido do evangelho. O Espírito Santo nos ajuda a recordar Sua obra. 6. O Jordão simboliza transição (da peregrinação para a vida estabelecida; do batismo de João para o ministério de Jesus) e revelação (a voz do Pai confirmando Jesus como Filho amado). Marca o início da nova aliança. Israel foi batizado no Jordão no caminho para a terra prometida; Jesus foi batizado no início do Seu ministério, que nos salva para a nova Terra.

O conflito por trás de todos os conflitos

SÁBADO, 18
OUTUBRO

RPSp: DT 32

**VERSO PARA
MEMORIZAR**



“Não houve dia semelhante a este, nem antes nem depois dele, tendo o SENHOR, assim, atendido à voz de um homem; porque o SENHOR lutava por Israel” (Js 10:14).

Ao lermos as páginas do livro de Josué, somos confrontados com as campanhas militares bastante intensas realizadas sob o comando de Deus, em nome Dele e com o Seu auxílio. A ideia de que o Senhor estava por trás da conquista de Canaã permeia o livro de Josué e é expressa nas afirmações do narrador (Js 10:10, 11), nas próprias palavras de Deus (Js 6:2; 8:1), nos discursos de Josué (Js 4:23, 24; 8:7), por Raabe (Js 2:10), pelos espias (Js 2:24) e pelo povo de Israel (Js 24:18). Deus afirma que quem iniciou esses conflitos violentos foi Ele próprio.

Essa realidade levanta perguntas inevitáveis. Como podemos entender que o povo escolhido de Deus realizou tais práticas nos tempos do AT? Como é possível harmonizar a imagem de um Deus “guerreiro” com Seu caráter de amor (Êx 34:6; Sl 86:15; 103:8; 108:4) sem diluir a credibilidade, autoridade e historicidade do AT?

Nesta semana e na próxima, vamos explorar a difícil questão das guerras ordenadas por Deus, conforme descritas em Josué e em outros livros bíblicos.

Leituras da semana

Js 5:13-15; Is 37:16; Ap 12:7-9; Dt 32:17; Êx 14:13, 14; Js 6:15-20

O Príncipe do exército do Senhor

- Leia Josué 5:13-15. O que esse texto diz sobre o contexto da conquista de Canaã?

Israel havia acabado de cruzar o rio Jordão e pisar no território do inimigo. Diante deles estava a fortaleza de Jericó, com seus portões completamente fechados (Js 6:1). Naquele momento, o povo não tinha conhecimento de nenhuma estratégia de guerra. Mais preocupante ainda era o fato de que Israel contava apenas com armas rudimentares como fundas, lanças e flechas para enfrentar uma cidade fortificada, preparada para resistir a um longo cerco.

As perguntas de Josué sobre a identidade do estranho visitante receberam uma resposta um tanto enigmática: “Não sou nem uma coisa nem outra” (Js 5:14). A resposta do visitante revela que Ele não estava disposto a se encaixar nas categorias definidas por Josué. Em outras palavras, a verdadeira questão não era se Ele estava do lado de Josué, e sim se Josué estava do lado Dele.

- Compare Josué 5:14, 15 com 2 Reis 6:8-17; Neemias 9:6 e Isaías 37:16. Quem é o Príncipe do exército do Senhor?

Embora a expressão “príncipe do exército do SENHOR” (Js 5:14, NAA) ou “comandante do exército do SENHOR” (NVI) ocorra somente nessa passagem do AT, a combinação dos termos “príncipe” e “exército” sempre se refere a um líder militar. Nas Escrituras, a palavra “exército” pode se referir a tropas militares, aos anjos ou aos corpos celestes.

O Cristo pré-encarnado apareceu a Josué não apenas como um aliado, não somente como o verdadeiro Comandante do exército de Israel, mas como o Comandante do exército invisível, mas real, de anjos que estão envolvidos em um conflito muito maior do que o de Josué com os cananeus. A resposta de Josué indica claramente sua compreensão da identidade do Príncipe do exército. Ele é igual a Deus, e, por isso, Josué se prostrou diante Dele como sinal de profundo respeito e adoração (Js 5:14; ver Gn 17:3; 2Sm 9:6; 2Cr 20:18). Josué estava pronto para receber a estratégia de batalha para uma campanha militar que era parte integrante de um conflito muito maior no qual o próprio Senhor dos Exércitos estava envolvido.

 Que conforto podemos e devemos obter sabendo que o “Príncipe do exército do SENHOR” está trabalhando em defesa de Seu povo?

Guerra no Céu

3. Josué entendeu que aquela batalha era parte de um conflito muito maior. O que sabemos sobre o grande conflito no qual o próprio Deus está envolvido? Ap 12:7-9; Is 14:12-14; Ez 28:11-19; Dn 10:12-14

Deus povoou o Universo com criaturas responsáveis a quem deu o livre-arbítrio, um requisito indispensável para que exista o amor. Essas criaturas podem escolher agir de acordo com a vontade de Deus ou contra ela. O anjo mais poderoso, Lúcifer, rebelou-se contra Deus e levou consigo muitos anjos.

4 Isaías e Ezequiel se referem à origem desse conflito, embora alguns estudiosos tentem restringir o significado de Isaías 14 e Ezequiel 28 ao rei de Babilônia e a um governante de Tiro. No entanto, existem vários indicadores claros no texto bíblico que apontam para uma realidade que vai muito além disso. É dito que o rei de Babilônia estava no “céu”, perto do trono de Deus (Is 14:12, 13), e que o rei de Tiro morava no “Éden”, como “querubim da guarda” no “monte santo de Deus” (Ez 28:12-15). Nada disso é verdade sobre esses reis.

Tampouco se pode dizer que algum rei terreno fosse “perfeito nos seus caminhos” (Ez 28:15) e fosse “modelo da perfeição” (Ez 28:12). Consequentemente, esses personagens apontam para além dos reinos literais de Babilônia e de Tiro.

Isaías apresenta uma “sátira” (Is 14:4) ou “parábola” (em hebraico, *mashal*), que transmite um significado que vai além do contexto histórico imediato. Nesse caso, o rei da Babilônia se torna um exemplo notável de rebelião, autossuficiência e orgulho. Da mesma forma, Ezequiel faz uma distinção entre o governante de Tiro (Ez 28:2) e o rei de Tiro (Ez 28:11, 12), onde o príncipe, que estava ativo no domínio terrestre, se tornava símbolo de um rei que atua no domínio celestial.

De acordo com Daniel 10:12-14, esses seres celestiais rebeldes tentam impedir o cumprimento dos propósitos de Deus na Terra. É à luz dessa conexão entre o Céu e a Terra que precisamos entender as guerras de Israel ordenadas por Deus. Elas eram manifestações terrenas do grande conflito entre Deus e Satanás, entre o bem e o mal – tudo, em última análise, com o propósito de restaurar a justiça e o amor de Deus em um mundo caído.

43 De que maneiras vemos, no mundo ao nosso redor e em nossa própria vida, a realidade dessa batalha cósmica entre o bem e o mal?

O Senhor é guerreiro

4. Leia **Êxodo 2:23-25; 12:12, 13; 15:3-11.** O que significa dizer que Deus é um guerreiro?

4

Durante sua longa permanência no Egito, os israelitas se esqueceram do verdadeiro Deus, adorado por seus antepassados. Como muitos episódios de suas viagens pelo deserto demonstraram, o conhecimento que eles tinham do Deus de Abraão, Isaque e Jacó desapareceu, e acabaram misturando elementos pagãos em suas práticas religiosas (ver **Êx 32:1-4**). Sob a opressão dos egípcios, eles clamaram ao Senhor (**Êx 2:23-25**), e no momento certo, Ele interveio em seu favor.

No entanto, o conflito descrito nos primeiros 12 capítulos de **Êxodo** foi maior do que uma simples luta pelo poder entre Moisés e o faraó. De acordo com o entendimento sobre guerra que havia no Antigo Oriente Próximo, os conflitos entre os povos eram, em última análise, considerados batalhas entre seus respectivos deuses. **Êxodo 12:12** declara que o Senhor executou juízo, não apenas sobre o faraó, mas também sobre todos os deuses do Egito, que, na verdade, eram “demônios” poderosos (**Lv 17:7; Dt 32:17**), atuando por trás do poder opressivo e do sistema social injusto do Egito.

Em última análise, Deus está em guerra contra o pecado e não tolerará para sempre a existência dele (**Sl 24:8; Ap 19:11; 20:1-4, 14**). Todos os anjos caídos, bem como os seres humanos que se identificaram de forma definitiva e irremediável com o pecado, serão destruídos. À luz disso, as batalhas contra os habitantes de Canaã devem ser vistas como um estágio anterior desse conflito, que atingiria seu auge na cruz e sua consumação no juízo final, quando a justiça e o caráter de amor divino serão vindicados.

O conceito da destruição total dos cananeus deve ser entendido com base na visão bíblica de mundo, segundo a qual Deus está envolvido em um conflito cósmico contra os agentes do mal no Universo. O que está em jogo, em última análise, é a reputação de Deus e Seu caráter (**Rm 3:4; Ap 15:3**).

Uma vez que o pecado entrou na existência humana, não há terreno neutro: todos estão do lado de Deus ou do lado do mal. Portanto, à luz dessa realidade, a eliminação dos cananeus deve ser vista como uma prévia do juízo final.

Na realidade do grande conflito, só há espaço para dois lados. Como você sabe de que lado realmente está?

O Senhor lutará por vocês

5. De acordo com Êxodo 14:13, 14, 25, qual era o plano original e ideal de Deus a respeito do envolvimento dos israelitas na guerra?

Naquele momento de crise, quando o povo de Israel foi forçado a um impasse físico, Moisés disse: “Não tenham medo; fiquem firmes e vejam o livramento que o SENHOR lhes fará no dia de hoje, porque vocês nunca mais verão esses egípcios que hoje vocês estão vendo. O SENHOR lutará por vocês; fiquem calmos” (Êx 14:13, 14). De acordo com a narrativa bíblica, até os próprios egípcios reconheceram essa realidade: “Vamos fugir da presença de Israel, porque o SENHOR está lutando por eles contra os egípcios” (Êx 14:25).

A intervenção milagrosa de Deus em favor dos israelitas desamparados, que não tinham habilidades militares, deveria ter se tornado o padrão. O êxodo era o modelo ou paradigma para a intervenção de Deus em favor de Israel. Nele não somente a batalha foi travada por Yahweh, mas Deus pediu que Israel não lutasse (Êx 14:14). Deus era o guerreiro; a iniciativa pertencia a Ele. O Senhor estabeleceu a estratégia, definiu os meios e conduziu a campanha. Se Yahweh não lutasse por Israel, eles não teriam possibilidade de sucesso.

Ellen G. White interpretou essa história como uma expressão do fato de que Deus “não planejou que eles adquirissem a Terra Prometida por meio da guerra, mas pela submissão e obediência incondicional aos Seus mandamentos” (*Signs of the Times*, 2 de setembro de 1880). Assim como na libertação do Egito, Deus travaria as batalhas dos israelitas por eles. Tudo o que tinham que fazer era ficar calmos e testemunhar Sua poderosa intervenção.

A história revela que sempre que Israel tinha confiança suficiente em Deus, eles não precisavam lutar (ver 2Rs 19; 2Cr 32; Is 37).

No plano ideal de Deus, Israel nunca precisaria lutar por si mesmo. Foi somente como consequência de sua incredulidade, expressa após o êxodo, que Deus permitiu que eles participassem ativamente na guerra contra os cananeus. Eles não precisaram levantar uma única espada contra os egípcios durante o êxodo; da mesma forma, nunca teria sido necessário que lutasse para conquistar Canaã (Dt 7:17-19).

“Se os filhos de Israel não tivessem murmurado contra o Senhor, Ele não teria permitido que seus inimigos fizessem guerra com eles” (Ellen G. White, *História da Redenção* [CPB, 2021], p. 95). Como as murmurações podem impactar nossa vida hoje?

A segunda melhor opção

6. ■ Leia Exodo 17:7-13; Josué 6:15-20. Que similaridades você encontra entre essas duas narrativas de guerra? E quais são as diferenças?

A primeira vez que Israel lutou após a saída do Egito está registrada em Exodo 17, quando os israelitas se defenderam dos amalequitas. Eles haviam testemunhado o poder de Deus atingindo os egípcios e conduzindo-os à liberdade. Vimos que o plano inicial de Deus para Israel não incluía lutar contra outras pessoas (Êx 23:28; 33:2). Mas logo após sua libertação do Egito, os israelitas começaram a murmurar no caminho (Êx 17:3), chegando a questionar a presença de Deus em seu meio. Foi naquele momento que os amalequitas lutaram contra Israel. Isso não aconteceu por acaso. Deus permitiu que eles atacassem os israelitas para que pudessem aprender a confiar Nele novamente.

Sem comprometer Seus princípios, Deus desceu ao nível onde Seu povo estava, continuamente chamando-o de volta ao plano ideal: confiança completa e irrestrita na intervenção divina. Na verdade, a lei da guerra (Dt 20) foi dada somente após os 40 anos de travessia pelo deserto, o que também foi causado pela incredulidade de Israel. Novas circunstâncias exigiram novas estratégias, e foi somente então que Deus exigiu que Israel aniquilasse completamente os cananeus (Dt 20:16-18).

Além da realidade de que a guerra se tornou uma necessidade para Israel, ela também se tornou um teste da lealdade do povo a Yahweh. Deus não desistiu deles, mas permitiu que testemunhassem Seu poder ao experimentar total dependência Dele.

A participação dos israelitas na conquista fica evidente a partir da conclusão expressa por Josué no fim do livro. Nesse texto, ele afirmou que os cananeus estavam lutando contra os israelitas (Js 24:11). Embora o colapso dos muros de Jericó tenha sido o resultado de um milagre divino, o povo de Israel teve que se envolverativamente na batalha e enfrentar a resistência obstinada dos habitantes da cidade.

O envolvimento de Israel em conflitos armados tornou-se a maneira pelo qual o povo desenvolvia confiança incondicional no auxílio de Yahweh. Ainda assim, Israel era sempre lembrado de que o resultado de cada batalha estava, em última análise, nas mãos do Senhor. A única maneira de influenciar o resultado de um conflito militar era por meio da atitude de fé – ou de incredulidade – nas promessas de Deus (Js 7:12, 13; 10:8). A escolha era deles.

Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 426-430 (“As muralhas de Jericó”).

Quando a rebelião [...] surgiu, Deus Se viu com duas opções: ou abdicaria de Sua essência – imutável e eterna –, entregando o Universo a uma criatura rebelde, ou seria o Pai justo e amoroso de todas as criaturas. Deus escolheu a segunda opção, e, nesse caso, o choque entre Seu poder e as forças do mal era inevitável.

Quando poderes políticos ou sócio-históricos (como os povos de Canaã) ligados a forças cósmicas de caos e rebelião manifestaram a mesma atitude desafiadora contra Yahweh, Ele interveio. O tema de Yahweh como Guerreiro é uma prefiguração ou antecipação da vitória que dará fim ao conflito cósmico entre o bem e o mal (Ap 20:8-10). Além disso, as guerras divinas de Israel não apenas refletem o conflito cósmico (como um espelho), mas fazem parte desse conflito, servindo como prenúncio do juízo divino que ocorrerá no fim dos tempos.

“Deus havia lhes dado o privilégio e o dever de entrar na terra de Canaã no tempo designado por Ele; porém, por causa de sua desobediência, essa permissão tinha sido negada. [...] Não era Seu propósito que adquirissem a terra pela guerra, mas pela obediência estrita às Suas ordens” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* [CPB, 2022], p. 337).

Perguntas para consideração

1. Como o contexto do conflito cósmico nos ajuda a entender melhor o fato de que o Senhor ordenou que Israel fosse à guerra?
2. Como o grande conflito se desenvolve no mundo? Qual é o nosso papel nesse conflito e como podemos cumpri-lo?
3. Como podemos aplicar em nossa vida espiritual o princípio de que devemos ficar calmos e esperar que o Senhor lute por nós? (Ver Ex 14:14.)
4. Muitas vezes, em nossas discussões e desentendimentos ocasionais na igreja, queremos saber quem está do nosso lado. À luz de Josué 5:13-15, como devemos mudar nossa atitude?

Respostas às perguntas da semana: 1. A conquista de Canaã não foi apenas uma guerra humana, mas uma batalha espiritual. Josué encontrou um Comandante celestial, indicando que Deus lideraria a campanha. 2. O “Príncipe do exército do Senhor” é um ser divino, o Anjo do Senhor (o Cristo pré-encarnado), o Arcanjo Miguel (Dn 10:13), que luta por Israel. 3. O grande conflito é a luta entre Deus e Satanás, que começou com a rebelião de Lúcifer e se estende às batalhas terrestres. Seu clímax é a vitória final de Cristo. 4. Significa que Ele luta por Seu povo, julgando os opressores (Egito) e defendendo os fiéis. Não é violência arbitrária, mas justiça divina em ação. 5. O plano de Deus era que os israelitas não lutassesem. Ele mesmo pelejaria por eles. A vitória viria pela fé, não pela força humana. 6. Similaridades: a vitória vem pela obediência e dependência de Deus, não por estratégia militar. Moisés ergueu as mãos e Israel marchou em silêncio. Diferenças: a batalha éativa (contra os amalequitas); ou é simbólica (cerco e trombetas). Em ambos os casos, porém, Deus dá a vitória.

SÁBADO, 25
OUTUBRO

RPSP: JS 5



16/09/22

**VERSO PARA
MEMORIZAR**

“E, de uma vez, tomou Josué todos estes reis e as suas terras, porquanto o Senhor, Deus de Israel, pelejava por Israel” (Js 10:42, ARA).

O livro de Josué contém algumas cenas que podem parecer perturbadoras. Algumas pessoas questionam o conceito de uma guerra divina ou santa, segundo o qual um grupo de pessoas recebeu de Deus a ordem para destruir outro grupo de pessoas.

A questão da guerra divina no AT é desafiadora. Deus é descrito no AT como o Senhor Soberano do Universo; portanto, tudo o que acontece deve, de alguma forma, estar relacionado à Sua vontade direta ou indireta. Diante disso, é inevitável perguntar: “Como Deus poderia permitir essas coisas?” Na semana passada, vimos que o próprio Deus está envolvido em um conflito que é muito maior do que qualquer guerra ou batalha travada na história humana, uma batalha que permeia todos os aspectos de nossa vida. Vimos também que os eventos da história bíblica e secular podem ser compreendidos plenamente apenas à luz desse conflito.

Nesta semana, continuaremos a explorar a complexidade das guerras ordenadas por Deus, bem como as limitações e condições da guerra divina, a visão da paz eterna oferecida pelos profetas do AT e a relevância espiritual dessas guerras.

Leituras da semana

Gn 15:16; Lv 18:24-30; 2Tm 4:1, 8; Ex 23:28-30; Dt 20:10, 15-18; Is 9:6

A iniquidade dos cananeus

1. Leia Gênesis 15:16; Levítico 18:24-30; Deuteronômio 18:9-14; Esdras 9:11. O que esses textos nos dizem sobre o plano maior de Deus em oferecer a terra de Canaã aos israelitas?

Precisamos ir além do livro de Josué para entender quão grave era a iniquidade das nações que habitavam Canaã. Podemos encontrar indícios no fato de que essas práticas abomináveis incluíam sacrifícios de crianças, adivinhação, feitiçaria, necromancia e espiritualismo (Dt 18:9-12).

A descoberta dos antigos textos ugaríticos (da cidade de Ras Shamra) trouxe mais informações sobre a religião e a sociedade cananita. Esses registros mostram que a condenação dessa cultura não era apenas compreensível, mas – pelos padrões morais do AT – totalmente justificada.

A religião cananita se baseava na crença de que os fenômenos naturais, que garantiam a fertilidade, eram controlados pelas relações sexuais entre deuses e deusas. Assim, eles entendiam a atividade sexual das divindades em termos de seu próprio comportamento sexual, e seus rituais religiosos envolviam práticas性uais que tinham o objetivo de incitar os deuses e deusas a fazer o mesmo. Esse conceito deu origem à chamada prostituição “sagrada”, na qual homens e mulheres se envolviam em ritos de orgias – tudo isso como parte de suas práticas religiosas!

Uma nação jamais alcançará níveis morais mais altos do que os dos deuses que adora. Como resultado dessa compreensão de suas divindades, não é de admirar que as práticas religiosas dos cananeus incluíssem sacrifícios de crianças, contra os quais a Bíblia faz advertências específicas.

As evidências arqueológicas confirmam que os habitantes de Canaã ofereciam regularmente seus primogênitos em sacrifício aos deuses (na verdade, demônios) a quem adoravam. Pequenos esqueletos infantis esmagados encontrados em grandes jarros com inscrições de votos testemunham da religião degradante dos cananeus e do que isso significava para muitos de seus filhos.

A eliminação dos cananeus, portanto, não foi uma decisão repentina tomada por Deus no momento em que estava prestes a dar a terra de Canaã aos israelitas. Na verdade, os habitantes de Canaã receberam um longo tempo de graça, durante o qual tiveram a oportunidade de conhecer a Deus e Seu caráter por meio do testemunho dos patriarcas que viveram entre eles. Os cananeus tiveram todas as oportunidades, mas obviamente as desperdiçaram, e continuaram em suas práticas abomináveis até que o Senhor precisou pôr fim a elas.

O Juiz supremo

2. Leia Gênesis 18:25; Salmo 7:11; 50:6; 82:1; 96:10; 2 Timóteo 4:1, 8. O que esses versos dizem sobre o caráter moral de Deus? De que forma Seu papel como Juiz do Universo nos ajuda a entender a questão da guerra divina?

5

A santidade do caráter de Deus significa que Ele não tolera o pecado. Ele é paciente, mas o pecado deve receber seu salário final, que é a morte (Rm 6:23). Yahweh declarou guerra contra o pecado, independentemente de onde ele fosse encontrado, quer entre os cananeus ou no meio dos israelitas. Israel não foi santificado por participar de guerras santas, assim como outras nações não foram (Dt 9:4, 5; 12:29, 30), mesmo quando elas se tornaram o meio do juízo de Yahweh contra Sua nação escolhida. Diferentemente de outros povos do Antigo Oriente Próximo, os israelitas experimentaram a reversão da guerra santa, quando Deus não mais lutou por eles, mas *contra* eles, permitindo que seus inimigos os oprimissem (ver Js 7).

Todo o conceito de guerra santa pode ser compreendido apenas se for visto à luz da atuação de Deus como Juiz. Sob essa perspectiva, as guerras de conquista de Israel assumem um caráter completamente diferente. Em contraste com as guerras imperialistas de engrandecimento próprio, tão comuns no mundo antigo (e em nosso mundo atual), as guerras de Israel não tinham o objetivo de alcançar glória para o povo, mas de estabelecer a justiça e a paz de Deus dentro daquele território. Portanto, no âmago do conceito de guerra santa está a ideia do governo e da soberania de Deus, que estão em jogo na figura do Senhor como Guerreiro, assim como de Rei ou de Juiz.

Dizer que Yahweh é Guerreiro significa que, como Juiz, Ele está comprometido em implementar, promover e manter o governo da lei, que é o reflexo de Seu caráter. A imagem de Deus como Guerreiro, semelhante à de Juiz e Rei, ensina que Yahweh não tolerará para sempre a rebelião contra Sua ordem estabelecida. Portanto, podemos dizer que o objetivo da atuação de Yahweh nunca é a guerra em si, ou mesmo a vitória em si, mas o restabelecimento da justiça e da paz. Em última análise, julgar e fazer guerra (ou promover a justiça) são a mesma coisa se Deus for o sujeito dessa ação.

Refletir no fato de que Deus é um justo Juiz, que não pode ser subornado nem influenciado pela parcialidade. Como a verdade de um Deus que não tolerará para sempre o pecado, a opressão, o sofrimento dos inocentes e a exploração dos oprimidos é parte integrante do evangelho?

Desapropriação ou aniquilação?

3. Leia Êxodo 23:28-30; 33:2; 34:11; Números 33:52; Deuteronômio 7:20. Compare esses textos com Êxodo 34:13; Deuteronômio 7:5; 9:3; 12:2, 3; 31:3, 4. O que essas passagens revelam sobre o propósito da conquista de Canaã e a extensão da destruição?

O propósito original de Deus para os cananeus não era aniquilá-los, mas, em vez disso, desapropriá-los do território. Quando examinamos as passagens que descrevem a maneira como Israel teve que se envolver nas batalhas da conquista, vemos que elas utilizam termos que descrevem a desapropriação, expulsão e dispersão dos habitantes da Terra Prometida. Por outro lado, os textos que ordenam que Israel deveria destruir algo se referem especialmente a objetos inanimados, como artigos de adoração pagã e objetos dedicados à destruição. Evidentemente, os locais de adoração pagã e os altares constituíam os principais centros da religião cananita.

A guerra santa se dirigia principalmente à cultura e à sociedade corruptas de Canaã. Para evitar a contaminação, Israel teve que destruir todos os elementos que estavam propagando a corrupção. No entanto, todos os habitantes de Canaã e aqueles que, individualmente, reconheceram a soberania de Deus antes ou mesmo durante a conquista de Canaã, puderam ser salvos por meio da imigração (Js 2:9-14; compare com Jz 1:24-26). A única parte da população cananeia condenada à destruição consistia naqueles que se retiraram para as cidades fortificadas, continuaram a se rebelar de maneira obstinada contra o plano de Deus para os israelitas e endureceram o coração (Js 11:19, 20).

No entanto, isso levanta uma questão: Se o propósito inicial da conquista de Canaã era expulsar os habitantes do território e não aniquilá-los, por que os israelitas tiveram que matar tantas pessoas?

Quando analisamos os textos bíblicos relacionados à conquista de Canaã, observamos que a intenção original da conquista era dispersar a população cananeia. Entretanto, os cananeus, assim como o rei do Egito, endureceram o coração e se apegaram à cultura a tal ponto que eliminar sua cultura significava que eles também deveriam ser destruídos.

Quais elementos de seu caráter e de seus hábitos precisam ser eliminados?

Livre-arbítrio

4. Leia Deuteronômio 20:10, 15-18; 13:12-18; Josué 10:40. Como a lei sobre a guerra e os procedimentos contra cidades idólatras em Israel, apresentados em Deuteronômio, nos ajudam a entender os limites da destruição na guerra em que os israelitas estavam envolvidos?

5

O texto hebraico usa um termo para descrever a destruição de pessoas na guerra: *hērem*. Essa palavra se refere ao que é “condenado”, “amaldiçoado” ou “entregue à destruição”. Ela se refere a colocar pessoas, animais ou objetos inanimados, de maneira completa e irrevogável, dentro do domínio exclusivo de Deus, o que na guerra envolvia, na maioria dos casos, sua destruição. Precisamos entender o conceito e a prática do *hērem* como a eliminação de um povo, no contexto de guerra, à luz do conflito de Yahweh com as forças do mal, onde Seu caráter e reputação estão em jogo.

Desde o surgimento do pecado no mundo, não há neutralidade: ou estamos do lado de Deus ou contra Ele. Um lado leva à vida eterna e o outro à morte eterna.

A prática da destruição total (*hērem*) descreve o justo juízo de Deus contra o pecado e o mal. O Senhor delegou a execução de parte de Seu juízo à Sua nação escolhida, o antigo Israel. A entrega à destruição estava sob Seu rígido controle teocrático, limitada a certo período da história (a conquista de Canaã) e a uma área geográfica definida (a antiga Canaã). As pessoas entregues à destruição foram aquelas que se rebelaram contra os propósitos de Deus e os desafiaram, rejeitando todo arrependimento. Portanto, a decisão de Deus de destruí-los não foi arbitrária nem nacionalista.

Além disso, Israel poderia esperar o mesmo destino se decidesse adotar o mesmo estilo de vida dos cananeus (ver Dt 13). À primeira vista, poderia parecer que cada lado da guerra divina tinha seu futuro pré-definido (os israelitas herdariam o território e os cananeus seriam destruídos). No entanto, havia a possibilidade de ir de um lado para o outro, como vemos nos casos de Raabe, Acã e os gibeonitas.

Portanto, as pessoas não eram arbitrariamente protegidas ou destruídas. Aqueles que se beneficiavam do relacionamento com Yahweh podiam perder essa condição privilegiada caso se rebelassem, e aqueles que seriam entregues à destruição podiam se submeter à autoridade de Yahweh e viver.

Que lições tiramos do desafio dos cananeus a Deus? Como nossas escolhas hoje impactam nossa vida?

O Príncipe da paz

5. Como os textos seguintes descrevem o futuro que Deus havia planejado para Seu povo? Is 9:6; 11:1-5; 60:17; Os 2:18; Mq 4:3

Embora o foco principal da lição desta semana sejam as guerras do AT ordenadas e conduzidas por Deus, precisamos mencionar a presença de outro tema igualmente significativo dos escritos proféticos do AT: o futuro de paz na era messiânica. O Messias é descrito como o “Príncipe da Paz” (Is 9:6). Ele irá inaugurar um reino dominado pela paz, onde o leão e o cordeiro pastarão juntos (Is 11:1-8), no qual não haverá “mal nem dano” (Is 11:9), e onde a paz reinará (Is 60:17) e fluirá “como um rio” (Is 66:12).

6. Leia 2 Reis 6:16-23. O que essa história revela sobre os propósitos mais profundos de Deus para Seu povo e a humanidade?

Considere a história do exército sírio sendo alimentado por iniciativa de Eliseu. Em vez de matá-los (2Rs 6:22), ele lhes mostrou o ideal supremo, a paz, que sempre foi o desejo de Deus para Seu povo. É interessante observar que Eliseu estava totalmente ciente da superioridade do exército invisível que cercava o inimigo (2Rs 6:16, 17). Por mais que Deus esteja envolvido em um conflito cósmico que também afetou nosso planeta, o objetivo final da redenção não é um conflito perpétuo ou mesmo colocar o inimigo em um estado eterno de sujeição e servidão, mas, em vez disso, obter a paz eterna. Assim como violência gera violência (Mt 26:52), paz gera paz. A história conclui com estas palavras: “Assim, as tropas de Arã pararam de invadir o território de Israel” (2Rs 6:23, NVI).

De que maneiras, ao imitar Jesus, você pode ser um agente de paz nos conflitos que enfrenta hoje?

Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 428-430 (“As muralhas de Jericó”).

Como tudo na Bíblia, é essencial conhecer o contexto e o pano de fundo. Como vimos, o conflito cósmico e o tema de Deus como Juiz são cruciais para entender as guerras contra os cananeus.

“Deus é tardio para Se irar. O Senhor deu às nações ímpias um tempo de graça para que pudesse se familiarizar com Ele e com Seu caráter. A condenação delas foi de acordo com a luz dada, pelo fato de haverem recusado receber essa luz e por terem escolhido seguir seus próprios caminhos em vez de os de Deus. O Senhor deu a razão pela qual não desapossou imediatamente os cananeus: é que a medida da iniquidade dos amorreus ainda não havia se enchido. Através de sua iniquidade, eles estavam gradualmente chegando ao ponto em que a longanimidade de Deus não mais poderia ser exercida [...]. Até que esse ponto fosse alcançado e a medida da iniquidade deles estivesse completa, a vingança de Deus seria adiada. Todas as nações tiveram um período de oportunidade. Aquelas que invalidaram a lei de Deus avançariam de um estágio de impiedade para outro. Os filhos herdariam o espírito rebelde dos pais e fariam pior do que eles haviam feito, até que a ira de Deus caísse sobre eles. A punição não foi menor por ter sido adiada” (Comentários de Ellen G. White, *Comentário Bíblico Adventista*, v. 2, p. 1110).

5

Perguntas para consideração

1. Deus é nosso Juiz pessoal, bem como o Juiz supremo do Universo. O que isso significa? O fato de Deus ser o Juiz é fundamental para o evangelho e para nossa salvação?
2. A história dos cananeus nos ajuda a compreender a paciência e a justiça de Deus? Como refletir o caráter de Deus na maneira de lidar com os outros?
3. Por que Deus respeita nossa liberdade de escolha? E qual é a relação entre o amor e livre-arbítrio?
4. Embora o AT contenha histórias de guerra, ele prevê um futuro de paz. Qual é o papel dos cristãos na promoção da paz?

Respostas às perguntas da semana: 1. Deus entregou Canaã a Israel após séculos de paciência, pois os cananeus haviam enchido a terra de pecados: idolatria, sacrifícios humanos e feitiçaria. A conquista foi um julgamento divino, não mero expansionismo. 2. Deus é justo, julga com retidão e governa como Juiz supremo. Suas guerras não são arbitrárias, mas justiça contra o mal. 3. A conquista tinha dois propósitos: expulsar os cananeus gradualmente para evitar o caos; destruir a idolatria, pois ela corromperia Israel. 4. Deus limitou a destruição: cidades distantes poderiam fazer paz; cidades cananeias e idólatras eram julgadas totalmente para evitar contaminação espiritual da terra. 5. O plano final de Deus era estabelecer um reino de paz, governado pelo Messias, sem guerra, onde a justiça reinaria. 6. Deus protege Seu povo, mas Seu maior propósito é revelar Seu poder e misericórdia – até para com os inimigos. A guerra não era o fim; a redenção era o alvo.

O inimigo interno

6

SÁBADO, 1º
NOVEMBRO

RPSP: JS 12



VERSO PARA MEMORIZAR

“Eu, o SENHOR, sondo o coração. Eu provo os pensamentos, para dar a cada um segundo os seus caminhos, segundo o fruto das suas ações” (Jr 17:10).

Josué 7 é o primeiro caso em que, por meio de uma trágica experiência, o povo de Israel compreendeu as implicações mais amplas da aliança e seu profundo significado. Enquanto a obediência às cláusulas da aliança garantia a vitória, desconsiderar os termos dela resultava em derrota. O sucesso militar de Israel não estava baseado em números, estratégia de batalha ou táticas inteligentes, mas na presença do Guerreiro divino com eles.

Durante a apropriação da Terra Prometida, Israel teve que aprender a difícil lição de que seu inimigo mais perigoso não estava fora de seu acampamento, mas dentro de sua própria base. O maior desafio que estava diante deles não eram as muralhas fortificadas das cidades cananitas nem sua avançada tecnologia militar, mas a vontade obstinada de indivíduos dentro de seu próprio acampamento de ignorar intencionalmente as instruções do Senhor. Aguardando nossa herança celestial (1Pe 1:4; Cl 3:24), enfrentamos desafios semelhantes. Enquanto estivermos na fronteira da Terra Prometida, nossa fidelidade será testada, e só poderemos ser vitoriosos por meio da rendição a Jesus Cristo.

Leituras da semana

1Pe 1:4; Js 7; Sl 139:1-16; Ed 10:11; Lc 12:15; Js 8:1-29

Violão da aliança

1. Leia Josué 7. Quais foram as duas principais causas da derrota de Israel pelos habitantes de Ai?
-
-

É interessante observar que o leitor é informado, desde o início, tanto do motivo da ira de Yahweh quanto do nome do culpado. Assim, o suspense da história da descoberta da transgressão de Acã surge pela tensão entre a perspectiva do leitor e a de Josué e dos israelitas. Como muitos outros capítulos do AT, Josué 7 tem uma estrutura em forma de quiasma. O segmento central e culminante dentro dele corresponde à questão de por que os israelitas fracassaram em sua primeira tentativa de conquistar Ai.

Houve duas razões principais para a derrota de Israel pelos habitantes de Ai: o pecado de Acã e a confiança excessiva dos israelitas em sua própria força. Esta última os levou a negligenciar a consulta à vontade do Senhor antes do ataque contra Ai e a subestimar a força do inimigo.

Com base em Josué 7:1, 11-13, podemos ver que, embora Acã tenha sido responsável pelo ato traízoeiro de se apropriar das coisas condenadas, toda a nação foi responsabilizada e sofreu pelo que ele havia feito. Deus descreveu o pecado de Acã mostrando gradualmente a gravidade dele ao utilizar três vezes, no versículo 11, o advérbio hebraico *gam*, traduzido como “até” e “também” (ARC). Primeiro, é usado o termo mais comum para pecado: *khata'*. Então o ato de transgressão é descrito por cinco pecados mais específicos introduzidos pelo advérbio *gam*: (1) ‘abar, também “atravessaram, transgrediram”; (2) até mesmo tomaram (*laqakh*) das coisas entregues à destruição (*h̄erem*); (3) também roubaram (*ganab*); (4) também enganaram (*kakhash*); e (5) até mesmo colocaram (*samu*) o *h̄erem* roubado entre suas coisas.

A aliança entre Yahweh e Israel envolveu o povo em nível individual e coletivo. À luz da aliança, Israel é tratado como uma unidade indivisível da nação escolhida de Deus; portanto, o pecado de um, ou mesmo alguns, de seus membros incorre em culpa sobre toda a comunidade da aliança. Como o Senhor disse: “Israel pecou. Quebraram a Minha aliança, aquilo que Eu lhes havia ordenado” (Js 7:11).

 De que formas as comunidades podem sofrer por causa de ações erradas de indivíduos dentro da própria comunidade? Que exemplos você consegue mencionar e como essas coisas afetam a comunidade?

O pecado de Acã

2. Leia Josué 7:16-19. O que todo esse processo nos diz sobre Deus e Acã?

Em vez de revelar a identidade do transgressor, Deus estabeleceu um procedimento que revela Sua justiça e Sua graça. Depois de explicar o motivo da derrota de Israel e pedir a santificação do povo (Js 7:13), Ele permitiu um intervalo de tempo entre o anúncio do procedimento e sua aplicação, o que deu a Acã tempo para pensar, arrepender-se e confessar seu pecado. Da mesma forma, sua família (se soubessem o que aconteceu) teve a oportunidade de decidir se queria se envolver no encobrimento ou se recusar a ser cúmplices, como os filhos de Corá, que evitaram a destruição ao se recusarem a ficar do lado de seu pai (ver Nm 16:23-33; 26:11).

A solução para o dilema seguiu a direção oposta ao sentido pelo qual o pecado havia entrado e prejudicado Israel: a culpa coletiva foi eliminada e reduzida de Israel para uma tribo; da tribo para a família; da família para a casa; e desta para os indivíduos. Além de revelar o ofensor, o processo investigativo também inocentou os inocentes. Esse era um aspecto igualmente importante do meticuloso procedimento jurídico, no qual o próprio Deus atuou como testemunha dos atos invisíveis de Acã.

O leitor quase consegue sentir a tensão quando Deus Se concentra em Acã. Quem não se surpreenderia com a obstinação do homem em esperar que ele pudesse passar despercebido? Nada é escondido dos olhos penetrantes do Senhor (Sl 139:1-16; 2Cr 16:9), que sabe o que está escondido no coração humano (1Sm 16:7; Jr 17:10; Pv 5:21).

É importante observar a maneira como Josué se dirigiu a Acã: “Meu filho.” Essa expressão mostra não apenas a idade e o papel de liderança de Josué, mas também revela a atitude com que esse grande guerreiro abordou a justiça. Seu coração estava cheio de compaixão por Acã, embora ele tenha sido chamado para executar o julgamento do ofensor. Por meio de sua atitude, Josué estava novamente prenunciando a sensibilidade, a bondade e o amor Daquele que “nunca foi rude, nunca proferiu desnecessariamente uma palavra severa e jamais provocou sem motivo uma dor a uma pessoa frágil. [...] Denunciava sem temor a hipocrisia, a incredulidade e a iniquidade, mas tinha lágrimas na voz quando fazia Suas esmagadoras repreensões” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* [CPB, 2021], p. 276).

 Como a percepção de que Deus sabe tudo o que você faz, até mesmo suas coisas ocultas, influencia sua maneira de viver? Como isso deve impactar sua vida?

Escolhas fatais

- 3. Leia Josué 7:19-21. O que Josué pediu que Acã fizesse? Qual é o significado desse pedido? Como podemos entender a confissão dele?**

Josué pediu que Acã fizesse duas coisas: primeiro, dar glória a Deus e honrá-Lo. Segundo, confessar o que fez sem esconder nada. Acã deveria dar glória a Deus admitindo o que havia feito. O termo usado (*todah*) pode se referir à ação de graças (Sl 26:7; Is 51:3; Jr 17:26), mas também à confissão de pecado (Ed 10:11).

Infelizmente, o texto bíblico não dá nenhuma indicação de que Acã mostrou qualquer sinal de arrependimento real. Ele esperava permanecer escondido até o fim. Sua atitude desafiadora o qualificou para ser considerado um ofensor arrogante, para quem não havia expiação de acordo com a lei de Moisés (ver Nm 15:27-31).

As palavras de Acã em Josué 7:21 lembram a queda de Adão e Eva: a mulher viu (*ra'ah*) que a árvore era desejável (*hamad*) e finalmente tomou (*laqakh*) de seu fruto (Gn 3:6). Em sua confissão, Acã admitiu que viu (*ra'ah*) no saque um belo manto de Sinar, 200 siclos de prata e uma barra de ouro. Ele então os cobiçou (*hamad*) e tomou (*laqakh*). Assim como no caso de Adão e Eva, a escolha de Acã revela que o pecado da cobiça é o pecado da incredulidade, a qual suspeita de que Deus não deseja o melhor para Suas criaturas e esconde delas alguns prazeres requintados, que pertencem apenas a Ele mesmo.

Além da alusão à queda humana, o texto de Josué destaca o forte contraste entre as atitudes de Raabe (ver Js 2:1-13) e a de Acã. Ela levou os espias para o telhado e os escondeu dos soldados; ele tomou coisas condenadas e as escondeu de Josué. Ela mostrou gentileza aos espias israelitas e os ajudou a garantir a vitória; ele trouxe problemas a Israel por sua ganância e garantiu a derrota. Ela fez uma aliança com os israelitas; ele quebrou a aliança com Yahweh. Raabe salvou a si mesma e sua família, e eles se tornaram cidadãos respeitados de Israel; Acã condenou a si mesmo e sua família à morte e se tornou um exemplo de vergonha.

 Como podemos resistir à cobiça, independentemente do quanto temos? (Ver Lc 12:15.)

Porta de esperança

4. ■ Leia Josué 8:1-29. O que essa história nos diz sobre como Deus pode transformar nossos piores fracassos em oportunidades?

A estratégia de Yahweh converte a derrota inicial de Israel em uma vantagem tática, transformando assim o Vale de Acor (que significa “desgraça”) em uma porta de esperança (ver Os 2:15). Tendo alcançado bastante auto-confiança com sua primeira vitória sobre os israelitas, os cidadãos de Ai repetiram sua estratégia de atacar os israelitas, que fingiram recuar e agiram como se estivessem sendo derrotados. Uma vez que os habitantes de Ai foram atraídos para fora de sua fortaleza, os 30 mil israelitas, posicionados não muito atrás da cidade (Js 8:4), iriam capturar a cidade vazia ateando fogo nela. Josué 8:7 deixa claro que não foi a estratégia que trouxe a vitória, mas seria o próprio Senhor que concederia a vitória e entregaria a cidade de Ai aos israelitas. Mesmo em um capítulo em que os aspectos militares dominam a narrativa mais do que em qualquer outro capítulo do livro, o texto destaca a verdade de que a vitória é uma dádiva de Yahweh.

O momento decisivo da batalha ocorreu quando os habitantes de Ai deixaram a cidade e começaram a perseguir os israelitas. Essa foi a segunda vez que Deus falou em todo o capítulo depois que Ele deu a estratégia em Josué 8:2, sinalizando que Ele estava supervisionando a batalha. Até esse momento, não sabemos o resultado da batalha. Desse ponto em diante, fica claro que o exército israelita era vitorioso.

A arma na mão de Josué era uma espada em forma de foice, ou cimitarra, em vez de uma espada ou dardo. Na época de Josué, pode não ter sido usada como uma arma real, mas se tornou um símbolo de soberania. E, além de dar o sinal para o ataque, expressa a soberania de Deus na derrota de Ai. Ao estender a espada em forma de foice até que a vitória completa fosse conquistada, o texto mostra que Josué assumiu completamente o papel de liderança que Moisés havia exercido na travessia do Mar Vermelho (Êx 14:16) e na guerra contra os amalequitas (Êx 17:11-13), onde Josué liderou pessoalmente o combate.

Desta vez não houve intervenção visível e milagrosa de Deus, mas a vitória sobre Ai não foi menos divinamente assistida do que aquela sobre os egípcios na primeira geração ou na recente vitória sobre Jericó. A chave para o sucesso está na fé que Josué teve na palavra do Senhor e sua obediência inabalável a ela. O princípio visto nessa história permanece válido para o povo de Deus hoje, onde quer que vivam e sejam quais forem seus desafios.

Testemunha do poder de Deus

Como estudamos na lição 5, Deus tinha dado às nações pagãs a oportunidade de conhecê-Lo e se afastar de seus maus caminhos. Elas, no entanto, recusaram e estavam, no fim das contas, enfrentando o juízo divino.

5.3) Leia Josué 7:6-9, que trata da reação inicial de Josué à calamidade que se abateu sobre eles. Observe especialmente o verso 9. Que princípio teológico importante é encontrado nas palavras de Josué?

A princípio, Josué parece estar dizendo o mesmo que os israelitas em meio às suas dificuldades após deixarem o Egito. Eles disseram: “Quem nos dera tivéssemos morrido pela mão do SENHOR na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne e comíamos pão à vontade! Pois vocês nos trouxeram a este deserto a fim de matarem de fome toda esta multidão” (Êx 16:3).

E Josué orou: “Ah! Senhor Deus, por que fizeste este povo passar o Jordão, para nos entregares nas mãos dos amorreus, para sermos destruídos? Antes tivéssemos nos contentado em ficar do outro lado do Jordão!” (Js 7:7). Logo depois, porém, Josué expressou sua grande preocupação com os danos que o nome e a reputação de Deus sofreriam com essa derrota: “Quando os cananeus e todos os moradores da terra ouvirem isto, nos cercarão e apagarão o nosso nome da face da terra; e, então, que farás ao Teu grande nome?” (Js 7:9).

Isso revela um tema e um princípio que era central para os propósitos de Deus para com Israel. Embora o Senhor quisesse que as nações pagãs ao redor deles vissem as grandes coisas que Ele faria por Seu povo que O obedecesse, elas também poderiam, como Raabe fez, aprender sobre o Deus de Israel pelo poder das conquistas de Seu povo. Por outro lado, se as coisas fossem mal, como aconteceu aqui, as nações considerariam o Deus de Israel fraco e ineficiente (ver Nm 14:15, 16; Dt 9:28), o que poderia encorajar a resistência cananita.

Em outras palavras, mesmo no contexto dos hebreus tomando a terra, grandes questões e princípios estavam envolvidos, o que incluía trazer honra e glória a Deus, que também era a única esperança para os pagãos, assim como para Israel.

Leia Deuteronômio 4:5-9. Que paralelo podemos ver entre o testemunho de Israel ao mundo e o nosso como adventistas do sétimo dia hoje?

Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 430-435 (“As muralhas de Jericó”).

“O pecado mortal que determinou a ruína de Acã teve suas raízes na cobiça, um dos pecados mais comuns e aos quais as pessoas dão menos importância. [...]

“Acã reconheceu sua culpa quando era tarde demais para que a confissão o beneficiasse. [...] Tinha ouvido o anúncio de que um grande crime havia sido cometido. E não somente isso: tinha ouvido até mesmo, de forma clara, de que crime se tratava. No entanto, seus lábios permaneceram fechados. Então começou a investigação solene. Ele se encheu de terror ao ver sua tribo ser apontada e, em seguida, sua família e sua casa! Ainda assim não fez confissão alguma até que o dedo de Deus apontou para ele. Então, quando seu pecado já não podia mais ser escondido, admitiu a verdade. Como é frequente esse tipo de confissão! Há uma grande diferença entre admitir fatos depois de terem sido provados e confessar pecados conhecidos unicamente por nós mesmos e Deus. Acã não teria confessado seu crime se não tivesse esperado que isso o isentasse das consequências. Sua confissão serviu apenas para mostrar que o castigo era justo. Seu arrependimento não foi sincero; não houve tristeza pelo pecado, mudança de propósito nem aversão ao mal” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* [CPB, 2022], p. 433-435).

6

Perguntas para consideração

1. Discuta a importância do décimo mandamento (Êx 20:17) em um mundo dominado por propagandas e consumismo. Como podemos distinguir entre um desejo e uma necessidade, e por que essa distinção é importante?
2. Leia a oração registrada em Daniel 9:4-19. Por que é tão relevante que o profeta, ao confessar os pecados de Israel, tenha se incluído, dizendo: “nós fizemos todas essas coisas ruins”, embora não tenhamos registro de que o próprio Daniel tenha feito o mal?
3. Por que a obediência dos israelitas a todos os “estatutos e juízos” era tão importante para seu testemunho? Esse mesmo princípio se aplica à igreja hoje? Nosso testemunho seria mais eficaz se seguíssemos tudo o que nos foi dado por Deus?

Respostas às perguntas da semana: 1. A derrota em Ai veio pela desobediência de Acã (roubo de despojos) e presunção de Israel (ataque sem consultar a Deus). 2. Deus expôs o pecado oculto com justiça e graça, mostrando Sua santidão. Apenas o culpado foi condenado. 3. Josué exigiu confissão pública, revelando que arrependimento tardio não anula consequências. 4. Mostra como Deus transforma fracassos em vitórias quando há obediência. O pecado de Acã trouxe uma derrota diante de Ai, mas a obediência permitiu a vitória sobre a cidade. 5. O princípio teológico é que a glória de Deus deve ser a prioridade absoluta do Seu povo.

Lealdade suprema: adoração em zona de guerra

SÁBADO, 8
NOVEMBRO

RPSP: JS 19



**VERSO PARA
MEMORIZAR**

“Mas busquem em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua justiça, e todas estas coisas lhes serão acrescentadas” (Mt 6:33).

Nesta semana, estudaremos alguns momentos importantes durante a conquista da Terra Prometida, nos quais Israel se reconsagrhou ao Senhor, às vezes diante de um perigo iminente. Josué tomou a decisão aparentemente irracional de circuncidá os israelitas em território inimigo (Js 5:1-9); celebrar a Páscoa diante de um perigo iminente (Js 5:10-12); construir um altar e adorar o Senhor enquanto a conquista estava a todo vapor (Js 8:30-35); e montar o tabernáculo do Senhor quando sete tribos em Israel ainda não haviam recebido sua herança (Js 18:1, 2).

Em meio à correria da vida, tendemos a focar nas urgências que surgem diariamente. Com frequência, deixamos de lado momentos de qualidade para renovar nosso compromisso com Deus, fazer uma pausa e expressar gratidão por tudo o que Ele tem feito e continua a fazer por nós. O culto matutino e vespertino, assim como o altar da família, parecem fora de lugar em nossa rotina agitada, guiada pela conveniência e pela busca de realizações pessoais. Contudo, no fundo, todos sabemos que os momentos passados com Deus e com nossos entes queridos são o uso mais valioso de nosso tempo limitado.

Leituras da semana

Js 5:1-7; Ex 12:6; 1Co 5:7; Js 8:30-35; Dt 8:11, 14; Hb 9:11, 12

Primeiro a aliança

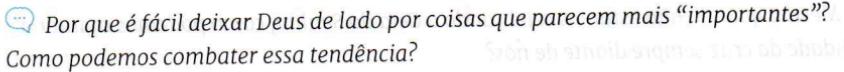
1. Leia Josué 5:1-7. Por que o Senhor ordenou a Josué que circuncidasse a segunda geração de israelitas naquele momento específico da conquista de Canaã?
-
-
-

Após a exploração do país, o relato encorajador dos espias e a travessia miraculosa do Jordão, poderíamos esperar um ataque imediato ao inimigo. No entanto, havia algo mais importante do que a conquista militar: a aliança de Israel com Deus. Antes que a nova geração pudesse se envolver na tomada do território, ela precisava estar totalmente ciente de seu relacionamento especial com o Dono daquele território. A renovação do sinal da aliança veio como uma resposta ao ato miraculoso e de graça de Deus ao guiar Israel em segurança através do Jordão.

Nossa aliança com Deus deve ser sempre uma resposta de gratidão pelo que Ele já fez por nós, e nunca uma tentativa de obter benefícios por meio de uma obediência legalista às Suas exigências (esse conceito foi fundamental nos conflitos de Paulo com aqueles que insistiam em que os gentios convertidos fossem circuncidados, como vemos claramente na Carta aos Gálatas).

Israel estava à beira da maior campanha militar de sua história, e poderíamos esperar que todo o acampamento estivesse focado nos preparativos de guerra. Na verdade, estava, mas não da maneira convencional. Em vez de preparar os cavalos e afiarem as espadas, eles se dedicaram a um ritual que deixou a maior parte da força de combate vulnerável por pelo menos três dias.

Eles fizeram isso para celebrar seu relacionamento com Deus, que os havia libertado do Egito. Por quê? Porque reconheciam que a batalha pertence ao Senhor. Era Ele quem lhes concedia vitória e êxito. Jesus apresentou o mesmo princípio em palavras diferentes: “Busquem em primeiro lugar o reino de Deus e a Sua justiça, e todas estas coisas lhes serão acrescentadas” (Mt 6:33). Na maioria das vezes, a vida cotidiana parece nos pressionar com a urgência de tantas coisas importantes que esquecemos de dar prioridade à coisa mais importante em nossa vida: a renovação diária de nosso compromisso com Cristo.

 Por que é fácil deixar Deus de lado por coisas que parecem mais “importantes”? Como podemos combater essa tendência?

Páscoa

- 2. Por que é relevante que Josué tenha escolhido celebrar a Páscoa apesar da tarefa enorme e urgente de conquistar a Terra Prometida? Js 5:10; Ex 12:6; Lv 23:5; Nm 28:16; Dt 16:4, 6**
-
-
-

A segunda atividade importante que antecedeu a conquista foi a celebração da Páscoa. Ela aconteceu na noite do décimo quarto dia do mês, em atenta conformidade com as instruções dadas por Deus. O significado simbólico da observância da Páscoa é especialmente enfatizado: os eventos no livro de Josué refletem aqueles do Êxodo. A Páscoa remete à noite da décima praga (Êx 12), quando o anjo do Senhor matou todos os primogênitos do Egito e poupar os israelitas. Em seguida, ocorreu a saída do Egito, a travessia do Mar Vermelho e a jornada pelo deserto.

7 Por outro lado, a história da segunda geração começou no deserto, continuou com a travessia do Jordão, envolveu a circuncisão e a celebração da Páscoa, e levou ao momento crucial em que outra intervenção miraculosa do Senhor era esperada contra os inimigos de Israel, os habitantes de Canaã. Junto com todos os atos anteriores, a celebração da Páscoa marcou o início de uma nova era na história de Israel.

Além disso, por meio do símbolo do cordeiro sacrificial, a Festa da Páscoa apontava para a redenção dos israelitas da escravidão egípcia. Contudo, também apontava para o seu cumprimento antitípico no Cordeiro de Deus, que nos resgatou da escravidão do pecado (Jo 1:29, 36; 1Co 5:7; 1Pe 1:18, 19). Na Ceia do Senhor, antes de Se oferecer como o sacrifício supremo, Jesus transformou a Páscoa em um memorial de Sua morte (Mt 26:26-29; 1Co 11:23-26).

No entanto, a Páscoa e a Ceia do Senhor sinalizam uma realidade ainda mais gloriosa: a multidão redimida entrando na Canaã celestial. No Apocalipse, João retrata esse evento antitípico de “travessia” como os 144 mil caminhando sobre o mar de vidro, que é o antítipo do Mar Vermelho e do rio Jordão, diante do trono de Deus (Ap 4:6; 7:9, 10). Eles celebrarão a antitípica Páscoa e a Ceia do Senhor durante as bodas do Cordeiro (Mt 26:29; Ap 19:9).

 Mesmo quando não estamos celebrando a Ceia do Senhor, como podemos manter a realidade da cruz sempre diante de nós?

Altares de renovação

3. Qual foi a motivação de Josué para construir um altar para o Senhor? Leia Josué 8:30, 31. Compare com Deuteronômio 11:26-30; 27:2-10.
-
-
-

Na época dos patriarcas, os altares marcavam o caminho de sua peregrinação e se tornavam representações concretas de que aquele território, que havia sido prometido por Deus, pertencia a eles. Agora, ao erguer um altar, os israelitas estavam testemunhando o cumprimento das promessas feitas aos seus antepassados. Neste caso, a construção do altar era o cumprimento direto das instruções dadas por Moisés (Dt 11:26-30; 27:2-10).

Josué 8:30-35 desempenha um papel significativo na mensagem teológica do livro. Ao conectar uma das histórias mais horripilantes e violentas – a guerra – a algo totalmente diferente, como uma cena de reafirmação da aliança – a adoração –, Josué nos remete a um dos temas teológicos mais importantes destacados no início do livro: a tarefa de conduzir Israel a uma vida de obediência à aliança (Js 1:7). Essa mesma responsabilidade é refletida nas palavras finais de Josué ao povo (Js 24).

Apesar da importância da guerra e da conquista, há algo ainda mais fundamental: a lealdade às exigências da lei de Deus. A conquista era apenas um passo no cumprimento do plano de Deus para Israel e da restauração de toda a humanidade. A fidelidade aos preceitos da Torá é a questão central no destino da humanidade. Josué escreveu a cópia da lei em grandes pedras caiadas, distintas das pedras do altar (compare com Dt 27:2-8). Assim, as pedras, que provavelmente continham os Dez Mandamentos, formavam um monumento separado nas proximidades do altar, lembrando constantemente os israelitas dos privilégios e deveres que faziam parte da aliança.

Josué prenuncia o Yehoshua (Jesus) do NT, cuja missão era, entre outras coisas, levar a humanidade de volta à obediência a Deus. Para atingir esse objetivo, Ele teve que empreender um conflito com os poderes do mal. Seu objetivo final era cumprir os requisitos da aliança em nosso favor: “Em Cristo, cada uma das promessas de Deus é ‘sim’. Por essa razão, por meio Dele dizemos ‘Amém’ para a glória de Deus” (2Co 1:20, NVI).

 Que práticas espirituais dos dias de hoje cumprem função semelhante à de construir um altar nos tempos antigos?

Escrito em pedras

- 4. Leia Josué 8:32-35. Qual é o significado do ato descrito nesses versos e o que ele nos ensina hoje?**

O monte Ebal é mencionado apenas em Deuteronômio (Dt 11:29; 27:4, 13) e no livro de Josué (Js 8:30, 33). Junto com o monte Gerizim, era o local onde as bênçãos e maldições da aliança deveriam ser proferidas. Mais especificamente, o monte Ebal seria o local das maldições (Dt 11:29; 27:4, 13). Lá os israelitas deveriam ficar de pé em ambos os lados da arca na presença dos sacerdotes (Js 8:33). Um grupo ficou em frente ao monte Ebal, e o outro em frente ao monte Gerizim. Com isso, eles representavam simbolicamente as duas maneiras possíveis de se relacionar com a aliança. Os sacrifícios oferecidos nesse local apontavam para Jesus, que tomou sobre Si as maldições da aliança, para que todos os que cressem Nele pudessem desfrutar dessas bênçãos (Gl 3:13; 2Co 5:21).

7

- 5. Por que era necessário escrever uma cópia da aliança em um monumento, visível a todos? Dt 4:31; 6:12; 8:11, 14; 2Rs 17:38; Sl 78:7**

Nós, seres humanos, frequentemente esquecemos as coisas com facilidade. À medida que acumulamos as crescentes e desconcertantes demandas da vida cotidiana, nossa atenção se concentra em períodos de tempo cada vez mais curtos. Isso nos faz esquecer, muitas vezes, aquilo que não ocorre com a mesma frequência ou intensidade. Em cada Ceia do Senhor, temos uma oportunidade especial para nos comprometer novamente com Cristo e renovar nosso vínculo com a aliança. É fundamental enxergar essas ocasiões não apenas como momentos de reconsagração pessoal, mas também como oportunidades de renovação coletiva da nossa fidelidade a Deus. Em uma sociedade cada vez mais voltada para o individualismo, é essencial redescobrir o poder de pertencer a uma comunidade que compartilha a mesma visão de mundo, valores, crenças e missão.

Por que é tão fácil esquecer do Senhor e confiar apenas em nossas forças, especialmente quando tudo vai bem?

Ansiando por Sua presença

6. Leia Josué 18:1 e 2. Qual foi a atividade que fez Josué interromper o processo de distribuição do território?

Após a descrição dos territórios atribuídos às duas maiores tribos no lado oeste do Jordão e à meia tribo de Manassés, houve uma assembleia da congregação em Siló, onde a terra foi dividida entre as sete tribos menores que ainda não tinham recebido a herança.

O estabelecimento do santuário, que Deus chamou de “Meu tabernáculo”, representa o cumprimento da promessa do Senhor de viver no meio de Seu povo (Êx 25:8; Lv 26:11, 12) e revela o tema central do livro: a presença de Deus no meio de Israel tornou possível a posse da Terra Prometida. Essa presença seria uma fonte contínua de bênçãos para Israel e, por meio deles, para toda a Terra (Gn 12:3). A adoração a Deus estava ganhando destaque e se tornando a prioridade, até mesmo em relação à conquista e à distribuição do território! A presença do santuário, e mais tarde do templo de Jerusalém, deveria ajudar o povo a reconhecer continuamente a presença de Deus entre eles e seu dever de cumprir a aliança.

7. Leia Hebreus 6:19, 20; 9:11, 12; 10:19-23. O que podemos aprender com Josué, considerando que, como cristãos, não temos um santuário terrestre que abrigue a presença física de Deus entre nós?

A menção ao santuário não deve ser uma surpresa, pois esse tema já está presente na narrativa de Josué por meio da arca da aliança. Essa arca era o elemento central do mobiliário no lugar santíssimo e marcou as duas primeiras seções do livro: a travessia e a conquista. Agora, ao colocar a construção do tabernáculo como o foco da distribuição do território, Josué demonstrou que toda a vida de Israel girava em torno do santuário, a base terrena de Yahweh.

Como cristãos que vivem no antitípico Dia da Expiação, é essencial termos nosso olhar fixo no santuário celestial enquanto enfrentamos os “gigantes” modernos (ou pós-modernos) que desafiam nossa fé, esperança e herança espiritual. Ao confiarmos continuamente na obra de Cristo realizada na cruz e no santuário celestial, podemos olhar para o futuro com confiança, aguardando o dia em que Deus habitará novamente no meio de Seu povo, desta vez para sempre (ver Ap 21:3).

Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 436–438 (“Bênçãos e maldições”).

“Segundo as instruções dadas por Moisés, um monumento de grandes pedras foi construído no monte Ebal. Sobre essas pedras, previamente preparadas por uma cobertura de argamassa, foi inscrita a lei – não somente os dez preceitos proferidos no Sinai e gravados em tábua de pedra, mas também as leis comunicadas a Moisés e escritas por ele num livro. Ao lado desse monumento, foi construído um altar de pedras não lavradas, sobre o qual foram oferecidos sacrifícios ao Senhor. O fato de o altar ter sido construído no monte Ebal, sobre o qual fora posta a maldição (Dt 11:29), foi significativo, dando a entender que, por causa de sua transgressão da lei de Deus, Israel merecia receber com justiça Sua ira, e eles a teriam sofrido imediatamente, não fosse pela expiação de Cristo, representada pelo altar de sacrifício” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* [CPB, 2022], p. 437).

“O momento da ceia não deve ser um período de tristeza. [...] Ao se reunirem os discípulos do Senhor em torno de Sua mesa, não devem lembrar e lamentar suas deficiências. Não devem se demorar em sua vida religiosa passada, seja para elevar ou deprimir. Não tragam à memória as diferenças existentes entre si e seus irmãos. A cerimônia preparatória já abrangeu tudo isso. O exame próprio, a confissão do pecado, a reconciliação dos desentendimentos – tudo já foi feito. Agora, chegam para se encontrar com Cristo. Não devem permanecer à sombra da cruz, mas à sua luz salvadora. Abram o coração para os brilhantes raios do Sol da Justiça” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações* [CPB, 2021], p. 530).

7

Perguntas para consideração

1. O que é buscar primeiro o reino de Deus? Isso influencia sua vida?
2. Por que é fácil esquecer o Senhor em meio à correria do dia a dia? Quais soluções podem ser propostas?
3. A certeza de que Jesus intercede por nós no santuário celestial (Hb 7:25) pode se tornar uma fonte de esperança e força diárias? Essa verdade é significativa hoje, no tempo do antítípico Dia da Exiação?

Respostas às perguntas da semana: 1. Deus ordenou a circuncisão para reafirmar a aliança com a nova geração antes da conquista. 2. Celebrar a Páscoa era priorizar a obediência e memória do Êxodo, mesmo em meio à guerra. 3. Josué construiu o altar para cumprir a ordem de Moisés e renovar o compromisso com a Lei. 4. A leitura pública da Lei ensinava o povo a viver pela aliança, princípio válido hoje para nossa fidelidade às Escrituras. 5. A cópia da aliança no monumento deveria prevenir o esquecimento da fidelidade divina. 6. Josué interrompeu a distribuição de terras para estabelecer o tabernáculo em Siló, centralizando o culto. 7. Podemos ir à presença de Cristo no “santuário celestial”, onde temos acesso a Deus pela fé.

Gigantes da fé: Josué e Calebe

SÁBADO, 15
NOVEMBRO

RPSP: JZ 2



**VERSO PARA
MEMORIZAR**

"Lembrem-se dos seus líderes, os quais pregaram a Palavra de Deus a vocês; e, considerando atentamente o fim da vida deles, imitem a fé que tiveram" (Hb 13:7).

Todo pai sabe que os filhos aprendem pelo exemplo, certo? Quantos pais já se preocuparam ao ver seus filhos seguirem seus maus hábitos em vez dos bons? Independentemente da idade, é comum acharmos mais fácil fazer o que é errado do que o que é certo. Isso faz parte da nossa condição como humanidade decaída. "Porque nem mesmo comprehendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto" (Rm 7:15). Quem de nós nunca se identificou com essa descrição?

Desde o nascimento, somos moldados pelo poder do exemplo. Aprendemos as coisas mais básicas da vida, como andar, falar e expressar emoções, imitando as pessoas ao nosso redor. Mesmo na vida adulta, ainda precisamos de modelos. Embora ninguém seja perfeito, podemos admirar e seguir os traços espirituais daqueles que se tornaram gigantes da fé.

Nesta semana, vamos examinar mais de perto os exemplos de dois gigantes da fé no livro de Josué: Calebe e o próprio Josué. O que fez com que eles se destacassem em sua geração e desempenhassem um papel fundamental na vida do povo de Deus durante um dos períodos mais importantes da história de Israel?

Leituras da semana

Nm 13:6, 30-32; Js 14:6-14; Lc 18:1-5; Js 19:49-51; 2Co 3:18; Rm 12:1, 2

Fidelidade

- 1. Leia Números 13:6, 30-32; Josué 14:6, 14. Quem foi Calebe? Qual foi a sua importância dentro do povo de Israel?**
-
-

O nome Calebe vem da palavra hebraica *keleb* (“cachorro”), que no AT é geralmente usada de forma negativa. No entanto, em cartas e hinos fora da Bíblia, o termo *keleb* era utilizado para descrever a coragem, perseverança e lealdade de um servo ao seu senhor. Nesse sentido, Calebe honrou o significado de seu nome, mostrando, ao longo de sua vida, uma fidelidade inabalável ao seu Senhor.

- 2. Calebe teve a coragem de expressar suas convicções, mesmo quando a maioria dos espías discordou dele e o povo de Israel o ameaçou de morte. O que isso revela sobre o seu caráter? Nm 14:6-10, 21-25; 26:65; 32:12**
-
-

8

Pense nos importantes líderes israelitas que eram contemporâneos de Josué e Calebe: Samua, Safate, Jigeal, Palti, Gadiel, Gadi, Amiel, Setur, Nabi e Geuel (Nm 13:4-15). Consegue lembrar de algum desses nomes?

Provavelmente, não. Por quê? Esses são os nomes dos outros dez espías enviados por Moisés para explorar a terra de Canaã. Eles caíram no esquecimento porque seus nomes não foram dignos de ser lembrados. O relatório que trouxeram retratou a Terra Prometida como impossível de ser conquistada. Eles se viam como gafanhotos em comparação com os gigantes que habitavam algumas áreas da terra e ficaram apavorados ao se depararem com os muros “intransponíveis” das cidades fortificadas em Canaã. Calebe, um dos dois espías que trouxeram um relatório positivo, assumiu a liderança ao apresentar outra possibilidade: a atitude de fé. Ele estava disposto a defender o que sabia ser certo, mesmo diante da oposição e da ameaça de morte: “Toda a congregação disse que Josué e Calebe deviam ser apedrejados” (Nm 14:10).

 O que você faz quando a maioria das pessoas discorda de suas convicções mais profundas?

Dê-me esta montanha

- 3.** Leia Josué 14:6-14; Números 14:24; 32:12; Deuteronômio 1:36; Lucas 6:45. Como você descreveria a atitude de Calebe e Josué? O que significa seguir ao Senhor de todo o coração (Js 14:8)?
-
-
-

Calebe nunca se esqueceu da promessa que o Senhor lhe fizera por meio de Moisés: de que ele entraria na terra onde seus pés haviam pisado (Nm 14:24). Quarenta e cinco anos depois, ao se referir ao seu próprio relatório sobre a Terra Prometida, Calebe declarou: “Eu lhe relatei o que estava no meu coração” (Js 14:7). Seu relato se baseava na convicção de que, com a orientação e auxílio de Deus, Israel seria capaz de conquistar aquele território.

Em contraste com o relato dos outros dez espías, que semearam medo entre os israelitas, Calebe demonstrou um profundo comprometimento e confiança na promessa do Senhor. A expressão hebraica diz literalmente: “Segui plenamente o SENHOR” (Js 14:8). Essa frase significa: “Eu [...] fui inteiramente fiel ao SENHOR, o meu Deus” (NVI) ou “segui o SENHOR, meu Deus, de todo o coração” (NVT). Ao contrário de outras pessoas que se deixaram levar por deuses estrangeiros e não seguiram o Senhor completamente, o coração de Calebe estava totalmente dedicado a Ele.

Essa mesma expressão é repetida duas vezes mais tarde, destacando a fidelidade de Calebe (Js 14:9, 14). O próprio Senhor afirmou que nele havia “outro espírito” (Nm 14:24, NAA) ou “um espírito diferente” (NVI), que distinguia Calebe e Josué dos outros dez espías. Mesmo aos 85 anos, ele continuava a ser um exemplo do que o Senhor pode realizar por meio de pessoas cujo coração é completamente dedicado a Ele e à Sua causa.

Calebe entendeu que o território que cada tribo receberia era diretamente proporcional à ousadia com que reivindicavam as promessas do Senhor e à extensão de terra que estavam dispostos a pisar pela fé. As promessas de Deus não se cumprem automaticamente, independentemente de nossa vontade. Elas exigem que nossa fé seja acompanhada de ações decididas. O termo hebraico *'ulay*, que significa “se” (Js 14:12), pode expressar medo e dúvida, mas geralmente indica esperança e a expectativa de que algo positivo acontecerá (Gn 16:2; Nm 22:6, 11; 23:3).

8

 Que concessões, mesmo que “pequenas”, podem nos impedir de seguir plenamente o Senhor?

O poder do exemplo

- 4.** **Leia Josué 15:16-19; Juízes 1:13; 3:7-11. O que essa história revela sobre o poder do exemplo? De que maneira a atitude de Calebe estava sendo refletida na geração mais jovem?**

Nessa passagem, Calebe ofereceu sua filha, Acsa, em casamento àquele que conseguisse conquistar Debir (o nome dessa cidade tinha sido Quiriates-Sefer; Js 15:15). Otniel tomou a cidade e ganhou a mão de Acsa. Essa história é significativa porque revela a coragem, a fé e a disposição de Calebe para enfrentar desafios.

Além disso, mostra que a nova geração de israelitas seguia o exemplo de gigantes da fé como Calebe e Josué. Enquanto a geração mais velha encerrava seu ministério, havia um novo grupo pronto para enfrentar os desafios e continuar a cumprir o plano de Deus para Israel.

A atitude de Acsa espelhava o pedido de Calebe a Josué: “Dê-me agora este monte” (Js 14:12). Encorajada pelo marido, Acsa expressou a mesma fé e determinação que seu pai havia demonstrado. Com ousadia, ela seguiu o exemplo de Calebe ao reivindicar a promessa de possuir a terra.

8

De fato, a terra era um presente de Yahweh para Israel, mas o povo precisava se apropriar dela, reivindicando as promessas do Senhor com fé e coragem. A determinação de Acsa prenunciava a perseverança das mulheres mencionadas nos evangelhos, que não se deixaram desaninar pela multidão ou pelos discípulos e continuaram a receber a bênção de Jesus para si mesmas e suas famílias.

- 5. Leia Lucas 18:1-5. O que essa passagem pode nos ensinar?**

Passar a tocha da fé para a próxima geração é fundamental para cumprir a missão. Quais são os desafios e as oportunidades nesse processo? Como podemos motivar e preparar os jovens para se tornarem líderes espirituais? E qual é o impacto do nosso exemplo nisso?

Herói humilde

As longas listas de nomes de lugares que marcam as fronteiras das terras dadas às tribos de Israel terminam com a distribuição de terras para os dois heróis, Calebe e Josué, que foram os primeiros a reconhecer essas áreas. Calebe foi o primeiro a receber sua herança, enquanto Josué obteve a sua por último. Até então, Josué havia se concentrado em dividir a terra entre as tribos de Israel; agora foi a vez de o povo dar a Josué a sua herança.

6.5. Leia Josué 19:49-51: O grande líder de Israel, que dividiu a terra, recebeu sua herança por último. Quais são as implicações desse fato?

A cidade que Josué recebeu chamava-se Timnate-Sera, um nome formado por duas palavras. A primeira parte, “Timnate”, vem do verbo hebraico *manah*, que significa contar ou atribuir, referindo-se à porção ou território. A segunda parte provavelmente deriva do verbo *serach*, que significa sobrar ou exceder (ver *Êxodo 26:12*). Assim, podemos traduzir o nome dessa cidade como “porção restante” ou “território restante”.

O nome da cidade que Josué escolheu, a partir do que sobrou, reflete o caráter nobre do segundo líder de Israel. Primeiro, ele esperou até que todo o povo recebesse sua porção. Em vez de optar por um dos territórios densamente povoados ou pelas cidades mais notáveis como sua herança, Josué escolheu uma cidade modesta, ou talvez até em ruínas, para reconstruí-la com trabalho árduo (ver *Js 19:50*).

Além disso, Timnate-Sera estava localizada perto de Siló, próximo ao santuário, o que revela onde estavam as prioridades de Josué e onde seu coração realmente se encontrava. Certamente, após a recém-formada nação de Israel ter sido conduzida à Terra Prometida e, com a ajuda de Deus, garantir a herança de cada tribo e família, ninguém teria se oposto ao desejo de Josué por uma herança mais grandiosa. No entanto, ele estava satisfeito em ter uma vida simples, focando no que realmente importava, uma atitude que foi refletida na oração de Davi: “Uma coisa peço ao SENHOR e a buscarei: que eu possa morar na Casa do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do SENHOR e meditar no Seu templo” (*Sl 27:4*).

Quais lições você pode aprender com a atitude de Josué? Como pode aplicar isso à sua vida hoje?

Transformados pela contemplação

7. Refletir sobre grandes heróis da fé nos inspira, mas nosso maior exemplo é Jesus.

8. Como Sua vida e ensinamentos podem nos transformar? Hb 12:1, 2; 2Co 3:18

Marco Iacoboni, neurocientista da Universidade da Califórnia, em Los Angeles (EUA), estudou a função dos neurônios-espelho. Esses pequenos circuitos celulares são ativados não apenas quando realizamos uma ação, como rir ou abraçar alguém, mas também quando observamos outra pessoa fazendo a mesma coisa. A atividade desses neurônios diminui a diferença entre ver e fazer.

Ellen G. White escreveu sobre a importância de contemplar o caráter de Cristo: “Olhando para Cristo obtemos uma visão mais clara e distinta de Deus, e pela contemplação somos transformados. A benignidade e o amor para com nossos semelhantes se tornam um instinto natural. Desenvolvemos um caráter que é cópia do divino. Crescendo à Sua semelhança, ampliamos nossa capacidade de conhecer a Deus. Entramos, cada vez mais, em comunhão com o mundo celestial e temos o poder incessantemente crescente de receber as riquezas do conhecimento e sabedoria da eternidade” (*Parábolas de Jesus* [CPB, 2022], p. 207, 208).

8

8. Leia Romanos 12:1 e 2. Quais são as duas forças diferentes que influenciam nossa vida? Como podemos ter certeza de que estamos focando na coisa certa?

Em Romanos 12, o apóstolo Paulo menciona duas forças opostas que tentam moldar nossa vida. De um lado, o mundo ao nosso redor, com suas várias influências, busca nos empurrar para seu próprio padrão, tentando nos moldar de fora para dentro.

Para combater essa influência, o Espírito Santo nos transforma de dentro para fora, de modo semelhante à mudança que ocorre quando uma lagarta se transforma em uma bela borboleta. No entanto, para que essa transformação aconteça, precisamos nos dedicar a Deus e pedir que Ele continue a boa obra que começou em nós (Fp 1:6). No fim, é essencial que façamos a escolha consciente de, a cada momento, viver guiados pelo Espírito.

 Você conhece alguém que precisa não apenas de orações, mas também de atenção?

Estudo adicional

“Nessa época, a fé de Calebe era exatamente igual à de quando seu testemunho tinha contrariado o relato pessimista dos espias. Havia acreditado na promessa de Deus de que levaria Seu povo a possuir Canaã, e nisso havia seguido fielmente ao Senhor. Tinha suportado, juntamente com o povo, a longa peregrinação no deserto, participando das desilusões e fardos dos culpados. Contudo, não se queixou disso, mas exaltou a misericórdia de Deus que tinha preservado sua vida no deserto, quando seus irmãos foram eliminados. Entre todas as dificuldades, perigos e pragas, nas vagueações pelo deserto e durante os anos de guerra, desde que entraram em Canaã, o Senhor o tinha guardado, e agora, com mais de 80 anos, seu vigor não havia diminuído. Não pedia para si uma terra já conquistada, mas o lugar que, mais do que todos, os outros espias haviam considerado impossível subjugar. Com a ajuda de Deus, arrancaria essa fortaleza daqueles mesmos gigantes cujo poder tinha abalado a fé de Israel. Não foi o desejo de honras ou engrandecimento próprio que determinou o pedido de Calebe. O bravo e velho guerreiro queria dar ao povo um exemplo que honraria a Deus e incentivaria as tribos a dominar completamente a terra que seus pais tinham considerado inconquistável” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* [CPB, 2022], p. 447).

Perguntas para consideração

1. Discuta o impacto da pressão de grupo e a coragem necessária para se manifestar quando os outros não o fazem. Qual é o papel da coragem em nossa vivência da fé? Como defender nossas convicções sem sermos rudes?
2. Compartilhem exemplos de fé de sua igreja ou comunidade que moldaram sua vida e seu caráter. Quais características devem ser seguidas?
3. Reflita sobre a influência da mídia em nossa vida. Como evitar seus efeitos negativos e aproveitar seu potencial para promover causas positivas?
4. Pense sobre a humildade de Josué como líder e seu desejo de viver próximo ao santuário. De que maneira o exemplo dele impacta você?

Respostas às perguntas da semana: 1. Calebe foi um dos doze espias enviados por Moisés para observar a terra. Ao lado de Josué, defendeu a conquista de Canaã, destacando-se por sua fé inabalável. Recebeu Hebron como herança por seguir a Deus “inteiramente”. 2. Seu caráter era corajoso: enfrentou a multidão e manteve a fé, sendo recompensado por Deus. 3. Calebe e Josué exemplificaram confiança em Deus acima das circunstâncias, tendo um coração alinhado com Deus. 4. Sua filha Acsa e Otoniel refletiram seu legado de fé e ousadia, mostrando que exemplos piedosos inspiram gerações. 5. Ensina a persistir na oração diante dos desafios. Calebe persistiu na promessa. Acsa foi perseverante na súplica ao pai. 6. Josué recebeu sua herança por último, demonstrando liderança servidora e desprendimento. 7. Jesus, nosso exemplo, nos transforma quando fixamos Nele nosso olhar. 8. As pressões mundanas e a “boa, agradável e perfeita vontade de Deus”, que exige entrega total para discernir e viver a vontade de Deus. O nosso foco está correto quando a nossa adoração produz uma vida prática agradável a Deus.

Herdeiros das promessas, prisioneiros da esperança

SÁBADO, 22

NOVEMBRO

RPSP: JZ 9



VERSO PARA MEMORIZAR

**“Voltem para a fortaleza, ó prisioneiros da esperança!
Também hoje anuncio que lhes restituirei tudo em dobro”**
(Zc 9:12).

Os capítulos 13 a 21 de Josué contêm longas listas de fronteiras e divisões de terras destinadas às tribos de Israel. Para muitos leitores de hoje, essas descrições podem parecer irrelevantes, mas elas têm um significado teológico importante. Essas listas mostram que a Terra Prometida não era apenas uma ideia distante, mas uma promessa concreta e real. Deus queria ensinar aos israelitas que o território prometido era algo tangível, e eles precisavam agir com fé para tornar essa promessa uma realidade.

A terra seria dada aos israelitas como herança, um presente que cumpria a promessa feita por Deus a seus antepassados: “Eis aqui a terra que Eu pus diante de vocês; entrem e tomem posse da terra que o SENHOR, com juramento, deu a seus pais, a Abraão, Isaque e Jacó, a eles e à sua descendência depois deles” (Dt 1:8).

Nesta semana, vamos explorar alguns conceitos teológicos relacionados à Terra Prometida e refletir sobre sua relevância espiritual para aqueles que, hoje, confiam nas promessas de Deus em Jesus.

Leituras da semana

Gn 3:17-24; Dt 6:3; Js 13:1-7; Hb 12:28; Lv 25:1-5, 8-13; Ez 37:14, 25

Éden e Canaã

1. *Leia Gênesis 2:15; 3:17-24. Quais foram as consequências da queda em relação à duração de vida do primeiro casal?*

Na criação, Deus colocou Adão e Eva em um ambiente perfeito, repleto de abundância e beleza. O casal conheceu seu Criador em um lugar que supria todas as suas necessidades físicas. Além da palavra falada de Deus, o jardim do Éden servia como um centro de aprendizado, onde adquiriram uma compreensão profunda do caráter divino e da vida que o Senhor desejava para eles. No entanto, ao quebrar o relacionamento de confiança com o Criador, essa conexão com o jardim também se desfez e, como consequência, tiveram que deixá-lo. Perderam o território que Deus havia confiado a eles. O jardim do Éden passou a simbolizar a vida abundante, uma imagem que redescobriremos no tema da Terra Prometida.

2. *Como os patriarcas entendiam a promessa da Terra Prometida? Leia Gênesis 13:14, 15; 26:3, 24; 28:13. O que significa, para nós adventistas, viver como herdeiros das promessas? Hb 6:11-15*

Quando Abraão chegou ao território que Deus lhe havia indicado, aquele lugar, pela fé, tornou-se a Terra Prometida para ele e seus descendentes. No entanto, por 400 anos, essa terra permaneceu apenas como promessa. Os patriarcas não chegaram a possuí-la de fato; não tinham posse que pudessem passar para seus filhos como herança. A terra pertencia a Deus, assim como o jardim do Éden lhe pertencia. Da mesma forma que Adão e Eva não fizeram nada para merecer o Éden, Israel também não fez nada para merecer aquele território. A Terra Prometida foi um presente de Deus, fruto de Sua iniciativa. Israel não tinha nenhum direito natural ou reivindicação sobre a posse da terra (Dt 9:4-6); somente pela graça de Deus poderiam desfrutá-la.

Os patriarcas eram herdeiros das promessas até que elas se cumprissem. Da mesma forma, como seguidores de Cristo, herdamos promessas ainda maiores (Hb 8:6), que se realizarão se formos “imitadores daqueles que, pela fé e pela paciência, herdam as promessas” (Hb 6:12).

A terra como dádiva

3.0 Leia Exodo 3:8; Levítico 20:22; 25:23; Números 13:27; Deuteronômio 4:1, 25, 26; 6:3; Salmo 24:1. Qual era o relacionamento especial entre Deus, Israel e a Terra Prometida?

No aspecto mais básico, o território oferece à nação uma identidade física. Ao definir sua localização, ele também determina a profissão e o modo de vida do povo. Por outro lado, os escravos não possuem raízes e não pertencem a lugar algum; outra pessoa se beneficia do fruto de seu trabalho. Ter um território significa liberdade. A identidade do povo escolhido estava profundamente conectada à sua permanência na terra.

Havia uma relação especial entre Deus, Israel e a terra. Israel recebeu a terra de Deus como um presente, não como um direito inalienável. O povo escolhido só poderia habitar na terra enquanto mantivesse uma aliança com Yahweh e seguisse os preceitos dessa aliança. Em outras palavras, eles não poderiam desfrutar a terra e suas bênçãos sem a aprovação divina.

Além disso, a terra funcionava como uma janela pela qual Israel tinha uma visão mais ampla de Deus. Viver ali lhes recordava constantemente de que Deus era fiel, cumpria Suas promessas e era digno de confiança. Nem a terra, nem Israel existiriam sem a iniciativa divina, que era a base de sua existência. No Egito, eles dependiam do Nilo e de sistemas de irrigação, aliados ao trabalho árduo, para garantir as colheitas necessárias à sua subsistência. Canaã, no entanto, era diferente. Lá, a prosperidade das colheitas dependia da chuva, e apenas Deus controlava o clima. Dessa forma, a terra reforçava a lembrança da contínua dependência de Israel em relação a Deus.

Embora Israel tenha recebido a terra como um presente de Yahweh, em última análise, Deus permanecia o verdadeiro dono. Como Senhor de toda a criação (Sl 24:1), Yahweh tinha o direito de dar a terra a Israel ou retirá-la. Se Deus é o proprietário, os israelitas – e, por extensão, todos os seres humanos – são apenas estrangeiros e peregrinos. Em outras palavras, somos hóspedes permanentes de Deus em Seu mundo.

À luz de 1 Pedro 2:11 e Hebreus 11:9-13, o que para você significa viver como um estrangeiro e peregrino, aguardando a cidade cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus?

O desafio da terra

4.º Leia Josué 13:1-7. Embora a terra de Canaã tenha sido um presente de Deus, quais foram alguns dos desafios enfrentados ao tomar posse dela? (Leia Fp 2:12; Hb 12:28)

Considerando que os israelitas viveram como escravos por séculos, suas habilidades militares eram limitadas para conquistar a Terra Prometida. Mesmo os egípcios, com seus exércitos treinados e bem armados, não conseguiram ocupar Canaã de forma duradoura. A conquista total da região foi impossível para eles devido às cidades muradas, que eram praticamente intransponíveis. Agora, uma nação composta por ex-escravos enfrentava a tarefa desafiadora de conquistar uma terra que seus antigos senhores não conseguiram dominar. Se algum dia eles conquistassem essa terra, seria unicamente pela graça de Deus, e não por seus próprios esforços.

Os capítulos 13 a 21 de Josué tratam da divisão da terra entre as diversas tribos de Israel. Essa distribuição não apenas indicava o que lhes era concedido, mas também destacava o que ainda precisava ser ocupado dentro daquele território. Os israelitas tinham a promessa de viver com segurança na herança que Deus lhes estava proporcionando. Eles eram, na verdade, inquilinos legítimos da terra que pertencia ao Senhor. Entretanto, a iniciativa de Deus precisava ser acompanhada por uma resposta ativa da parte deles. A primeira metade do livro narra como Deus entregou a terra ao desapropriar os cananeus; a segunda metade relata como Israel tomou posse da terra ao colonizá-la.

Essa complexidade da conquista ilustra o processo da salvação. Assim como Israel, não podemos fazer nada para conquistar nossa salvação (Ef 2:8, 9). Ela é um presente de Deus, assim como a terra era uma dádiva, fundamentada no relacionamento de aliança que Israel tinha com Ele. Isso, sem dúvida, não se baseava em seus próprios méritos (ver Dt 9:5).

Contudo, para que os israelitas pudessem desfrutar desse presente divino, era necessário que assumissem todas as responsabilidades que vinham com a vida na Terra Prometida. Essa dinâmica é semelhante ao processo de santificação que vivenciamos, resultado da nossa obediência de amor, como cidadãos do reino de Deus. Embora os dois processos não sejam idênticos, existem paralelos entre receber a terra pela graça e receber a salvação pela graça. Fomos agraciados com um presente maravilhoso, mas é algo que podemos perder se não cuidarmos dele com responsabilidade e vigilância.

De que maneira os cristãos hoje enfrentam desafios semelhantes aos que surgiram durante a ocupação da Terra Prometida? (Leia Fp 2:12; Hb 12:28)

O ano do jubileu

A Terra Prometida era tão essencial para a identidade de Israel como povo de Deus que não poderia ser dividida de maneira ampla e sem critérios. Sua repartição precisava ser feita entre tribos, clãs e famílias (Nm 34:13-18) para garantir que não ficasse nas mãos de algumas elites dominantes.

5.b) Leia Levítico 25:1-5, 8-13. Qual era o propósito do ano sabático e do ano do jubileu?

Ao contrário do Egito, onde as pessoas frequentemente perdiam suas terras e se tornavam servas do faraó, o propósito de Deus para os israelitas era garantir que eles nunca ficassem em uma situação de desvantagem permanente. A terra que cada família recebia não poderia ser possuída por ninguém de fora do seu clã ou família original. Na verdade, segundo o plano de Deus, a terra não poderia ser vendida; ela só poderia ser arrendada, e seu valor seria determinado com base nos anos restantes até o próximo ano do jubileu. Isso significava que, se alguém tivesse que “vender” sua propriedade familiar, seus parentes tinham a responsabilidade de resgatá-la antes do jubileu (Lv 25:25).

A forma como a terra foi distribuída nos ajuda a entender melhor a intenção no coração de Deus. Como nosso Pai celestial, Ele queria que Seus filhos fossem generosos com os que estavam em dificuldade, permitindo que as terras sustentassem todos a cada sete anos. O ano sabático aplicava a ideia do descanso do sábado em uma escala maior. Além de valorizar e encorajar o trabalho duro, a propriedade da terra exigia que as pessoas se respeitassem e cuidassem umas das outras, especialmente em tempos de dificuldade financeira.

As leis sobre a propriedade da terra ofereciam a cada israelita a chance de se libertar de situações opressivas, herdadas ou causadas por escolhas erradas, e de ter um novo começo.

No fundo, essas leis transmitiam uma das verdades mais importantes sobre o propósito do evangelho: eliminar as divisões entre ricos e pobres, empregadores e empregados, privilegiados e desfavorecidos, reconhecendo que todos precisamos da graça de Deus.

Infelizmente, Israel não seguiu o padrão estabelecido por Deus e, após séculos, as advertências de Deus se tornaram realidade (2Cr 36:20, 21).

Como os princípios da distribuição de terras israelitas e do sábado podem nos lembrar que, aos olhos de Deus, todos nós somos iguais? De que maneira o sábado pode nos ajudar a evitar os ciclos de exploração e compulsão do consumismo que assolam muitas sociedades?

A terra restaurada

6. “Leia Jeremias 24:6; 31:16; Ezequiel 11:17; 28:25; 37:14, 25. Qual era a promessa de Deus a respeito do retorno de Israel à Terra Prometida e de que forma ela se concretizou?”

Durante o exílio em Babilônia, os israelitas enfrentaram não apenas a dolorosa realidade de não ter raízes, mas também a promessa de que seu relacionamento com Deus – embora concretizado pela promessa da terra – não estava condicionado nem limitado à posse física dela. Quando confessaram seus pecados, se arrependiam e buscaram o Senhor de todo o coração, Deus cumpriu Sua promessa e os trouxe de volta à sua terra como um sinal de restauração. Ou seja, Ele ainda era seu Deus, mesmo na ausência da terra.

Entretanto, a promessa de Israel de possuir a terra para sempre era condicional (Dt 28:63, 64; Js 23:13, 15; 1Rs 9:7; 2Rs 17:23; Jr 12:10-12). Da mesma forma, a promessa de reassentamento e prosperidade na terra após o exílio também dependia de condições. Ao mesmo tempo, os profetas do AT apontaram para uma restauração que seria trazida pelo futuro Rei descendente de Davi (Is 9:6, 7; Zc 9:9, 16). Essa promessa se concretizou na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, em quem se cumprem todas as promessas feitas ao antigo Israel.

Embora o NT não mencione diretamente a Terra Prometida, ele afirma que as promessas de Deus se realizaram em Jesus Cristo e por meio DEle (2Co 1:20; Rm 15:8). Assim, à luz de Cristo, a Terra Prometida é reinterpretada e se torna um símbolo das bênçãos espirituais que Deus planeja conceder ao Seu povo fiel, tanto agora quanto na eternidade (Ef 2:6).

O cumprimento final da promessa divina de descanso, abundância e bem-estar na Terra Prometida ocorrerá na nova Terra, livre do pecado e de suas consequências. Nesse sentido, como cristãos, nossa esperança se fundamenta na promessa de Cristo de que Ele voltará e, após um período de mil anos no Céu, estabelecerá Seu reino eterno na Terra renovada. Esse será o cumprimento final de todas as promessas relacionadas à Terra Prometida.

Leia João 14:1-3; Tito 2:13 e Apocalipse 21:1-3. Qual é a esperança final apresentada nesses versos e de que maneira a morte de Jesus assegura o cumprimento dessa esperança?

Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. 555–560 (“A vitória do amor”).

“Seremos salvos eternamente quando entrarmos pelas portas para a cidade. Então poderemos nos regozijar de estar salvos, eternamente salvos. Até então, porém, precisamos atender à exigência do apóstolo, e temer ‘que, porventura, deixada a promessa de entrar no Seu repouso, pareça que algum de vós fique para trás’ (Hb 4:1). Ter certo conhecimento de Canaã, cantar os hinos de Canaã, regozijar-se na perspectiva de entrar em Canaã, não levou os filhos de Israel às vinhas e oliveiras da Terra Prometida. Eles só os podiam tornar realmente seus pela ocupação, cumprindo as condições, exercendo fé viva em Deus, apoderando-se de Suas promessas” (Ellen G. White, *Para Conhecê-Lo* [CPB, 1965], 5 de junho).

“Na Bíblia, a herança dos salvos é chamada ‘pátria’ (Hb 11:14–16). Ali o Pastor celestial conduz Seu rebanho às fontes de água viva. [...] Ali as extensas planícies se expandem na direção de lindas colinas, e as montanhas de Deus erguem seus majestosos cumes. Nessas planícies pacíficas, ao lado daquelas correntes cristalinas, o povo de Deus, durante tanto tempo peregrino e errante, encontrará um lar” (Ellen G. White, *O Grande Conflito* [CPB, 2021], p. 558).

Perguntas para consideração

1. Pense na Terra Prometida como um símbolo da vida abundante que Cristo prometeu a Seus seguidores em João 10:10. Como os benefícios de viver na Terra renovada mostram as bênçãos da salvação?
2. A cidadania influencia o estilo de vida? O que significa viver como parte do reino de Deus?
3. Muitas vezes, ficamos decepcionados por promessas não cumpridas, até mesmo as que fazemos a nós mesmos. Por que podemos confiar nas promessas de Deus?
4. Como a promessa da nova Terra pode se tornar parte do nosso futuro de forma real e concreta, mesmo agora?

9

Respostas às perguntas da semana: 1. Após a queda, a duração da vida humana foi progressivamente reduzida, marcando o início do processo de degeneração física e espiritual. 2. Os patriarcas entendiam a promessa da terra como aliança eterna, e nós, como adventistas, vivemos como herdeiros espirituais dessa promessa, aguardando “uma pátria superior, isto é, celestial”. 3. A Terra Prometida estava envolvida no relacionamento entre Deus e Seu povo. A terra era dádiva de Deus, mas permanecia Sua propriedade, exigindo fidelidade de Israel como condição para habitá-la. 4. A conquista foi progressiva, com desafios incluindo territórios não dominados, nações hostis e a necessidade de distribuição equitativa entre as tribos. 5. O ano sabático e o ano do Jubileu ensinavam dependência de Deus, justiça social e restauração da herança familiar – princípios do reino de Deus. 6. As promessas de retorno foram cumpridas parcialmente após o exílio, mas apontam para a restauração escatológica sob o Messias, que serão plenamente realizadas no reino eterno.

© 2021 Adventist Publishing Association. All rights reserved. Used with permission.

O verdadeiro Josué

SÁBADO, 29
NOVEMBRO

RPSP: JZ 16



VERSO PARA MEMORIZAR

“Estas coisas aconteceram com eles para servir de exemplo e foram escritas como advertência a nós, para quem o fim dos tempos tem chegado” (1Co 10:11).

No livro de Josué, percebemos que a vida do personagem principal aponta para uma realidade muito maior do que ele mesmo. Esse princípio se repete em toda a Bíblia, como a terra de Canaã, um símbolo de nossa esperança eterna em uma nova terra. E, claro, o serviço do santuário terrestre apontava para uma realidade maior: “Cristo veio como Sumo Sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos humanas, quer dizer, não desta criação” (Hb 9:11).

Contudo, surgem as perguntas: De que maneira Josué aponta para um cumprimento futuro? Como podemos ter certeza de que tal interpretação do livro é legítima? Quais são os princípios bíblicos que controlam a aplicação do livro de Josué às realidades do Novo Testamento e aos eventos do fim dos tempos?

Nesta semana, veremos princípios de interpretação bíblica sobre tipologia. Estudaremos como a própria Bíblia contém indicadores desse tema e como a vida de Josué prenuncia o ministério do Messias e aponta para um simbolismo cumprido na igreja, e que se cumprirá na consumação da história humana.

Leituras da semana

1Co 10:1-13; Mt 2:15; Js 1:1-3; At 3:22-26; Hb 3:7-4:11; 2Co 10:3-5

Tipologia bíblica

1. Estude as seguintes passagens que se referem a tipos e procure formular o que é tipologia bíblica: Rm 5:14; 1Co 10:1-13; Hb 8:5; 9:23
-
-
-
-
-

Essas passagens bíblicas usam o termo “tipo” (grego *typos*) ou “antítipo” (grego *antitypos*) para se referir à maneira como o escritor do NT definiu a relação entre um texto ou evento do AT e seu significado em seu próprio tempo ou no futuro.

Tipologia é uma forma específica de interpretação bíblica em que pessoas, eventos ou instituições prefiguram Jesus ou outras realidades contidas no evangelho. O tipo corresponde ao antítipo como um molde ou uma forma oca que reflete a forma original, mesmo que o antítipo cumpra mais plenamente o propósito do tipo. Assim, o tipo bíblico foi moldado de acordo com um propósito divino que tinha existido concretamente, ou conceitualmente, na mente de Deus, e serve para moldar cópias futuras (antítipos).

É crucial entender que os escritores do NT não atribuíram aleatoriamente um significado tipológico a alguns textos do AT para mostrar um ponto de vista. Um tipo do AT é sempre validado nos escritos proféticos antes de adquirir um cumprimento antitípico no NT.

2. Veja como Davi aparece no Antigo Testamento e, então, como ele é prefigurado no Novo. Que lições podemos aprender sobre como a tipologia funciona a partir deste exemplo?

a) Davi (Sl 22:1, 14-18): _____

b) O novo Davi (Jr 23:5; Is 9:5-7; 11:1-5): _____

c) O Davi antitípico (Jo 19:24): _____

Ao olhar para esses textos, descobrimos que o próprio AT apresenta a chave para identificar e aplicar tipos nas Escrituras. Ou seja, os escritores do NT, cuja Escritura era o AT, foram inspirados pelo Espírito Santo a usar os tipos do AT para revelar a “presente verdade” (2Pe 1:12, NVI), especialmente sobre Jesus e Seu ministério.

Tipo e antítipo

Os intérpretes da Bíblia não podem decidir arbitrariamente sobre o que constitui um tipo bíblico ou como esse tipo em particular é cumprido no NT e além. A própria Bíblia oferece diretrizes e princípios quanto à aplicação da tipologia bíblica.

Da mesma forma, o NT desdobra o cumprimento antitípico de um tipo em três fases distintas: (1) na vida de Cristo (o cumprimento cristológico), (2) na experiência da igreja (o cumprimento eclesiológico) e (3) no fim dos tempos (o cumprimento escatológico).

Encontramos tipos e antítipos por toda a Bíblia, e eles são úteis para mostrar aos leitores como entender a Bíblia e quais verdades a Palavra de Deus está ensinando sobre Jesus, a salvação e a esperança final que temos.

3.0 Veja os seguintes tipos do AT: Israel, o êxodo e o santuário. Como cada um é cumprido nas três fases antitípicas: a cristológica, a eclesiológica e a escatológica?

1. Israel

- Fase cristológica (Mt 2:15): _____
- Fase eclesiológica (Gl 6:16): _____
- Fase escatológica (Ap 7:4-8, 14): _____

2. O êxodo

- Fase cristológica (Mt 2:19-21): _____
- Fase eclesiológica (2Co 6:17): _____
- Fase escatológica (Ap 18:4): _____

3. O santuário

- Fase cristológica (Jo 1:14; 2:21; Mt 26:61): _____
- Fase eclesiológica (1Co 3:16, 17; 2Co 6:16): _____
- Fase escatológica (Ap 3:12; 11:19; 21:3, 22): _____

“Visto que a Escritura possui um único e divino Autor, as diversas partes dela se harmonizam umas com as outras. [...] Todas as doutrinas da Bíblia são coerentes entre si; interpretações de passagens isoladas devem estar em harmonia com a totalidade do que a Escritura ensina sobre o assunto” (Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia [CPB, 2011], p. 75).

 O que você faz quando acha difícil entender certas passagens?

Josué, o tipo

4. À luz da tipologia bíblica, qual é o significado do paralelismo múltiplo entre a vida de Moisés e Josué? Compare Êxodo 3:1, 2 com Josué 1:1-3; Números 13:1, 2 com Js 2:1; Êxodo 3:5 com Josué 5:15.

Como descobrimos na primeira semana, Josué é apresentado como um novo Moisés que, na vida da segunda geração, repetiu os passos mais significativos do Êxodo do Egito. Assim como Moisés, ele foi comissionado por um encontro pessoal com o Senhor. Sob a liderança de ambos, a fama de Israel entre as nações inspirou medo. Moisés liderou Israel na travessia do Mar Vermelho, enquanto Josué liderou Israel em uma travessia milagrosa do Jordão. Ambos os líderes foram lembrados da necessidade da circuncisão e da importância da Páscoa. O maná começou a cair no tempo de Moisés e terminou com Josué. Ambos foram ordenados a tirar as sandálias. A mão estendida de ambos sinalizou a vitória de Israel. Moisés deu instruções para a divisão da terra e a instituição de cidades de refúgio. Josué cumpriu as instruções. Ambos fizeram um discurso de despedida à nação e renovaram a aliança para o povo no fim de seu ministério.

5. Estude Deuteronômio 18:15-19; 34:10-12; João 1:21; Atos 3:22-26; 7:37. Quem cumpriu a profecia de Moisés sobre um profeta como ele? Como Josué se encaixa no quadro?

A vida de Josué foi um cumprimento parcial da profecia feita por Moisés (Dt 18:15, 18). No entanto, a profecia feita por Moisés não foi plenamente cumprida com Josué. Em seu sentido pleno, a profecia só poderia ser cumprida pelo Messias. Ele conhecia o Pai intimamente (Jo 1:14, 18); Ele era verdadeiro e revelou Deus com sinceridade (Lc 10:22; Jo 14:6; Mt 22:16). Deus de fato colocou Suas palavras em Sua boca (Jo 14:24). Então, tanto a vida de Moisés quanto a de Josué se tornam tipos do Messias vindouro, Jesus.

Até que ponto Jesus ocupa o lugar principal na sua caminhada com Deus? Por que Jesus, e o que Ele fez por você, deve ser o fundamento de toda a sua experiência cristã?

O verdadeiro Josué, o antítipo

A história de Josué deve ser vista sob a perspectiva da tipologia. As guerras conduzidas por Josué foram eventos históricos, constituindo um segmento essencial da história de Israel. O objetivo dessas guerras foi estabelecer os israelitas na Terra Prometida, onde eles pudessem desfrutar em paz sua herança designada e estabelecer uma nova sociedade baseada nos princípios da lei de Deus.

Mais tarde, autores do AT, como Isaías, apresentam a obra do Messias como também consistindo em atribuir as “propriedades devastadas” do povo de Deus (Is 49:8), usando a mesma terminologia que é tão frequente no livro de Josué. Assim como a tarefa de Josué tinha sido repartir a terra aos israelitas, o Messias, retratado como o novo Josué, atribui a herança espiritual a um novo Israel.

6. Leia Hebreus 3:7–4:11. Como o Novo Testamento confirma que Josué, o novo Moisés, é ele mesmo um tipo de Jesus Cristo?

Os autores do NT apresentaram muitos aspectos do ministério de Jesus Cristo em termos da obra de Josué. Assim como Josué entrou em Canaã após 40 anos no deserto, o “Josué antitípico”, Jesus, entrou em Seu ministério terreno após 40 dias no deserto (Mt 4:1–11; Lc 4:1–13) e começou Seu ministério celestial após 40 dias no deserto terreno (At 1:3, 9–11; Hb 1:2, 3).

Após o batismo de Jesus no rio Jordão (Sua “travessia do Jordão”; Mt 3:13–17; Mc 1:9–11), os escritores do evangelho citam o Salmo 2:7 e Isaías 42:1, de um salmo messiânico e de uma canção sobre o Servo Sofredor de Yahweh (Mt 3:17; Mc 1:11; Lc 3:22). Consequentemente, por meio de Seu batismo, Jesus é apresentado como o guerreiro divino que irá, por meio de uma vida de obediência fiel, até a morte, travar as guerras de Yahweh contra as forças do mal. Sua vida e morte na cruz trouxeram a expulsão de Satanás, lideraram a conquista sobre nossos inimigos espirituais, ofereceram descanso espiritual ao Seu povo e reservaram uma herança para os redimidos (Ef 4:8; Hb 1:4; 9:15).

Q O que significa ser capaz de “descansar” no que Cristo fez por nós? Como podemos ter certeza de que Jesus derrotou Satanás em nosso favor?

Josué e nós

7. Josué, como um tipo, aponta além do ministério de Jesus Cristo para um cumprimento na vida da igreja, o corpo de Cristo. Em que sentido as guerras travadas por Israel sob Josué prenunciam as lutas espirituais da igreja? Em que aspecto elas são diferentes? 1Tm 1:18; 2Tm 4:7; Ef 6:10-12; 2Co 10:3-5; At 20:32

Os escritores do NT reconhecem o cumprimento eclesiológico (na igreja) da tipologia de Josué. Os membros do corpo de Cristo, a igreja, estão envolvidos em uma guerra espiritual contra as forças do mal; no entanto, eles desfrutam o descanso da graça de Deus (Hb 4:9-11) e as bênçãos de sua herança espiritual.

8. O que os seguintes textos dizem sobre o cumprimento final da tipologia de Josué?
1Pe 1:4; Cl 3:24; Ap 20:9; 21:3

O cumprimento final e completo da tipologia de Josué será realizado na segunda vinda de Jesus Cristo (aspecto apocalíptico/escatológico).
A vida de Josué refletiu tanto o caráter de Deus que certos aspectos de sua vida assumiram um caráter profético prenunciando a atividade e a pessoa do Messias.

Para nós, hoje, o Messias já veio. Seu ministério não precisa ser prefigurado, mas ainda temos o privilégio de refletir Seu caráter – a glória que Cristo ansiava por compartilhar com Seus discípulos (Jo 17:22) e que pode se tornar nossa ao contemplar o caráter de Cristo (2Co 3:18). Quanto mais contemplamos Jesus, mais refletimos a beleza de Seu caráter. Isso é fundamental para o objetivo da nossa caminhada diária com Cristo. É por isso que o tempo para estudar a Palavra, todos os dias, é tão importante. Também devemos passar tempo pensando na vida, no caráter e nos ensinamentos de Jesus. Ao contemplar, somos transformados.

 Josué, o tipo, perguntou aos israelitas: “Até quando vocês vão negligenciar a posse da terra que o SENHOR, o Deus dos seus antepassados, deu a vocês?” (Js 18:3, NVI). Como Jesus, o Antítipo de Josué, formularia essa pergunta hoje?

Estudo adicional

“A missão de Cristo não foi compreendida pelos homens de Seu tempo. [...] As tradições, máximas e decretos de homens lhes ocultavam as lições que Deus intencionava comunicar-lhes. [...] Ao vir a Realidade na pessoa de Cristo, não reconheceram Nele o cumprimento de todos os símbolos, a substância de todas as sombras. Rejeitaram o Antítipo e se apegaram aos seus tipos e cerimônias inúteis. [...] O evangelho de Cristo era para eles uma pedra de tropeço, porque, em vez de um Salvador, pediam um sinal. [...] Como resposta a essa expectativa, Cristo apresentou a parábola do semeador. O reino de Deus não devia prevalecer pela força de armas nem por intervenções violentas, mas pela implantação de um princípio novo no coração dos homens” (Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* [CPB, 2022], p. 13).

“A igreja necessita de fiéis Calebes e Josués, que estejam prontos para aceitar a vida eterna sob a simples condição de obediência. [...] O mundo é nosso campo. Missionários são necessários em cidades e vilarejos que certamente estão mais presos à idolatria do que os pagãos do Oriente que nunca viram a luz da verdade. O verdadeiro espírito missionário desertou das igrejas que fazem tão alta profissão de fé [...]. Faltam-nos obreiros fervorosos. Não haverá ninguém que responda ao clamor que vem de todas as partes: ‘Passa [...] e ajuda-nos?’” (At 16:9; Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* [CPB, 2021], v. 4, p. 138).

Perguntas para consideração

1. A tipologia bíblica ajuda você a entender o ministério de Cristo em seu favor?
2. Quais são as diferenças e semelhanças entre a guerra espiritual e a conquista de Canaã?
3. Pense no cumprimento final da tipologia de Josué. A imagem de um mundo sem dor e morte nos dá esperança nas lutas da vida?
4. Josué refletiu o caráter de Deus na medida em que prefigurou o ministério de Cristo. Como permitir que Jesus reflita Seu caráter em nós?

Respostas às perguntas da semana: 1. A tipologia bíblica é o estudo de padrões divinos em que pessoas ou eventos do AT prefiguram realidades do NT, revelando a unidade da Escritura. 2. Os sofrimentos de Davi prefiguram as aflições de Cristo. Sendo o “novo Davi”, Jesus cumpre as promessas messiânicas. O antítipo mostra cumprimentos literais das Escrituras, como no caso do sorteio das vestes de Cristo. 3. Os tipos principais e seus antítipos incluem Israel (Cristo como o “verdadeiro Israel”, e a igreja como o “Israel de Deus”, representada no fim pelos 144.000), Éxodo (Jesus como libertador, a igreja saindo do mundo e o êxodo final), e o santuário (Cristo como templo, a igreja como morada de Deus e o santuário celestial). 4. Moisés e Josué formam um paralelo tipológico: ambos receberam chamados similares, lideraram libertações e enviaram espias, prefigurando Cristo como libertador e a igreja em missão. 5. O “profeta como Moisés” é Jesus, enquanto Josué é um tipo secundário – ambos lideraram o povo rumo à “terra prometida”. 6. Hebreus contrasta Josué (que levou o povo para Canaã) com Jesus, que nos leva ao verdadeiro descanso. 7. As guerras de Josué prenunciaram batalhas espirituais da igreja, mas sem violência física, focando no combate ao pecado. 8. O cumprimento final da tipologia de Josué é a herança eterna, a recompensa celestial e a Nova Jerusalém, quando Deus vencerá Seus inimigos.

11

Vivendo na Terra Prometida

SÁBADO, 6
DEZEMBRO

RPSP: RT 2



Tudo o que é preciso para a vida é só o amor de Deus e a fé em Jesus.

(Gn 22; comparação com Hb 11:12-13)

VERSO PARA MEMORIZAR

“A resposta calma desvia a fúria, mas a palavra ríspida desperta a ira” (Pv 15:1, NVI).

Interação com as pessoas é fundamental.

Deus é sempre misericordioso com a humanidade.

Viver em uma comunidade pode, às vezes, levar a disputas e tensões. Isso é especialmente verdadeiro na igreja, em que pessoas de diferentes origens e grupos sociais vivem e trabalham juntas para um propósito comum.

Nesta semana, estudaremos Josué 22 e um desafio que surgiu de um grande mal-entendido entre o povo. No início do livro, Josué ordenou que as duas tribos e meia, que receberam herança no lado leste do Jordão, atravessassem o Jordão e participassem da conquista, juntamente com as tribos do lado oeste do Jordão (Js 1:12-18). Agora que a tarefa foi cumprida, eles estavam livres para voltar. No entanto, no oeste do Jordão, na terra de Canaã, eles construíram um altar que gerou preocupação entre as tribos do oeste do Jordão.

Por que é tão perigoso chegar a uma conclusão precipitada sobre o comportamento dos outros? Como podemos promover a unidade na igreja? Por que é importante ter em mente o alcance maior de nosso chamado e não se deixar afetar por intrigas? Essas são algumas das questões sobre as quais iremos refletir nesta semana.

Leituras da semana

Js 22; Ef 6:7; Jo 7:24; Nm 25; Pv 15:1; 1Pe 3:8, 9



Comprometimento

1. Leia Josué 22:1-8. O que esses versos nos dizem sobre o compromisso dos rubenitas, dos gaditas e da meia tribo de Manassés?

Segundo Josué, as tribos do outro lado do Jordão haviam cumprido plenamente os deveres estabelecidos por Moisés e por ele próprio, o que significava uma dedicação significativa e um sacrifício em nome da causa comum de Israel. Eles haviam lutado ao lado de seus irmãos “todo esse tempo” (Js 22:3, NAA) ou “muito tempo” (NVI), o que, na realidade, significou cerca de seis ou sete anos (ver Js 11:18; 14:10; Dt 2:14). As esposas e os filhos daqueles israelitas haviam sido deixados em casa, no lado leste do Jordão, mas eles decidiram lutar lealmente ao lado de seus irmãos, enfrentando a ameaça de ferimentos e morte na guerra.

Esses versos destacam indiretamente a importância da unidade da nação e da terra. Além disso, preparam o caminho para a história que se segue, que, em última análise, trata da unidade. Será que as tribos israelitas permaneceriam unidas, apesar da forte fronteira natural que o Jordão formava entre elas? Permitiriam que a geografia marcassem sua identidade nacional ou deixariam que a adoração comum ao único Deus os mantivessem como a nação escolhida por Ele, unida e forte sob Sua orientação teocrática?

Josué apresentou a única maneira pela qual essa fidelidade era possível: eles não serviam a seus companheiros israelitas, mas ao próprio Yahweh, que os havia encarregado de sua missão.

Encontramos esse mesmo princípio no NT. O apóstolo Paulo admoestou os cristãos a realizar seu serviço como se estivessem trabalhando para Deus, e não apenas para os seres humanos (ver Ef 6:7; Cl 3:23; 1Ts 2:4). Que chamado poderia ser mais elevado do que trabalhar para o Criador do Universo?

Na vida cotidiana, muitas vezes enfrentamos desafios e dificuldades que podem facilmente nos desanimar e nos fazer querer desistir. Às vezes, é fácil fazer isso. No entanto, podemos buscar o poder do Senhor, que promete estar conosco e nos capacita a fazer o que Ele nos pede. Se mantivermos diante de nós nosso elevado chamado, poderemos ser motivados a seguir em frente, apesar dos inevitáveis desafios e desânimos que fazem parte de nossa condição de pecado.

Josué 22:5 e 6 relata que Josué apelou às tribos que estavam partindo para que permanecessem fiéis ao Senhor e depois as abençoou. Como nossos relacionamentos na igreja seriam transformados se orássemos mais uns pelos outros?

Acusações

2. Leia em Josué 22:9-20 a história das tribos que retornaram. Quais acusações as tribos do Jordão ocidental fizeram contra as tribos do Jordão oriental? Até que ponto essas acusações eram bem fundamentadas?

Em contraste com o verso 1, em que as tribos do lado leste foram chamadas por sua forma usual (rubenitas, gaditas e assim por diante), aqui é usada uma expressão diferente: os “filhos de Rúben”, os “filhos de Gade” e a “meia tribo de Manassés”. Essa escolha contrasta com os “filhos de Israel” (Js 22:11), representando, assim, um grupo diferente.

Na narrativa, a expressão “toda a congregação” de Israel (Js 22:12, 16-20) se refere apenas às nove tribos e meia a oeste do Jordão, enfatizando a ruptura que havia se formado entre os dois grupos. De fato, a questão fundamental da história que se segue é se as tribos do lado leste do rio podem ser vistas como israelitas.

Esperaríamos um desfecho mais pacífico para a história; no entanto, surge uma tensão quando se relata que as tribos do leste ergueram um altar no Jordão. O texto não explica os motivos desse ato nem descreve a função do altar ou a atividade específica relacionada a ele. A ambiguidade em relação ao significado desse altar aumenta ainda mais se nos voltarmos à primeira travessia do Jordão, nos capítulos 3 e 4, em que todo o Israel entrou na margem do Jordão para atravessar o rio em direção à terra firme de Canaã. Aqui, uma parte de Israel chegou à região do Jordão, mas agora para atravessar o rio na direção oposta.

Em ambos os casos, foi erguida uma estrutura de pedras. A primeira serviu como um memorial, enquanto a segunda era vista como um altar impressionante. A pergunta que inevitavelmente vem à mente é: “O que significam estas pedras?” (compare com Js 4:6, 22). Esse altar foi construído para sacrifícios ou era apenas um memorial? Será que essas outras tribos já estavam começando a cair em apostasia?

A falta de consulta a Josué, Eleazar ou aos líderes das tribos abriu espaço para um mal-entendido que, potencialmente, poderia levar a um conflito terrível.

 Não devemos julgar os outros. O que isso significa? (Lc 6:37; Jo 7:24; 1Co 4:5.) Por que é tão fácil chegar a conclusões erradas sobre a motivação das outras pessoas?

Assombrado pelo passado

3. Leia Josué 22:13-15 novamente, mas agora à luz de Números 25. Por que os israelitas escolheram Fineias como líder da delegação das nove tribos e meia?

Antes de aceitarem como verdade os rumores do que poderia ser considerado uma declaração de independência, as nove tribos e meia, agora chamadas duas vezes de “os filhos de Israel”, enviaram uma delegação para esclarecer a intenção e o significado do altar. A delegação era composta por Fineias, filho do sumo sacerdote Eleazar, que seria o sucessor de Eleazar após sua morte (Js 24:33). Fineias já havia ganhado alguma visibilidade como o sacerdote que havia colocado fim à devassidão de Israel em Baal-Peor (Nm 25).

“Quando Fineias, filho de Eleazar, filho do sacerdote Arão, viu isso, levantou-se do meio da congregação, e, pegando uma lança, seguiu o homem israelita até o interior da tenda, e, com a lança, atravessou os dois, tanto o homem israelita quanto a mulher midianita, pelo ventre; então a praga cessou entre os filhos de Israel” (Nm 25:7, 8).

Fineias certamente teve alguma influência. Os outros emissários eram representantes das nove tribos e meia a oeste do Jordão, cada um sendo o chefe de uma família dentro dos clãs de Israel (“chefe da casa de seus pais”; Js 22:14). A delegação iniciou a acusação de sacrilégio e rebelião com a fórmula profética oficial “assim diz”. A distinção aqui é que não era o Senhor quem estava falando, mas “toda a congregação do SENHOR” (Js 22:16). Eles lançaram a acusação de que as duas tribos e meia haviam cometido transgressão, traição e rebelião. O termo “transgressão” é a mesma palavra hebraica usada para descrever o pecado de Acã (Js 7:1) e ocorre várias vezes nos cinco livros de Moisés (por exemplo, Lv 5:15; 6:2; Nm 5:6, 12). Os exemplos de Acã e Baal-Peor servem como precedentes: um para a traição e o outro para a rebelião. Eles também expressaram o temor das nove tribos e meia de que o ato de construir um altar não autorizado poderia levar a apostasia, idolatria e imoralidade, o que incorreria na ira do Senhor sobre toda a nação de Israel.

QUESTIONAMENTO Todos nós temos experiências negativas do passado que moldam a maneira como lidaremos com incidentes semelhantes no futuro. Como a graça de Deus pode nos ajudar a garantir que as tragédias de nosso passado não determinem a maneira como tratamos as outras pessoas?

Uma resposta gentil

4. Leia Josué 22:21-29 à luz de Provérbios 15:1. O que podemos aprender com a resposta das tribos do leste?

A resposta do acusado, tão direta e poderosa quanto a acusação, é o centro do capítulo no que diz respeito ao seu tema e à sua estrutura. Até então, as tribos não responderam às acusações, mas, em vez disso, ouviram calmamente as alegações contra elas. Diante da gravidade das acusações, essa paciência foi exemplar, pois revela o verdadeiro significado do provérbio: “A resposta calma desvia a fúria, mas a palavra ríspida desperta a ira” (Pv 15:1, NVI).

A frase inicial da defesa (Js 22:22) apresenta três nomes do Deus de Israel: *El* (“o Poderoso”), *Elohim* (“Deus”), *Yahweh* (“o SENHOR”). Essa frase é repetida duas vezes com uma força crescente, pois se torna um juramento solene para eliminar as dúvidas e as falsas acusações que quase levaram a uma guerra civil em Israel. Eles estavam firmemente convencidos de que Deus conhecia e compreendia plenamente a situação e esperavam que aquela delegação chegasse à mesma conclusão. As duas tribos e meia também reconheceram sua responsabilidade perante o Senhor, chamando-O para executar justiça se fossem, de fato, culpadas (ver Dt 18:19; 1Sm 20:16).

Segue-se uma revelação surpreendente que, por um lado, prova que a base da acusação era inválida (um altar não servia apenas como local de sacrifício) e, por outro lado, revela sua verdadeira motivação. O medo da separação de Israel, e não da apostasia, foi a verdadeira motivação deles. Portanto, a construção do altar não era evidência de apostasia, como se supunha. Na verdade, era o contrário: eles haviam agido por temor ao Senhor, assim como fizeram as tribos do lado ocidental do Jordão. A verdadeira base da unidade de Israel não era a geografia ou a extensão física da herança, mas sua fidelidade espiritual às exigências do Senhor.

A preocupação genuína das tribos do lado oeste do rio também foi revelada em sua alegria autêntica quando a inocência das tribos do lado leste foi verificada. Em vez de se sentirem derrotados pelos argumentos de seus irmãos, eles demonstraram autêntica felicidade pelo fato de suas suspeitas terem se revelado erradas. A guerra civil em Israel foi evitada e a unidade da nação foi preservada.

Como você lida com falsas acusações? Compartilhe alguns dos princípios que orientam sua atitude (leia Sl 37:3-6, 34, 37).

Resolução de conflitos

5. Leia Josué 22:30-34. Como todo esse incidente nos ajuda a resolver conflitos e promover a unidade da igreja? (Ver também Sl 133; Jo 17:20-23; 1Pe 3:8, 9.)

A história de Josué 22 contém seis princípios de comunicação que podem ser aplicados aos relacionamentos humanos cotidianos na família, na igreja e na comunidade.

1. Quando as coisas dão errado, ou parecem dar errado, a melhor coisa a fazer é buscar o diálogo em vez de reprimir pensamentos até que as emoções explodam. É bom que o povo de Deus não fique indiferente quando surgem os problemas. É claro que, se as tribos da Transjordânia tivessem comunicado sua intenção de construir um altar, todo o problema poderia ter sido evitado.

2. Mesmo que alguém esteja convencido de sua própria avaliação, não deve tirar conclusões precipitadas. As tribos do lado ocidental do Jordão acreditaram rapidamente no boato que havia chegado aos seus ouvidos e chegaram à falsa conclusão de que as tribos do leste do Jordão já haviam apostatado.

3. Converse sobre os problemas reais ou aparentes antes de agir de acordo com suas conclusões.

4. Esteja disposto a fazer um sacrifício para alcançar a unidade. As tribos do lado ocidental do Jordão estavam dispostas a abrir mão de parte de seu lote para acomodar as outras tribos, se o fato de estarem do outro lado do Jordão fosse a causa de sua suposta apostasia.

5. Quando for acusado, com ou sem razão, dê uma resposta gentil que afaste a ira. Responder a uma acusação com outra acusação nunca levará à paz. Procure entender os outros antes de buscar ser entendido.

6. Alegre-se e louve a Deus quando a paz for restabelecida. É maravilhoso ver que a assembleia de Israel sentiu uma alegria genuína quando soube da verdadeira motivação das duas tribos e meia. Eles não estavam tão orgulhosos de seu julgamento que não pudesse admitir que estavam errados ao fazê-lo.

Se as tribos do lado oriental do Jordão tivessem apostatado, o povo de Israel teria aplicado as exigências da aliança. A unidade nunca pode ser um argumento para ignorar a verdade ou abandonar os princípios bíblicos. Entretanto, a disciplina da igreja deve ser sempre o último (e não o primeiro) recurso, depois que as tentativas de reconciliação e assistência pastoral com base na Palavra de Deus falharem. Como nossas igrejas seriam diferentes se esses princípios simples fossem aplicados de forma consistente!

Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 451-455 (“A divisão de Canaã”).

“Ao mesmo tempo que é importante tratar o pecado com firmeza, é igualmente importante evitar o julgamento ríspido e a suspeita infundada. [...]”

“A sabedoria mostrada pelos rubenitas e seus companheiros é digna de imitação. Ao mesmo tempo que procuravam honestamente promover a causa da verdadeira religião, eram julgados falsamente e censurados com severidade. Apesar disso, não mostraram ressentimento. Escutaram com cortesia e paciência as acusações de seus irmãos, antes de tentar fazer sua defesa, e, só depois, explicaram claramente seus intuiitos e mostraram sua inocência. Assim, o problema que ameaçava trazer consequências tão sérias foi resolvido amigavelmente.”

“Mesmo sob falsa acusação, aqueles que têm a razão podem estar calmos e ponderados. Deus está a par de tudo que é mal compreendido e mal interpretado pelos seres humanos, e podemos com segurança deixar nosso caso em Suas mãos. [...] Aqueles que são impelidos pelo Espírito de Cristo terão a caridade que é paciente e benevolente.”

“A vontade de Deus é que a união e o amor fraternal existam em Seu povo. A oração de Cristo, antes de Sua crucifixão, foi para que Seus discípulos fossem um, como Ele é um com o Pai, a fim de que o mundo pudesse crer que Deus O enviou. [...] Embora não devamos sacrificar um único princípio da verdade, nosso constante objetivo deve ser atingir esse estado de unidade” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* [CPB, 2022], p. 454, 455).

Perguntas para consideração

1. Leia Filipenses 2:3. Como esse texto nos ajuda a não pensar mal sobre nossos irmãos e irmãs?
2. Por que reagimos de forma exagerada a uma situação por causa de nossos erros passados? Como evitar essa tendência?
3. Discuta a importância de ouvir os outros. Como desenvolver uma cultura de ouvir? (Ver Tg 1:19.)
4. Vivemos em uma sociedade com altas exigências em todas as áreas da vida. Como o princípio de fazer tudo como se fosse para o Senhor pode nos tornar mais responsáveis e trazer paz de espírito?

Respostas às perguntas da semana: 1. Josué 22:1 a 8 mostra que as tribos do Jordão Oriental cumpriram fielmente seu compromisso de lutar com as outras tribos. 2. As acusações de rebeldia foram precipitadas, pois o altar era um memorial de unidade. 3. Fineias foi escolhido por seu zelo contra a apostasia. 4. A resposta das tribos do Leste foi humilde e sábia, evitando conflito. 5. O incidente ensina que diálogo e verificação resolvem mal-entendidos. Princípios-chave: evitar julgamentos precipitados; priorizar a unidade sem comprometer a verdade; agir com zelo equilibrado.

SÁBADO, 13
DEZEMBRO

RPSP: 1SM 5



VERSO PARA MEMORIZAR

“Nenhuma promessa falhou de todas as boas palavras que o SENHOR havia falado à casa de Israel; tudo se cumpriu” (Js 21:45)

Quando John F. Kennedy fez seu discurso de posse da presidência dos Estados Unidos, em 20 de janeiro de 1961, seu discurso tinha apenas 1.366 palavras, mas deixou uma marca indelével na mente dos norte-americanos. Ao incentivar seu país a se concentrar em suas responsabilidades e não em seus privilégios, ele disse: “Sendo a boa consciência nossa única recompensa segura, e a história, a juíza final de nossos atos; avancemos para conduzir a terra que amamos, pedindo Sua bênção e Sua ajuda, mas sabendo que aqui na Terra a obra de Deus deve ser, verdadeiramente, obra nossa.”

Quando Josué, o líder idoso dos israelitas, sentiu que estava chegando ao fim de sua vida, ele decidiu se dirigir aos líderes da nação e aos israelitas (Js 23; 24). Josué 23 se concentra mais no futuro e em *como* adorar a Deus: exclusivamente. Josué 24 analisa os atos fiéis de Deus no passado, com o objetivo de levar a uma decisão sobre *quem* merece ser adorado: Yahweh.

Nesta semana, estudaremos o primeiro discurso de Josué, no qual ele fez uma retrospectiva das vitórias de Israel, mas, ao mesmo tempo, estabeleceu o caminho do sucesso futuro para a nação.

Leituras da semana

Js 21:43-45; 2Tm 2:11-13; Js 23; Ap 14:10, 19; Dt 6:5

Tudo se cumpriu

- 1. O que Josué 21:43-45 diz a respeito de Deus? Como essas palavras se aplicam não apenas à Terra Prometida histórica, mas também à realidade de nossa salvação?**
- 2Tm 2:11-13**

11. PALAVRAS

Esses versos representam o clímax do livro e resumem sua teologia central. Eles destacam um dos principais temas de todo o livro: a fidelidade de Yahweh à aliança. Ele mantém Suas promessas e cumpre Seus juramentos. Essa pequena seção também resume todo o conteúdo do livro até agora. Josué 21:43 fala da alocação e do assentamento da terra (capítulos 13-21), enquanto Josué 21:44 refere-se às vitórias conquistadas sobre os inimigos e ao controle obtido sobre a terra (capítulos 1-12). Toda essa retrospectiva é vista pelo prisma da fidelidade de Deus. Os israelitas deveriam sempre se lembrar de que nunca poderiam reivindicar as vitórias sobre seus inimigos ou a Terra Prometida como sua herança, exceto pela lealdade de Deus à Sua palavra.

Ele deu “toda a terra” (Js 21:43, itálico acrescentado), livrou-os de “todos os seus inimigos” (Js 21:44, itálico acrescentado) e, segundo “todas as boas palavras” que havia dito, “tudo se cumpriu” (Js 21:45, itálico acrescentado). A repetição da palavra *kol* (que significa “tudo”, “toda”, etc.) seis vezes em três versos (Js 21:43-45) enfatiza mais uma vez a verdade de que a terra era uma dádiva de Yahweh, e Israel não podia levar nenhum crédito por tê-la recebido. Foi o Senhor quem jurou “dar” a terra e quem “entregou” seus inimigos em suas mãos.

Todo o sucesso de Israel deveria ser atribuído exclusivamente à iniciativa divina e à confiabilidade de Deus. Isso é igualmente verdadeiro com relação à nossa salvação: “Pela graça vocês são salvos, mediante a fé; e isto não vem de vocês, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2:8, 9).

Enfatizando a fidelidade de Deus, Paulo também escreveu: “Fiel é esta palavra: ‘Se já morremos com Ele, também viveremos com Ele; se perseveramos, também com Ele reinaremos; se O negamos, Ele, por sua vez, nos negará; se somos infiéis, Ele permanece fiel, pois de maneira nenhuma pode negar a Si mesmo’” (2Tm 2:11-13).

 Como a fidelidade de Deus em cumprir Suas promessas nos dá a confiança de que nenhuma de Suas promessas para o futuro falhará? (Ver 1Co 10:13; 2Co 1:18-20.)

Sinal de preocupação

A gloriosa conclusão de toda a seção (Js 21:43-45) traz em si a condição cumprida da obediência. O sucesso nunca é automático; ele está sempre ligado à obediência à Palavra de Deus. Assim, a distribuição do território, além de ser o símbolo da fidelidade de Deus a Israel (Ne 9:8), abriu espaço para um desdobramento futuro que dependeria da atitude de Israel: a nação seria capaz de preservar o que havia sido conquistado?

2. Leia Josué 23:1-5. Quais são as principais ideias da introdução de Josué?

O discurso de Josué passou do orador idoso (enfatizado duas vezes) para o público, que agora teria de levar adiante a missão confiada a eles por Deus. O líder de Israel descreveu como a conquista da terra foi possível: o Senhor havia lutado por eles. Ainda que, por causa de sua infidelidade e descrença, os israelitas tivessem que se envolver em guerras após o êxodo, não foi por meio de seu poder militar que eles conseguiram possuir a terra, mas pela intervenção de Deus.

O Senhor deu a Israel descanso de seus inimigos, mas ainda restavam algumas nações que precisavam ser eliminadas. A vitória não era uma realidade consumada e imutável para Israel, mas uma possibilidade sempre presente pela confiança constante e fiel na ajuda disponível de Deus.

3. Quais são as semelhanças entre a forma como os israelitas conquistaram Canaã sob a liderança de Josué e a forma como os cristãos de hoje podem viver uma vida espiritual vitoriosa? Js 23:10; Cl 2:15; 2Co 10:3-5; Ef 6:11-18

As vitórias dos israelitas não podiam ser atribuídas à sua força e estratégia. Da mesma forma, a vitória espiritual sobre o pecado e a tentação foi garantida por meio do sacrifício e da ressurreição de Jesus Cristo, mas o povo de Deus hoje precisa contar constantemente com os suprimentos espirituais concedidos pelo Espírito Santo para viver uma vida triunfante.

Com tantas promessas maravilhosas diante de nós, por que ainda achamos tão fácil pecar?

Limites claros

Usando as mesmas palavras que Deus lhe dirigiu no início do livro (Js 1:7, 8), Josué declarou que a tarefa que Israel tinha pela frente não era primordialmente de natureza militar, mas espiritual. Tinha a ver com a obediência à vontade revelada de Deus na Torá.

- 4. Por que você acha que Josué assumiu uma posição tão firme quanto ao relacionamento de Israel com as nações vizinhas? Js 23:6-8, 12, 13**

O perigo que Israel enfrentava não era a ameaça da hostilidade das demais nações, mas o risco da amizade delas. Suas armas podiam não representar nenhuma ameaça para Israel; no entanto, sua ideologia e seus valores podiam ser mais prejudiciais do que qualquer força militar. Josué chamou a atenção dos líderes para o fato crucial de que o conflito em que tinham se envolvido era, em primeiro lugar, espiritual. Portanto, Israel precisava manter sua identidade especial.

A proibição de invocar o nome de algum deus pagão, jurar por ele e servi-lo ou curvar-se a ele tinha a ver com idolatria. No Antigo Oriente Próximo, o nome de uma divindade representava sua presença e poder. Invocar ou mencionar os nomes de deuses estrangeiros em saudações ou transações comerciais era reconhecer sua autoridade e ajudava a levar os israelitas a buscar seu poder em momentos de necessidade (Js 2:1-3, 11-13).

O perigo do casamento com os cananeus restantes estava em perder a pureza espiritual de Israel. A intenção da advertência de Josué não era promover uma suposta pureza racial ou étnica, mas evitar a idolatria, que podia levar ao colapso espiritual de Israel. O caso de Salomão é um exemplo bastante claro das tristes consequências espirituais do casamento entre pessoas de religiões diferentes (1Rs 3:1; 11:1-8). No NT, os cristãos são advertidos contra a busca de relacionamentos conjugais com descrentes (2Co 6:14), embora, no caso de casamentos que já tivessem ocorrido, Paulo não aconselhou o crente a se divorciar do cônjuge incrédulo, mas o chamou a ter uma vida cristã exemplar na esperança de ganhar o cônjuge para o Senhor (1Co 7:12-16).

💡 A advertência de Josué contra associações prejudiciais leva inevitavelmente à questão do relacionamento do cristão com a cultura em que vive. Como podemos encontrar um relacionamento equilibrado com a sociedade que nos cerca?

A ira do Senhor

5.1 Como entender o tema da ira e da justiça retributiva de Deus apresentado em Josué e em outras partes das Escrituras? Js 23:15; 16; Nm 11:33; 2Cr 36:16; Ap 14:10, 19; 15:1

Israel já havia experimentado a ira do Senhor durante as peregrinações pelo deserto (Nm 11:33; 12:9), bem como na Terra Prometida (Js 7:1). Portanto, estava plenamente consciente das consequências de provocar a ira de Yahweh ao quebrar abertamente a aliança. Esses versos representam o clímax do discurso incisivo de Josué. É chocante ouvir que o Senhor destruiria Israel, já que o mesmo termo foi usado anteriormente para se referir à aniquilação dos cananeus. Tão certo quanto as promessas do Senhor foram fielmente cumpridas em relação à bênção de Israel, as maldições da aliança também se tornariam verdadeiras se os israelitas rejeitassem essa aliança (Lv 26; Dt 28). À luz da desapropriação e destruição dos cananeus, esses versos demonstram mais uma vez que Yahweh é, em última instância, o Juiz de toda a Terra. Ele declara guerra contra o pecado, independentemente de onde ele se encontre. Israel não foi santificado e não adquiriu méritos especiais por meio da participação na guerra santa, assim como as nações pagãs não o foram quando mais tarde se tornaram o meio de juízo de Yahweh contra a nação escolhida.

Estava dentro do poder de escolha de Israel fazer das gloriosas certezas do passado a base para enfrentar o futuro. À primeira vista, o ensino bíblico sobre a ira de Deus parece ser contrário à afirmação de que Ele é amor (Jo 3:16; 1Jo 4:8). No entanto, é exatamente à luz da ira divina que a doutrina bíblica do amor de Deus se torna ainda mais relevante. Primeiro, a Bíblia apresenta Deus como amoroso, paciente e pronto a perdoar (Êx 34:6; Mq 7:18). No entanto, no contexto de um mundo afetado pelo pecado, a ira do Senhor é a atitude de Sua santidade e justiça quando confrontada com o pecado e o mal. Sua ira nunca é uma atitude simplesmente emocional, vingativa e imprevisível. O NT ensina que Cristo Se tornou pecado por nós (2Co 5:21) e, por meio de Sua morte, fomos reconciliados com Deus (Rm 5:10). Quem crer Nele não terá de enfrentar a ira de Deus (Jo 3:36; Ef 2:3; 1Ts 1:10). O conceito da ira divina apresenta o Senhor como o justo Juiz do Universo e Aquele que promove a justiça (Sl 7:11; 50:6; 2Tm 4:8).

Apegue-se a Deus

A única maneira pela qual Israel poderia evitar a tentação da idolatria e a ira de Deus não era se lembrando constantemente das proibições da aliança, mas promovendo uma fidelidade consciente e consistente ao Senhor. O mesmo verbo, “apegar-se, aderir” ao Senhor (ver Dt 4:4), também é usado para descrever a aliança matrimonial (Gn 2:24) ou a lealdade de Rute a Noemi (Rt 1:14). É importante observar que, de acordo com a avaliação de Josué, essa fidelidade havia caracterizado Israel como nação “até o dia de hoje”. Infelizmente, a mesma afirmação não seria verdadeira em períodos posteriores da história de Israel, como o livro de Juízes infelizmente demonstra (Jz 2:2, 7, 11; 3:7, 12; 4:1).

6.1b Josué apelou a Israel para que amasse o Senhor, seu Deus (Js 23:11; compare com Dt 6:5). O amor não pode ser forçado; caso contrário, ele deixará de ser o que é essencialmente. No entanto, em que sentido o amor pode ser ordenado?

Para que Israel desfrutasse continuamente das bênçãos da aliança, teria que permanecer fiel a Deus. O hebraico é extremamente enfático: “Tenha muito cuidado para o bem de sua própria alma.” A palavra ‘ahabah (“amor”) pode se referir a várias afeições humanas, incluindo apego amigável, intimidade sexual, ternura maternal, amor romântico e lealdade a Deus. Se entendermos o amor a Deus como o compromisso e a devoção consciente a Ele, esse amor pode ser ordenado sem que isso seja contrário à sua essência (ver Jo 13:34). Deus sempre pretendeu que a obediência a Seus mandamentos surgisse de um relacionamento pessoal com Ele, que se baseia no que Ele fez por nós em Sua grande misericórdia e amor: “[Eu] os trouxe para perto de Mim” (Êx 19:4; ver Dt 6:5; Mt 22:37).

O mandamento de amar a Deus também revela que esse amor deve ser recíproco, mesmo que os dois lados não estejam no mesmo nível. Deus deseja entrar em um relacionamento profundo e pessoal com cada pessoa que retribui Seu amor. Assim, Seu amor por todos é o fundamento para que expressemos nosso amor voluntário e recíproco.

Q Jesus deu um “novo mandamento” a Seus discípulos. Em que sentido esse mandamento era novo e, ao mesmo tempo, antigo? (Leia Jo 13:34; 15:17; 1Jo 3:11; compare com Lv 19:18.)

Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 456, 457 (“As últimas palavras de Josué”).

“Satanás engana muitos com a plausível teoria de que o amor de Deus para com Seu povo é tão grande que desculpará seu pecado. Alega que, embora as ameaças da Palavra de Deus tenham algum propósito em Seu governo moral, não se cumprião literalmente. Entretanto, em toda a maneira de tratar Suas criaturas, Deus tem mantido os princípios da justiça, revelando o pecado em seu verdadeiro caráter e demonstrado que seu resultado certo é miséria e morte. Nunca houve nem nunca haverá perdão incondicional do pecado. Tal perdão mostraria o abandono dos princípios de justiça que constituem o próprio fundamento do governo de Deus e encheria de espanto o universo dos seres não caídos. [...] A suposta benevolência que rejeita a justiça não é benevolência, mas fraqueza.”

“Deus é o doador da vida. Desde o princípio, todas as Suas leis foram estabelecidas em favor da vida. Contudo, o pecado se intrometeu na ordem que Deus tinha estabelecido, e o resultado foi a discórdia. Enquanto o pecado existir, o sofrimento e a morte serão inevitáveis. O ser humano só pode ter esperança de se livrar dos terríveis resultado da transgressão pelo fato de o Redentor ter suportado em nosso favor a maldição do pecado” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* [CPB, 2022], p. 457).

Perguntas para consideração

1. Que evidências da fidelidade de Deus você percebeu em sua vida? Como você reage quando as coisas não acontecem como esperava, ou quando as promessas de Deus parecem não se cumprir?
2. Discuta o ensino bíblico sobre a ira de Deus. Como você apresentaria a ira do Senhor como parte do evangelho (ou seja, boas-novas)?
3. Que princípios vimos nesta semana quanto à associação com incrédulos? Como equilibrar os limites em termos de princípios e práticas ao nos misturarmos com as pessoas para servi-las?
4. Quais obstáculos impedem você de se apegar ao Senhor?

Respostas às perguntas da semana: 1. Josué 21:43 a 45 revela que Deus é absolutamente fiel no cumprimento de Suas promessas. Assim como deu a terra a Israel, garante nossa salvação em Cristo. 2. Em Josué 23:1 a 5, o líder destaca que a vitória vem de Deus e que Ele continuaria lutando por Israel. Josué sugere a necessidade de obediência contínua e o perigo de ser infiel à aliança. 3. A conquista de Canaã prefigura nossa batalha espiritual que requer fé ativa, armas espirituais e a certeza de que Cristo é vencedor. 4. Josué proibiu alianças com nações pagãs porque a contaminação espiritual destruiria Israel – princípio que aplicamos à separação do pecado. 5. A ira de Deus é a justa resposta ao mal persistente, mas equilibrada com misericórdia, culminando no juízo final. 6. Ordenar amor a Deus significa exigir lealdade prática, não apenas sentimentos – amor que se prova na obediência. O povo podia se esquecer dos motivos para amar a Deus. E amar é uma escolha. Por isso, Josué apelou para que o povo amasse a Deus.

SÁBADO, 20
DEZEMBRO

RPSP: 1SM 12


**VERSO PARA
MEMORIZAR**

"Mas, se vocês não quiserem servir o SENHOR, escolham hoje a quem vão servir [...]. Eu e a minha casa serviremos o SENHOR" (Js 24:15).

O capítulo final de Josué se dá no contexto de uma cerimônia de renovação da aliança, mas dessa vez conduzida pelo líder idoso de Israel. Embora não seja uma aliança propriamente dita, mas um relato de uma cerimônia de renovação da aliança, o capítulo possui os elementos dos tratados de suseranía do Antigo Oriente Próximo: (1) um preâmbulo no qual o suserano, o iniciador do tratado, é identificado; (2) o prólogo histórico, que descreve o relacionamento entre o suserano e o vassalo; (3) as estipulações da aliança pedindo ao vassalo que manifeste total lealdade ao suserano com base na gratidão e motivado por ela; (4) bênçãos pela obediência e maldições pela quebra da aliança; (5) testemunhas do juramento do vassalo; (6) depósito do documento para leitura futura; e (7) ratificação da aliança.

Josué se aproximava do fim de sua vida; não havia nenhum substituto à vista. A renovação da aliança era um lembrete para Israel de que seu rei era o próprio Yahweh e que, se permanecesse fiel a Ele, desfrutaria de Sua proteção. Israel não precisava de um rei humano. Como uma nação teocrática, precisava ter sempre em mente que seu único rei era o Senhor.

Leituras da semana

Js 24; Gn 12:7; Dt 17:19; 5:6; 1Rs 11:2, 4, 9; 2Tm 4:7, 8

Vocês estavam lá

“Depois Josué reuniu todas as tribos de Israel em Siquém e chamou os anciões de Israel, os seus chefes, os seus juízes e os seus oficiais, e eles se apresentaram diante de Deus” (Js 24:1).

Siquém foi o lugar em que Abraão havia construído um altar ao chegar àquela terra e onde Deus lhe dera a promessa da Terra Prometida pela primeira vez (Gn 12:6, 7). Agora, quando as promessas feitas a Abraão haviam sido cumpridas, Israel estava renovando a aliança com Deus no mesmo lugar em que a primeira promessa tinha sido feita no início. O apelo de Josué relembra as palavras de Jacó: “Joguem fora os deuses estranhos que há no meio de vocês” (Js 24:23; compare com Gn 35:2-4). A geografia do evento, por si só, transmitia o chamado para demonstrar lealdade total ao Senhor, rejeitando todos os outros “deuses”.

1.8. Leia Josué 24:2-13. Qual é a ideia principal da mensagem de Deus para Israel?

Deus é o principal agente das ações do passado revisado: “tomei”, “dei”, “enviei”, “atormentei”, “fiz”, “te tirei”, “te livrei”, etc. Israel não era o protagonista da narrativa, mas seu coadjuvante. Foi Deus que havia criado Israel. Se Ele não tivesse intervindo na vida de Abraão, eles estariam servindo aos mesmos ídolos. A existência de Israel como nação não era mérito de nenhum de seus ancestrais, mas obra exclusiva da graça de Deus. O fato de os israelitas serem estabelecidos na Terra Prometida não era motivo para se vangloriarem, mas a própria razão pela qual deveriam servir a Deus.

O discurso do Senhor contém uma mudança que ocorre cinco vezes entre “vocês” e “eles” (os antepassados). Os ancestrais e a geração de Siquém foram tratados como um só. Josué estava procurando mostrar o que Moisés já havia afirmado em Deuteronômio 5:3, que o Senhor não havia feito a aliança apenas com os antepassados, mas com todas as pessoas que estavam presentes no momento do discurso de Josué. A grande maioria que estava lá não tinha vivenciado o êxodo. Nem “todos” estiveram no Horebe. No entanto, Josué disse que todos eles estiveram lá. Em resumo, as lições do passado devem ser apropriadas pelas novas gerações. O Deus que atuou em favor dos antepassados, no passado, está pronto para agir em favor da geração atual.

Como igreja, de que maneira podemos ter melhor senso de responsabilidade corporativa, ou seja, compreender a ideia de que o que fazemos afeta todos na igreja?

Com sinceridade e verdade

2. O que Josué pediu que os israelitas fizessem? (Js 24:14, 15.) O que significa servir ao Senhor com integridade e com fidelidade?

O apelo de Josué expressava claramente o fato de que Israel precisava decidir se, por meio da lealdade ao Criador, manteria sua identidade especial e viveria na Terra Prometida, ou se voltaria a ser mais um entre muitos povos idólatras, sem identidade, propósito ou missão claros. A escolha era deles.

O apelo de Josué era duplo: Israel deveria temer o Senhor e servi-Lo “com integridade e com fidelidade” (Js 24:14). Temer o Senhor não significa viver em constante medo e insegurança emocional. Ao contrário, refere-se à reverência e ao temor que resultam do reconhecimento da insondável grandeza, santidade e infinitude de Deus, por um lado, e de nossa pequenez, pecaminosidade e finitude, por outro. Temer a Deus é ter uma consciência constante da magnitude de Suas exigências, um reconhecimento de que Ele não é apenas nosso Pai celestial, mas também nosso Rei divino. Essa consciência levará a uma vida de obediência ao Senhor (Lv 19:14; 25:17; Dt 17:19; 2Rs 17:34). Embora a palavra “temor” descreva a atitude interior que devia caracterizar um israelita, o resultado prático da reverência a Deus era o serviço.

O serviço que era exigido de Israel é caracterizado por dois termos hebraicos traduzidos com as seguintes expressões: “com integridade” e “com fidelidade”. O primeiro termo (*tamim*) é usado especialmente como adjetivo para descrever a perfeição do animal sacrificado. O segundo termo que descreve o serviço de Israel é “fidelidade” ou “verdade” (*'emet*). O termo geralmente significa constância e estabilidade. Geralmente se refere a Deus, cujo caráter é essencialmente caracterizado pela fidelidade, que se manifesta em relação a Israel.

Alguém fiel é confiável e fidedigno. Basicamente, Josué estava pedindo a Israel que manifestasse a mesma lealdade a Deus que Ele havia demonstrado para com Seu povo ao longo da história. Não se trata apenas de conformidade externa com Suas exigências, mas daquilo que vem do coração. Nossa vida deve refletir gratidão a Deus pelo que Ele fez por nós. É assim que nós, hoje, também devemos nos relacionar com Jesus.

Q O que significa para você servir ao Senhor “com integridade” e “com fidelidade”? Quais são alguns dos fatores de distração que impedem sua total devoção a Deus?

Livres para servir

Como um líder verdadeiro e fiel, Josué respeitava o livre-arbítrio de seu povo e desejava que Israel servisse ao Senhor por livre escolha e não por obrigação. Essa era exatamente a ideia apresentada pelo verbo “escolher” (ver Josué 24:22). Em outras passagens, o termo *bakhar* (“escolher”) descreve a eleição de Israel por Yahweh (Dt 7:6, 7; 10:15; 14:2). Israel era livre para rejeitar Yahweh após sua eleição divina, mas isso seria absurdo e sem sentido. Israel poderia aceitar a Deus e continuar a viver ou dar as costas a Ele e deixar de existir.

Qual foi a resposta de Israel ao apelo de Josué? (Js 24:16-18.) Por que Josué reagiu daquela maneira à resposta deles? Js 24:19-21

Em sua resposta categoricamente positiva, os israelitas descreveram o Deus dos patriarcas e de seus antepassados como “o nosso Deus” (Js 24:17, 18, itálico acrescentado), a quem estavam dispostos a servir com fidelidade total. Depois de uma afirmação tão inquestionável de sua lealdade, esperaríamos palavras de afirmação e encorajamento de Josué. No entanto, esse não é o caso. O diálogo entre Josué e o povo apresenta uma grande reviravolta, na qual Josué parecia desempenhar o papel de “advogado do diabo”. Ele deixou de falar sobre providência de graça que Deus havia revelado no passado e passou a destacar as dificuldades de servir a Deus.

Josué havia conhecido a instabilidade da primeira geração, que também havia prometido obedecer a Deus (Êx 19:8; 24:3; Dt 5:27), mas que tinha se esquecido rapidamente de suas promessas (Êx 32). Assim, Josué, por meio da retórica, desejava conscientizar os israelitas de algumas verdades. Primeiro, a decisão de servir a Deus é séria. Ela terá de moldar toda a nação de acordo com a revelação de Deus. As bênçãos de buscar esse objetivo são evidentes, mas as consequências da desobediência também devem ser bem compreendidas. O perdão dos pecados não é um direito inalienável da humanidade, mas um milagre da graça de Deus.

Em segundo lugar, a decisão dos israelitas de servir a Deus deveria ser uma decisão pessoal, e não algo imposto por um líder, nem mesmo por Josué.

Terceiro, Israel deveria perceber que os seres humanos são incapazes de servir a Deus com suas próprias forças. Servir ao Senhor não se resumia a seguir formalmente as exigências da aliança, mas requeria um relacionamento pessoal com o Senhor e Salvador (ver Êx 20:1, 2; Dt 5:6, 7).

Os perigos da idolatria

4.12 Leia Josué 24:22-24. Por que Josué precisava repetir seu apelo para que os israelitas se livrassem de seus ídolos?

A ameaça da idolatria não é teórica. Anteriormente, nas planícies de Moabe, em um contexto semelhante, Moisés havia pedido a mesma decisão (Dt 30:19, 20). Os deuses agora em questão não eram os do Egito ou da Mesopotâmia, mas aqueles que estavam “no meio deles”. Assim, Josué pediu ao povo que inclinasse o coração ao Senhor. O termo hebraico usado aqui, *natah*, significa “esticar”, “dobrar”. Ele descreve um Deus que Se inclina e ouve as orações (2Rs 19:16; Sl 31:2, 3; Dn 9:18). Essa também é a atitude exigida de Israel mais tarde pelos profetas (Is 55:3; Jr 7:24). Ela é empregada para indicar a apostasia de Salomão quando seu coração se inclinou para deuses estrangeiros (1Rs 11:2, 4, 9). O coração humano pecaminoso não possui a tendência natural de se inclinar e ouvir a voz de Deus. São necessárias decisões conscientes de nossa parte para incliná-lo a cumprir a vontade de Deus.

A resposta dos israelitas é literalmente a seguinte: “Daremos ouvidos à Sua voz.” Essa expressão destaca o aspecto relacional da obediência. Israel não deveria simplesmente seguir uma rotina de regras sem vida. A aliança trata de um relacionamento vivo com o Senhor, que não pode ser totalmente expresso por meros regulamentos. A religião de Israel nunca teve a intenção de ser legalista; em vez disso, deveria ser uma relação constante de fé e amor com um Salvador santo e misericordioso.

5.1 Mesmo após o povo dizer três vezes que serviria ao Senhor – o que, como Josué ordenou, envolvia remover os deuses estrangeiros do meio deles –, não há relatos de que isso realmente tenha acontecido. Ao longo de todo o livro, o cumprimento das ordens de Josué (ou de Moisés) são mencionados como exemplos de obediência. Mas a ausência disso no fim do livro deixa em aberto o apelo de Josué. O apelo central do livro para servir ao Senhor não se destinava apenas à geração de Josué, mas também a cada nova geração do povo de Deus que ler ou ouvir essa mensagem.

💡 Quantas vezes você prometeu ao Senhor que faria algo, mas não o fez? Por que não o fez? O que sua resposta lhe diz sobre a graça de Deus?

Terminando bem

5. Leia as últimas palavras do livro de Josué, que foram escritas por um editor inspirado por Deus (Js 24:29-33). De que forma essas palavras não se referem apenas ao passado (a vida de Josué), mas também ao futuro?

O epílogo, que relata a morte de Josué e de Eleazar, o sumo sacerdote, encerrou o livro de Josué com um final sóbrio. Ao descrever o enterro de Josué, de Eleazar e dos ossos de José, o autor apresentou um contraste entre a vida fora da Terra Prometida e o início da vida dentro dela. Não havia mais necessidade de ficar vagando. Os restos mortais dos líderes não precisavam mais ser carregados com eles. Os patriarcas sepultaram seus parentes na caverna “de Macpela, em frente de Manre, que é Hebron” (Gn 23:13, 19; 25:9, 10), enquanto os ossos de José foram sepultados em Siquém, no campo que Jacó havia comprado “dos filhos de Hamor” (Gn 33:19). Agora, a nação enterrava seus líderes no território de sua própria herança, expressando assim um senso de permanência. As promessas feitas aos patriarcas haviam sido cumpridas. A fidelidade de Yahweh é o fio condutor da história que liga a posteridade de Israel ao seu presente e futuro.

Os últimos parágrafos do livro ligam toda a narrativa a uma história maior no passado e também abrem o caminho para o futuro. O ex-arcebispo da Cantuária (Inglaterra), George Carey, em um discurso proferido na Igreja da Santíssima Trindade, em Shrewsbury, declarou que a Igreja Anglicana estava “a uma geração da extinção”.

De fato, a igreja está sempre a uma geração da extinção, e assim foi com o povo de Deus do AT. Um grande capítulo da história de Israel havia chegado ao fim. O futuro do povo dependia do tipo de resposta que ele daria às muitas perguntas que dizem respeito ao futuro: Israel seria fiel ao Senhor? Será que conseguiria continuar a tarefa inacabada de possuir toda a Terra Prometida? Conseguiria se apegar a Yahweh e não se envolver com a adoração de ídolos? Sob o comando de Josué, uma geração permaneceu fiel ao Senhor, mas será que a próxima geração manteria a mesma direção espiritual traçada por seu grande líder? Cada geração sucessiva do povo de Deus, ao ler o livro de Josué, deve responder a essas mesmas perguntas. Seu êxito depende das respostas que derem em sua vida cotidiana e de como se relacionarem com as verdades que receberam.

Josué, assim como Paulo, podia dizer: “Combatí o bom combate” (2Tm 4:7). Qual foi a chave para o sucesso de Josué? Que decisões você precisa tomar hoje para terminar com a mesma certeza da salvação?

Estudo adicional

Leia, de Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 456-459 (“As últimas palavras de Josué”).

“Entre as multidões que saíram do Egito havia muitos que tinham sido adoradores de ídolos; e tal é o poder do hábito que a prática continuou secretamente, até certo ponto, mesmo depois do estabelecimento em Canaã. Josué tinha consciência desse mal entre os israelitas e percebeu claramente os perigos que resultariam disso. Ele desejava sinceramente ver uma reforma completa entre o exército hebreu. [...] Embora uma parte da hoste hebraica fosse adoradora espiritual, muitos eram meros formalistas. [...] Alguns eram idólatras de coração, que se envergonhariam de se reconhecer como tais” (Ellen G. White, *Signs of the Times*, 19 de maio de 1881).

“Essa solene aliança foi registrada no livro da lei, para ser sagradamente preservada. Josué ergueu então uma grande pedra debaixo de um carvalho que estava junto ao santuário do Senhor. ‘E disse Josué a todo o povo: Eis que esta pedra nos será por testemunha, porque ela ouviu todas as palavras do Senhor, que Ele nos falou; portanto vos será por testemunha, para que não negueis o vosso Deus.’ Aqui Josué afirma claramente que suas instruções e advertências ao povo não eram suas próprias palavras, mas as palavras de Deus. Essa grande pedra permaneceria para testificar às gerações seguintes [...] e seria uma testemunha contra o povo, caso eles voltassem a se degenerar em idolatria” (Ellen G. White, *Signs of the Times*, 26 de maio de 1881).

Perguntas para consideração

1. Discuta o significado da expressão: “O SENHOR [...] é Deus santo, Deus zeloso” (Js 24:19). Em que sentido Ele é um Deus zeloso?
2. Nosso amor por Deus está ligado à liberdade de escolha que Ele concede? Poderíamos amar se não tivéssemos liberdade? O amor pode ser forçado?
3. Como os líderes de hoje podem passar a tocha para a próxima geração?
4. Em toda a vida de Josué os israelitas serviram ao Senhor. Que conclusão você gostaria que as pessoas tirassem sobre a sua vida?

Respostas às perguntas da semana: 1. Em Josué 24:2 a 13, Deus relembra Sua fidelidade desde Abraão até a conquista de Canaã, destacando que tudo foi obra Dele, não de Israel. Suas promessas foram cumpridas na conquista da terra de Canaã. 2. Josué exigiu uma decisão radical: servir só a Yahweh com “integridade” e “fidelidade”. 3. Israel prometeu fidelidade à aliança com Deus, mas Josué desafiou sua sinceridade, pois conhecia seu coração propenso à idolatria. 4. A repetição do apelo revela que confissões verbais não bastam – era necessário abandonar ídolos concretos. 5. O epílogo aponta para o futuro: a menção da terra não totalmente conquistada, a fidelidade temporária e os ossos de José prenunciam tanto a apostasia em Juízes quanto a esperança escatológica.

LIÇÃO DO PRÓXIMO TRIMESTRE: Cristo em Filipenses e Colossenses

Autor: Clinton Wahlen

LIÇÃO 1: 27 DE DEZEMBRO A 4 DE JANEIRO

Receita para o sucesso

VERSO PARA MEMORIZAR

"Alegrem-se sempre no Senhor; outra vez digo: alegrem-se!"
(Fp 4:4).

1. Leia Efésios 3:1 e Filemom 1. Como Paulo descreveu sua prisão? Por que isso era importante para sua missão?
2. Leia 2 Coríntios 4:7-12. Segundo esse texto, como Paulo conseguia suportar as provações que enfrentava? Qual era o foco de sua vida?
3. Leia 2 Coríntios 6:3-7. Quais recursos espirituais Paulo tinha à sua disposição para enfrentar essas dificuldades?
4. Leia Filemom 15, 16; Colossenses 4:9. Que atitude Paulo sugeriu, de forma sutil, que Filemom tivesse em relação a Onésimo?
5. Leia Filipenses 1:1-3 e Colossenses 1:1, 2. Como Paulo descreveu as igrejas de Filipos e Colosso, e o que essa descrição nos ensina?

Leituras da semana

Ef 3:1; 2Co 4:7-12; At 9:16; Fm 15, 16; Cl 4:9; Fp 1:1-3; Cl 1:1, 2

Estudo adicional

“Deus escolheu você para a salvação por meio da santificação do Espírito e da fé na verdade. Portanto, permaneça firme. [...] Se você servir a Deus com fidelidade, enfrentará preconceitos e oposição. Ainda assim, não permita que a injustiça o irrite nem retribua o mal com o mal. Preserve sua integridade em Jesus Cristo e mantenha seu olhar fixo no Céu. Deixe que os outros digam o que quiserem e sigam seus próprios caminhos; quanto a você, avance com mansidão e humildade, seguindo o exemplo de Cristo. Realize sua obra com propósito firme, pureza de coração e com todas as suas forças, apoiando-se no braço de Deus. Talvez você nunca compreenda plenamente a verdadeira e elevada natureza de sua missão. O valor de sua vida só pode ser medido pela vida que foi entregue para salvá-lo. [...]”

“Para cada pessoa que está crescendo em Cristo, haverá momentos de luta intensa e prolongada, pois os poderes das trevas estão determinados a impedir esse progresso. Contudo, enquanto mantivermos nossos olhos fixos na cruz de Cristo em busca de graça, jamais cairemos. O Redentor nos promete: ‘De maneira alguma deixarei você, nunca jamais o abandonarei’ (Hb 13:5); ‘Eis que estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos’” (Mt 28:20; Ellen G. White, *The Youth’s Instructor*, 9 de novembro de 1899).

Perguntas para consideração

1. Paulo foi preso várias vezes, sempre de forma injusta. Como você reage quando é tratado de maneira semelhante? Que promessas bíblicas podem trazer conforto nesses momentos?
2. Tratando da perseguição aos cristãos, Tertuliano, um líder da igreja antiga, afirmou: “Quanto mais somos cortados por vocês, mais numerosos nos tornamos; o sangue dos cristãos é uma semente” (Alexander Roberts e James Donaldson, eds., *Ante-Nicene Fathers* [Hendrickson, 1999], v. 3, p. 55). No entanto, em algumas épocas e lugares, a perseguição dificultou bastante o cumprimento da missão. Como podemos apoiar aqueles que são perseguidos por sua fé?
3. “Alegrem-se sempre” (Fp 4:4). Como é possível praticar esse princípio? Alguém que você ama está doente ou falece. Você perde o emprego. Sofre dores físicas intensas. Talvez a chave para compreender essa passagem seja perguntar: “Devemos nos alegrar sempre em quê?” Ou seja, independentemente da situação, qual é o fundamento da nossa alegria?

Respostas às perguntas da semana: 1. Paulo se via como prisioneiro de Cristo, não de Roma. Sua prisão fazia parte do plano de Deus para alcançar outros com o evangelho. 2. Ele suportava porque confiava no poder de Deus. Seu foco era refletir a vida de Jesus mesmo em meio ao sofrimento. 3. Tinha a presença do Espírito Santo, pureza de coração, paciência e o poder de Deus agindo por meio da verdade. 4. Paulo sugeriu que Filemon o recebesse como irmão, não mais como escravo. 5. Ele chamou os cristãos de santos e fiéis. Isso mostra que, mesmo com desafios, eles permaneciam firmes em Cristo.